

Werdlen

BRUCIMÁRIO

1

Veronez Taironne

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS  
Programa de Pós-graduação em Letras

Pulcena

Nevergi

Thierry Hanry

Deicharlainder

Ronaldinho

Elzalaide

Jhonayra

Terizalda

**MOTIVAÇÃO LEXICAL:**

**aspectos históricos e socioculturais na antroponímia  
e na antonomásia da cidade de São José do Jacuri - MG**

Elimarco

Tcharla

Kettily

Stanislainny

Aldeysio

Belmonth

Miryaelle

Lindoécia

Avaides

Analís

Lindelbra

Laci Ábdos

ERMENEGILDO

Belo Horizonte

Chilavert

2010

Laynisson

Zé Cueca

Veiquê 2

SOCA

Shirlene Aparecida da Rocha

CATITA

Nóia

Pitoca

Dão

Noturno

Duroque

Boré

FAÍSCA

**MOTIVAÇÃO LEXICAL:**

**aspectos históricos e socioculturais na antroponímia e na antonomásia da cidade de São José do Jacuri - MG**

RAVENGAR

Liso

Sereco

Vazinho

Tita

Zizi

Soró

Zé Peroba

Buquinha

Pastel

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Jurubeba

Orientadora: Prof. Dra. Vanda de Oliveira Bittencourt

Zé Rutinho

Neném Castor

Tunde

Zé Pega Pinto

MEIO QUILO

Fominha

João Cara Larga

Zé Capeta

Cenourão

Belo Horizonte  
2010

GERALDO TURINHA

Chuquinho

## FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

R672m Rocha, Shirlene Aparecida da  
Motivação lexical: aspectos históricos e socioculturais na antroponímia e na  
antonomásia da cidade de São José do Jacuri – MG / Shirlene Aparecida da  
Rocha. Belo Horizonte, 2010.  
130f. : il.

Orientadora: Vanda de Oliveira Bittencourt  
Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais,  
Programa de Pós-Graduação em Letras

1. Dialeto – Minas Gerais. 2. Linguagem e línguas – São José do Jacuri  
(MG). 3. Nomes próprios. 4. Apelidos. 5. Cultura histórica. I. Bittencourt, Vanda  
de Oliveira. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de  
Pós-Graduação em Letras. III. Título.

CDU: 801.313

**Shirlene Aparecida da Rocha**

**MOTIVAÇÃO LEXICAL: aspectos históricos e socioculturais na antroponímia e na antonomásia da cidade de São José do Jacuri - MG**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2010.

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vanda de Oliveira Bittencourt (Orientadora)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carolina do Socorro Antunes Santos (UFMG)

---

Prof. Dr. Marco Antônio de Oliveira (PUC Minas)

Belo Horizonte, 12 de fevereiro de 2010

Dedico o presente trabalho aos meus familiares pelo estímulo constante à minha caminhada pessoal e profissional, sobretudo pelo apoio que me deram, ajudando-me a vencer os quilômetros de viagem de São José do Jacuri, minha terra natal, e as pedras encontradas no caminho percorrido durante o meu Curso de Mestrado na PUC Minas.

## AGRADECIMENTOS

Agradecer é reconhecer que o homem jamais poderá lograr para si o dom de ser autossuficiente. Por isso, agradeço:

primeiramente, a DEUS, por sempre estar comigo;

à Prof.<sup>a</sup> Dra. Vanda de Oliveira Bittencourt, minha orientadora, pela ajuda na escolha e no desenvolvimento do tema; pelo empenho, atenção, auxílio e, principalmente, pelo seu exemplo de docência, generosidade e compreensão diante dos meus limites;

à minha mãe, Maria José, à minha filha, Danielly, e a meus irmãos, Cláudio, Claudinei, Rosilene e Valdirene, que, com palavras, gestos e olhares cúmplices, acompanharam-me neste percurso, incentivando-me a prosseguir numa caminhada marcada por ausências;

ao Nei e à Adriana, pelo incentivo e carinho com que me receberam em sua casa durante todo o tempo de meus estudos na PUC Minas;

ao Fernando, pela compreensão, carinho e estímulo a mim demonstrados durante todo o curso;

ao meu ex patrão, José Geraldo Gonçalves, pela compreensão de minhas ausências forçadas, no serviço e pelo apoio incondicional manifestado durante todo o período de meu deslocamento (necessário) até Belo Horizonte;

a todos os meus cunhados, cunhadas, tias, tios, parentes outros e amigos, que, direta ou indiretamente, contribuíram e torceram para a realização deste meu sonho;

aos Professores do Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas, pelo calor da acolhida, pelo legado dos ensinamentos com que nos presentearam e, principalmente, pelo exemplo de cidadania e de humanidade que nos deixaram como legado a imitar;

à Nilma Gonçalves, Nilma Nascimento, Manoela, Neide Oliveira, Neide Gonçalves que foram pessoas que sempre acreditaram em mim e me incentivaram a não desanimar diante das dificuldades encontradas no percurso deste curso;

à Celma Caldeira, Coordenadora do Curso de Letras da Unimontes em Guanhães quando eu me graduei, pessoa de extrema capacidade e preocupação com uma Educação de qualidade, foi exemplo de competência e incentivo para que eu prosseguisse meus estudos e, certamente se fosse Superintendente quando eu comecei a estudar, teria me dado o apoio que eu precisei na época para não perder meu emprego e infelizmente não obtive;

a todos os meus colegas de serviço da Prefeitura Municipal de São José do Jacuri, de um modo particular, à minha amiga Marissol, que, com toda a boa-vontade e desprendimento que lhe são peculiares, assumiu, durante o meu tempo de estada em Belo Horizonte, as atividades a mim atribuídas.

## Nomes

[...]

Tem tanto nome aí pelo mundo

Tanto nome pra gente brincar

Nome pra gente bagunçar

É só pegar, quebrar, desconjuntar e começar

Exemplo:

Ana Catimbirimbana

Caco Chulé

Birolho Biruta

Ricardo Mané

Carlota Capota

Gabriel Gabiru

Noah na boa

Tomé Uhhuu !

Luis Cláudio Caquinha

Brás Menelau

Sama Corneta

Dora Vendaval

Carlinhos Firinflaus

Flávio Lhulhu

Wellington...Wellington não tem rima?

Vou tentar outra, espera aí...

Josefina Fina

Ketty Lee...Ketty Lee,

também não tem rima...???

Hum..."

Autor: Lu Lopes

Gravação: Banda Gihante

## RESUMO

Com base na ideia de que a língua espelha e ajuda a construir o contexto histórico, político, econômico e sociocultural dos diferentes grupos humanos de diferentes épocas e espaços, no presente trabalho, busca-se examinar o modo como se dá essa ligação no campo da onomástica pré-nominal. Para tanto, elegeu-se como território-alvo dessa investigação a cidade de São José do Jacuri, localizada na Mesorregião do Vale do Rio Doce, no Estado de Minas Gerais. Tendo em vista a amplitude da pesquisa a efetuar, optou-se, aqui, por estudar-lhe aspectos antroponímicos e antonomásticos dos prenomes conferidos por/a seus habitantes. (Re)criados, aproveitados, adaptados de acordo com o contexto em que se acham inseridos — quer local, quer global — esses dois tipos de nomeação de pessoa decorrem, por vezes, da aplicação de regras fonéticas, morfológicas e sintáticas da língua oral espontânea e de interpretações semânticas e pragmáticas que resultam em efeitos surpreendentes. Alguns onomásticos — nomes de batismo ou apelidos (principalmente) — chegam a ser hilários, provocando risos nas pessoas circundantes e um sorriso por vezes desenxabido nos indivíduos apelidados. Contudo, é comum entre as novas gerações de jacurienses a atribuição de nomes próprios insólitos e, sobretudo, o seu “rebatismo” por meio de apelidos, mais ou menos ligados a alguma(s) característica(s) de seu portador. São esses, pois, os dois veios lexicais — “nomes de pia” e apelidos — que, examinados à luz de áreas de estudos como a da Lexicologia, da Semântica, da Descrição Gramatical (de linha tradicional e funcionalista com o seu princípio da iconicidade), da Variação e Mudança Linguística e da Memória e Sociedade, nos permitiram identificar e examinar aspectos históricos e socioculturais que contribuíram para construir, na materialidade linguística, o jeito de ser dessa cidade interiorana das Minas Gerais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Dialeto mineiro. O linguajar de São José do Jacuri. Nomes próprios e apelidos. Estratégias de formação. Motivação histórica e sociocultural

**LINHA DE PESQUISA:** variação e Mudança Linguística

### ***ABSTRACT***

This work focuses on some aspects of the language of SÃO JOSÉ DO JACURY, a small city in Vale do Rio Doce, Minas Gerais, Brazil. It supports the idea that the lexical body of language can give us informations about the historical, political, social and cultural context of communities of different speeches. Naturally, the object of study was not chosen randomly, but it was motivated by a tradition that has been forming in the city: to name its inhabitants or to replace their original name to nicknames. These names and nicknames show us the strategies used by São José do Jacuri's people in their linguistic composition as well their historical, political, social and cultural habits. In fact, this paper explores one kind of functional explanation: those linguistic forms are frequently the way they are because they show the conceptual structures, the social and cultural aspects they are used in one's own benefit. Motivated by several reasons, the names and the nicknames studied here express the mentality, the way of life of the inhabitants from São José do Jacuri.

**KEYWORDS:** Dialect from Minas Gerais; The language of São José do Jacuri. Peoples names and nicknames. Historical and social cultural reflecting.

**RESEARCH LINE:** Linguistic Change and Variation.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### QUADROS

QUADRO 1 Epítetos apreciativos e depreciativos correntes em São José do Jacuri .....	18-19
QUADRO 2 Termos e expressões idiomáticos “verbais” ocorrentes na fala jacuriense .....	40
QUADRO 3 Termos idiomáticos “nominais” ocorrentes na fala jacuriense .....	41
QUADRO 4 Processos de formação lexical no português .....	53
QUADRO 5 A Onomástica e suas ramificações .....	66
QUADRO 6 Exemplos de antropônimos extravagantes encontrados em São José do Jacuri	69
QUADRO 7 Prenomes jacurienses mono e binucleares: configuração estrutural e estratégias de formação .....	71
QUADRO 8 Prenomes jacurienses com mais de dois núcleos: configuração estrutural .....	72
QUADRO 9 Prenomes compostos de nomes de gênero contrário ao do nomeado .....	76
QUADRO 10 Prenomes jacurienses conferidos em homenagem a familiares ou amigos ....	79
QUADRO 11 Prenomes jacurienses conferidos em agradecimento pessoal a benfeitores ...	79
QUADRO 12 Prenomes jacurienses conferidos em homenagem a ídolos e celebridades ....	82
QUADRO 13 Prenomes jacurienses de origem bíblica: “Antigo Testamento” .....	85
QUADRO 14 Prenomes jacurienses de origem bíblica: “Novo Testamento” .....	86
QUADRO 15 Prenomes jacurienses relacionados com nomes de santos .....	91
QUADRO 16 Apelidos assumidos pelos candidatos jacurienses às eleições de 2008 .....	96
QUADRO 17 Apelidos masculinos compostos por acréscimo de nome de familiar .....	104
QUADRO 18 Apelidos femininos compostos por acréscimo de nome de familiar .....	105
QUADRO 19 Apelidos relacionados com traços pessoais dos jacurienses .....	109
QUADRO 20 Apelidos jacurienses de caráter hipocorístico .....	111

## **FIGURAS**

FIGURA 1 Modelo de ficha usado no registro de dados pessoais dos informantes .....	22
FIGURA 2: Modelo de ficha usado no registro de dados a respeito da constituição e escolha de nomes e apelidos de jacurienses .....	23

## **MAPAS**

MAPA 1 Localização da cidade de São José do Jacuri no Estado de Minas Gerais .....	15
MAPA 2 Localização da Mesorregião do Vale do Rio Doce no Estado de Minas Gerais ...	29
MAPA 3 Localização da cidade de São José do Jacuri na Mesorregião do Vale do Rio Doce - - MG .....	30

## **FOTOS**

FOTO 1 Vista panorâmica da cidade de São José do Jacuri-MG.....	26
FOTO 2 Praça principal da cidade de São José do Jacuri .....	44
FOTO 3 Sr. Levi, cidadão mais idoso de São José do Jacuri, com seus 108 anos .....	60
FOTO 4 Lembrança da primeira igreja de São José do Jacuri .....	115

**LISTA DE TABELAS**

TABELA 1 Perfil demográfico de São José do Jacuri no ano de 1997 .....	32
TABELA 2 Índice de analfabetismo em São José do Jacuri no período de 1998 a 2000 .....	36

**LISTA DE ABREVIATURAS**

- Abrev. – Abreviatura  
Adj. – Adjetivo  
Adv. – Advérbio  
AP – Apelido  
Conj. – Conjunção  
Coord. – Coordenador  
N – Nome/ Núcleo  
Org. – Organizador  
Pref. – Prefixal  
Prep. – Preposição  
SN – Sintagma Nominal  
SPrep – Sintagma Prepositivo (ou Preposicional)  
SV – Sintagma Verbal  
Subst. – Substantivo  
Suf. – Sufixal  
Voc. – Vocabular

## LISTA DE SIGLAS

ACM – Antônio Carlos Magalhães (político baiano, já falecido)

AT – Antigo Testamento

DATASUS – Dados do Sistema Único de Saúde

EADCON – Ensino à Distância Continuada

FAEL – Faculdade Educacional da Lapa

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MEC – Ministério de Educação e Cultura

NT – Novo Testamento

PC do B – Partido Comunista do Brasil

PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

PP – Partido Progressista

PUC – Pontifícia Universidade Católica

SESC – Serviço Social do Comércio

UNIMES – Universidade Metropolitana de Santos

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO: “DIZE-ME COMO TE CHAMAS E TE DIREI QUEM ÉS”</b> .....	15
<b>1.1 Delimitação do objeto de estudo e justificativa</b> .....	16
<b>1.2 Objetivos</b> .....	21
<i>1.2.1 Geral</i> .....	21
<i>1.2.2 Específicos</i> .....	21
<b>1.3 Metodologia</b> .....	22
<i>1.3.1 Relativa ao corpus</i> .....	22
<i>1.3.2 Relativa à fundamentação teórica</i> .....	23
<b>1.4 Plano do trabalho</b> .....	24
<b>2 SÃO JOSÉ DO JACURI: RETRATO DE UMA CIDADE</b> .....	26
<b>2.1 Considerações iniciais</b> .....	27
<b>2.2 Dados históricos</b> .....	28
<b>2.3 Dados geográficos</b> .....	28
<i>2.3.1 Localização da cidade</i> .....	29
<i>2.3.2 Hidrografia, clima e relevo</i> .....	30
<i>2.3.3 Demografia</i> .....	32
<b>2.4 Dados socioculturais</b> .....	33
<i>2.4.1 Economia</i> .....	34
<i>2.4.2 Educação</i> .....	34
<i>2.4.3 Assistência à saúde</i> .....	36
<i>2.4.4 Esportes e lazer</i> .....	37
<i>2.4.5 Práticas religiosas</i> .....	38
<b>2.5 Dados linguísticos gerais</b> .....	39
<b>2.6 Conclusão</b> .....	42
<b>3 A CONSTITUIÇÃO VOCABULAR NO PORTUGUÊS: ESTRATÉGIAS E DETERMINAÇÕES DE USO</b> .....	44
<b>3.1 Considerações iniciais</b> .....	45
<b>3.2 Processos de criação vocabular no português: tipologia e vitalidade</b> .....	45
<i>3.2.1 Procedimentos básicos</i> .....	46
<u>3.2.1.1 Composição</u> .....	46
<u>3.2.1.2 Derivação</u> .....	48

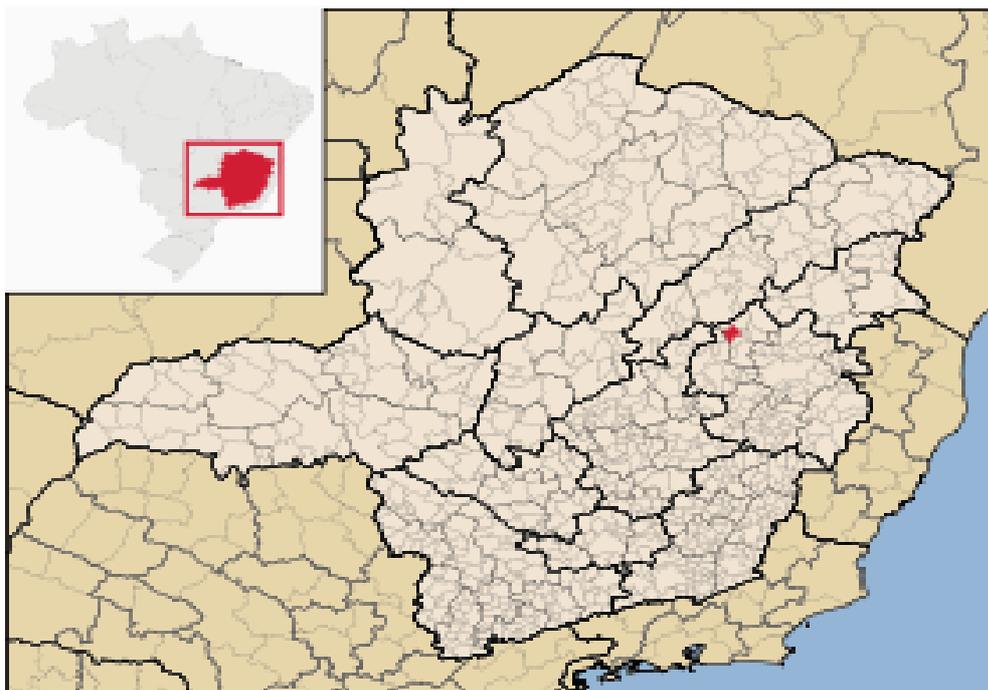
<b><u>3.2.1.3 Recategorização</u></b> .....	49
<b>3.2.2 Procedimentos outros</b> .....	50
<b><u>3.2.2.1 De redução</u></b> .....	50
<b><u>3.2.2.2 De aumento</u></b> .....	52
<b><u>3.2.2.3 De empréstimo</u></b> .....	52
<b>3.3 Motivação lexical: formas de manifestação e efeitos de sentido</b> .....	54
<b>3.4 Conclusão</b> .....	58

#### **4 O LÉXICO ONOMÁSTICO EM SÃO JOSÉ DO JACURI: CONSTITUIÇÃO E MOTIVAÇÃO** .....

<b>4.1 Considerações iniciais</b> .....	61
<b>4.2 Antroponímia e Antonomásia: desdobramentos da Onomástica</b> .....	63
<b>4.3 A prática de nomeação pessoal em São José do Jacuri: análise do <i>corpus</i></b> .....	67
<b><i>4.3.1 Nomes de batismo</i></b> .....	68
<b><u>4.3.1.1 Visão geral</u></b> .....	68
<b><u>4.3.1.2 Constituição formal</u></b> .....	70
<b><u>4.3.1.3 Estratégias</u></b> .....	73
<b><u>4.3.1.4 Motivação e repercussão</u></b> .....	77
<b><i>4.3.2 Apelidos</i></b> .....	95
<b><u>4.3.2.1 Visão geral</u></b> .....	95
<b><u>4.3.2.2 Constituição formal</u></b> .....	98
<b><u>4.3.2.3 Estratégias</u></b> .....	100
<b><u>4.3.2.4 Motivação e repercussão</u></b> .....	103
<b>4.4 Conclusão</b> .....	113

#### **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: “DIZE-ME TEU NOME E/OU TEU APELIDO E TE DIREI DE ONDE VENS”** .....

<b>REFERÊNCIAS</b> .....	123
--------------------------	-----



**Mapa 1: Localização do município de São José do Jacuri no Estado de Minas Gerais**

## **1 INTRODUÇÃO: “DIZE-ME COMO TE CHAMAS E TE DIREI QUEM ÉS”**

“Seu” Veiga, amante de boa leitura e cuja cachaça era colecionar livros, embora colecionasse também filhos, talvez com a mesma paixão, levou sua mania ao extremo de batizar os rebentos com nomes que tivessem relação com livros. Assim, o mais velho chamou-se Prefácio da Veiga; o segundo, Prólogo; o terceiro, Índice e, sucessivamente, foram nascendo o Tomo, o Capítulo e, por fim, Epílogo da Veiga, caçula do casal.

Lembro-me bem dos filhos de “Seu” Veiga, todos excelentes rapazes, principalmente o Capítulo, sujeito prendado na confecção de balões e papagaios. Até hoje (é verdade que não me tenho dedicado muito na busca) não encontrei ninguém que fizesse um papagaio tão bem quanto Capítulo. Nem balões. Tomo era um bom extrema-direita e Prefácio pegou o vício do pai - vivia comprando livros. Era, aliás, o filho querido de “Seu” Veiga, pai extremoso, que não admitia piadas. Não tinha o menor senso de humor. Certa vez ficou mesmo de relações estremecidas com meu pai, por causa de uma brincadeira. “Seu” Veiga ia passando pela nossa porta, levando a família para o banho de mar. Iam todos armados de barracas de praia, toalhas etc. Papai estava na janela e, ao saudá-lo, fez a graça:

— Vai levar a biblioteca para o banho? “Seu” Veiga ficou queimado durante muito tempo.

Stanislaw Ponte Preta (1963, p. 175)

## 1.1 Delimitação do objeto de estudo e justificativa

Durante um bom tempo da vida, fui tomada de surpresa — para não dizer estupefação — por um costume arraigado entre meus conterrâneos de batizar pessoas, animais, cidades, praças, ruas, rios e morros com nomes extravagantes, quase todos cômicos por natureza.

Para começo de conversa, intrigava-me o próprio tipo de combinação expresso no nome de minha cidade: SÃO JOSÉ DO JACURI. Ciente de que era encastuada no interior de Minas, na parte da Mesorregião banhada pelo Rio Doce, como compreender um topônimo que trazia consigo um antropônimo importado do texto bíblico? Como entender a sua relação com São José, esposo santo da Virgem Maria e pai do Menino Jesus, vindo de terras e tempos tão longínquos? Mais complicado, ainda, era explicar a sua combinação com outro termo oriundo de uma das línguas indígenas brasileiras: JACURI, que, caracterizado como substantivo comum tem o significado de ‘rio’, “alçado”, depois, por processo metonímico, à categoria de nome próprio, ou melhor, de um topônimo usado para designar um dos afluentes do Rio Doce.

O fato de saber que *jacuri*, em sua acepção original, significava ‘rio dos jacus’, espécie de pássaros encontrada nas matas primitivas do Brasil, foi um dos bons motivos que me levaram a cometer “estrepolias” lexicais, que, embora me parecessem originais, irritavam sobremaneira os familiares e os demais jacurienses. Informada por algum dicionário de que a palavra “jacu”, tal como “caipira”, podia ser usada no sentido pejorativo de ‘manoteador (“manoteiro”), bobalhão, burro”, tratei de explorar a estratégia da redução de palavras por abreviatura, batizando a cidade com novo nome: SÃO JOSÉ DOS JACUS, que, até certo ponto, passou a concorrer com o original, SÃO JOSÉ DO JACURI. Como nem toda a gente do lugar tinha conhecimento dessa acepção depreciativa do termo *jacu*, a nova designação foi aceita e difundida por algumas pessoas, apesar de toda a carga cômica que trazia embutida na sua ambiguidade.

Por fim, a concorrência com a “Lei da Economia” linguística e com a criatividade lexical dos jacurienses acabou desbancando tanto o nome original da cidade quanto o seu pretenso substituto, de acepção pejorativa. Numa operação redutora, comum na formação vocabular de nossa língua e de outras mais, o povo de São José do Jacuri, foi, aos poucos, identificando a cidade com o nome do Jacuri, conforme nos comprovam dados como os de abaixo:

(1) a- “Aqui no **Jacuri**, o tal de “ficar” não só pegou como já vem se alastrando feito erva daninha.”

b- “Nas próximas férias, quero ficar de pernas pro ar lá no **Jacuri**.”

Atentando-me para esse tipo de corte, percebi que a sua maior vítima não foi *São José*, carpinteiro ilustre do **Novo Testamento** expulso do sintagma, mas, sim, o povo do Jacuri, que o tinha como padroeiro da cidade. Com isso, recolheu-se ao fundo de nossa memória uma das heranças culturais deixadas pelos colonizadores portugueses, que, segundo reza a história, passaram a povoar a região a partir de 1818, com a instalação de Manuel Pereira do Nascimento e sua família.

Outra implicância léxico-cultural — no caso, herdada do meu avô — a ser lembrada aqui era contra o modo como os adultos jacurienses da minha infância se *sodavam* uns aos outros. Assim que se viam, iam logo dizendo um ao outro: “— Ô, sô!”, em vez de “bom-dia, Fulano!”, “Boa-tarde, ou “boa-noite, Sicrano!”. Do mesmo jeito, quando se despediam, mal pronunciavam um “— Inté!”, reduzido, quase sempre, a “—Té!”, ambos em pronúncia gutural. “Até logo”, “até mais ver”, “até mais”, “até outro dia” não faziam parte do vocabulário das pessoas daquela época. No caso específico das crianças, tal situação de fala por si só já traduzia o seu *status* pueril. Ao encontrar algum adulto ou dele se despedir, o ato que eram obrigadas a executar era sempre o mesmo: estender a mão em riste àqueles a que deviam respeito, pedindo-lhes “— Bença!”, com a cabeça inclinada e as bochechas avermelhadas. Era divertido ouvir ou ter que falar: “Bença, Seu Zé de Sá Aninha!”, Bença Seu Toninho do Gago!”, “Bença, Dona Maria do Zé do Pastel!”, “Bença, Ritinha do Tomba-Égua!”.

A interpelação era feita assim mesmo: em forma do apelido que acabava, já naquela época, se incorporando à pessoa, fazendo esquecer o seu nome de batismo. Esse hábito era de tal modo arraigado entre nós, que o próprio “apelidado” não gostava de ser chamado pelo nome oficial. Não é à toa, pois, que ninguém sabia o nome verdadeiro de “Batatinha”, “Chulé Azedo”, “Lalada de Cristóvão da Fazenda”, “Tição da Roça”, “Chico da Sombra”, “Maria do Corgo” e outros mais. Muitas vezes, nem o próprio dono se lembrava dele. Assim, eram, e ainda são, poucos os “nomes de pia” mantidos em sua forma original, no Jacuri. Eram raros os casos de emprego de antropônimos como os de: Seu Geraldo de Souza, Seu Natanael da Silva,

Dona Maria Petrina, ou Silvana da Conceição. Conclusão lexical: a gente de São José do Jacuri, ou melhor, do Jacuri, mantém a preferência em ser identificada através de apelido, apreciativo ou não, em lugar de seu nome de batismo. Todavia, embora a alcunha fale mais alto que o nome original, ambos costumam ser dotados de uma carga informativa variada, que, dependente de sua escolha pelos pais, nos revela aspectos da história, da situação econômica, do quadro sociocultural de São José do Jacuri. Que o digam nomes como *Fernando Henrique Cardoso, Maria Nora Nei, Maiquel Jacson, Ronaldinho, Silvestre Stolone, Simone*, etc., ou apelidos como: *Geraldo Fubá, João da Cara Arreganhada, Meio Quilo, Tica do Zé Cueca, Zé do Frango*, etc. No mesmo ímpeto avassalador com que os políticos de todo o país vêm se valendo da estratégia eleitoreira de incorporar, oficialmente, o apelido com que é conhecido ao seu nome oficial, os candidatos a cargos políticos do Jacuri fizeram o mesmo: dos trinta e quatro postulantes ao cargo de Vereador, apenas cinco utilizaram, em sua campanha, o nome oficial, conforme será mostrado posteriormente.

Naturalmente, o linguajar típico dos jacurienses não se revela apenas por meio de nomes próprios. Embora tenha vencido, neste trabalho, a opção pelo estudo da onomástica, tem-se, no Quadro abaixo, uma lista de expressões adjetivas utilizadas pelos jacurienses assim como em outros lugares de Minas como modalizadores de avaliação positiva e negativa das pessoas de sua convivência:

DE CARÁTER VALORATIVO		DE CARÁTER DESLUSTRATIVO	
Termos/expressões	Significado(s)	Termo/expressões	Significado(s)
<i>Bũito</i>	‘Bonito, engraçadinho’	<i>Anta, jumento</i>	‘Ignorante, burro’
<i>Bidu</i>	‘Adivinhão, sabichão’	<i>Baldoso</i>	‘Manhoso’
<i>Chocolate</i>	‘Bonito, mas comprometido’	<i>Bocado</i>	‘Língua solta, mexeriqueiro’
<i>Daneca</i>	‘Esperto, sabichão’	<i>Estripado /Est(r)iprado</i>	‘Destruído, que perdeu tudo’
<i>Das Arábias</i>	‘Ótimo, admirável, notável, brilhante’	<i>Fedido</i>	‘Desleixado, desarrumado’
<i>De arromba De fechar o comércio</i>	‘Lindo demais’	<i>Inconha</i>	‘Chato, aborrecido’
<i>Espoleta</i>	‘Traquinas, levado’	<i>Lopardo</i>	‘Aloprado, maluco’
<i>Evereste</i>	‘Charmoso, elegante’	<i>Mané</i>	‘Lerdo, idiota’
<i>Fedegoso</i>	‘Cheiroso, perfumoso’	<i>Momento</i>	‘Cheio de momo, de

			frescuras”
<i>Fera</i>	‘Inteligente, capaz’	<i>Nestô</i>	‘Desonesto, mentiroso’
<i>Foda</i>	‘Fora de série, excepcional’	<i>Panvermina</i>	‘Chato, inconveniente’

(conclusão)

DE CARÁTER VALORATIVO		DE CARÁTER DESLUSTRATIVO	
Termos/expressões	Significado(s)	Termo/expressões	Significado(s)
<i>Gaporé</i>	‘Inteligente, estudado’	<i>Poeta</i>	‘Mulherengo, rabo-de-saia’
<i>Gogó de ouro</i>	“Que canta bem, que tem voz bonita”	<i>PR</i>	‘Chato, desagradável’
<i>Indolente</i>	‘Habilidoso’	<i>Rato</i>	‘Ladrão’
<i>Infernal</i>	‘Admirável, excepcional’	<i>Rasteiro</i>	‘Dissimulado’
<i>Milongo</i>	‘Astucioso, esperto’	<i>Supresto</i>	‘Visita que não vai embora’
<i>Rolfín</i>	‘Rapaz bonito feito Errol Flynn’	<i>Tirado</i>	‘Metido’
<i>Roldão</i>	‘Atraente, conquistador de mulheres’	<i>Tipa</i>	‘Antipático’

**Quadro 1: Epítetos apreciativos e depreciativos correntes em São José do Jacuri**  
**Fonte: Dados da pesquisa**

Uma observação a fazer é que a lista acima não foi composta aleatoriamente, mas, sim, intencionalmente, com o intuito de revelar algumas das técnicas de constituição vocabular utilizadas na comunidade Jacuriense. Assim é que termos como “batuta” (‘bastão usado por regentes de orquestra e de coral’), “espoleta” (‘artefato destinado a provocar a explosão da carga interna dos projéteis’), “foda” (‘ato sexual’), dentre outros, ilustram o recurso à estratégia de desvio de classe, função e significado de nomes substantivos para nomes adjetivos. No mais das vezes, essa recategorização efetuada pelos falantes também não é aleatória, pois que associada a juízos de valor a respeito do sujeito, do objeto, ou do fato referido. No caso particular de vocábulos como Rolfín, Mané e Nestô, essa transposição é ainda mais radical, pois que implica o uso de antropônimo como adjetivo indicador de alguma qualidade ou defeito da pessoa mencionada (referida) pelo enunciador.

A relação entre o “neologismo” adjetival e o “nome de pia” originário que o motivou pode ser captada em enunciados como o de abaixo em que uma mãe se vale do seguinte expediente para corrigir o filho mentiroso:

- (2) “Ocê num vem me dá uma de **Nestô** não, viu? Fala logo a verdade, que eu não tô aqui pra engolir suas desculpas esfarrapadas.”

Na contramão desse processo, existe outro no qual, um termo também de cunho qualificativo — positivo ou negativo — é transposto para a esfera da nomeação, chegando, muitas vezes, a ser transformado em apelido, que, por sinal, costuma expressar, iconicamente, algum traço característico do sujeito apelidado. Confirmam-nos isso os seguintes dados colhidos, informalmente, de conversas do Jacurienses:

(3) a- “Me chame o **PR** aí, que eu tenho umas conta pra acertá com ele.”

b- “Ocê lembrou de pedi o **Pé-de-Pano** pra trazer as compra aqui pra casa?”

Para finalizar os comentários à lista acima, mencione-se aqui a questão da “memória linguística”, ou, mais precisamente, da “memória lexical” relativa à sincronia presente. A conservação da sigla “PR”, por exemplo, é sintomática, assim como o é a do nome próprio “Mané”, forma reduzida de “Manuel”. Há muito, perdeu-se, entre a gente do Jacuri, a lembrança da origem de ambos, fato que possibilitaria a reconstrução de sua história e, quem sabe, a descoberta dos motivos que determinaram sua nova acepção e seu novo contexto de uso. Nenhum dos jacurienses consultados durante a realização desta pesquisa soube me dizer o significado da sigla “PR”. Do mesmo modo, nenhum conhecia as razões do emprego do nome próprio “Mané” como adjetivo usado para qualificar as pessoas como ‘idiotas, lerdas’. Uma suposição, a ser confirmada, seria a de que se trata de um reminiscente do nome “Manuel”/ “Mané”, conferido a algum indivíduo que se caracterizasse como protótipo da idiotice, da imbecilidade.

A propósito dessa memória perdida, mencione-se aqui a afirmação de Manzolillo (1995), segundo a qual, “a ausência de registro lexicográfico [...] é um fato irrelevante, podendo ou não vir a ocorrer no futuro”. Todavia, prossegue ele, “a aceitação dos falantes [...] já é um fato real e presente”. Assim sendo, para esse autor, “saber se um item lexical ‘existe’ não é preocupação primordial dos usuários de um idioma, que, no dia-a-dia, estão mais interessados em comunicar idéias e em transmitir pensamentos” (MANZOLILLO, 1995, p. 13).

Isso posto, cumpre-me arrematar essa história que, por mais que eu tentasse evitar, foi atingida por uma carga de subjetividade que não costuma ser bem-vista em trabalhos dessa natureza. Contudo, fiel ao tom assumido, confesso que foram essas e outras constatações a respeito das estratégias de produção de prenomes e apelidos por parte dos jacurienses que me permitiram juntar o útil ao agradável. O “útil”, pelos resultados que uma pesquisa dessa natureza pode propiciar, contribuindo, dentre outras coisas, para um conhecimento mais

preciso e sistemático da maneira como constituímos e renovamos o acervo vocabular de nossa língua — no caso em questão, o mineirês de São José do Jacuri; uma demonstração efetiva de que “qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade” — como a de São José do Jacuri — “e do acervo da sua cultura através das idades”, conforme palavras de Biderman (1978, p. 139). O “agradável”, pelo fato de me permitir a realização de um sonho há tanto tempo alimentado, que era o de revelar, em retrato lexical, o jeito jacuriense de ser, de pensar, de (con)viver e de ver o mundo.

Para justificar todo esse envolvimento, nada melhor que tomar a voz de autoridades no assunto, como Isquierdo e Oliveira, que assim se pronunciam a respeito da motivação lexical:

Na medida em que o léxico configura-se como a primeira via de acesso a um texto, representa a janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo, uma vez que esse nível de língua é o que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e costumes de uma comunidade. (ISQUERDO & OLIVEIRA, 1998, p. 9)

## **1.2 Objetivos**

No desenvolvimento da pesquisa aqui apresentada, procurou-se, na medida do possível, atingir os seguintes objetivos, geral e específicos:

### ***1.2.1 Geral***

Demonstrar, a partir do estudo de procedimentos adotados no processo de nomeação pessoal pelos habitantes da cidade mineira de São José do Jacuri, o caráter documental do léxico tanto no que diz respeito aos recursos utilizados na (re)criação vocabular do português quanto ao que concerne ao seu envolvimento com o quadro histórico e sociocultural circundante.

### ***1.2.2 Específicos***

a) Apresentar informações de ordem contextual acerca da história da cidade de São José do Jacuri, da sua localização geográfica, de seu perfil demográfico, político, econômico e sociocultural, bem como dos hábitos e costumes nela reinantes.

b) Arrolar e examinar os tipos de nomes próprios (no caso, prenomes) conferidos preferencialmente aos seus moradores.

c) Alistar e analisar algumas das formas de apelidamento correntes na cidade, em substituição ao nome oficial de batismo.

d) Detectar, mostrar e descrever os procedimentos linguísticos utilizados pela gente do Jacuri na formação dos nomes próprios e apelidos coletados.

e) Indicar o modo e o nível de integração dos recursos de formação dos antropônimos coletados, no quadro geral das técnicas aplicadas na constituição do léxico português como um todo.

f) Mostrar as possíveis motivações que têm levado os jacurienses a escolher determinados tipos de “nomes de pia”, quase sempre substituídos a seguir por alcunhas que, de um modo geral, se interligam, iconicamente — quer no plano linguístico, quer no extralinguístico —, a algum aspecto relacionado com o indivíduo apelidado em si e/ou com o ambiente em que se acha inserido.

## **1.3 Metodologia**

### ***1.3.1 Relativa ao corpus***

Em decorrência do próprio tipo de material linguístico selecionado para estudo, dois procedimentos básicos foram utilizados no levantamento dos dados e das informações necessárias para justificá-los: um de caráter oficial, uma vez que obtido de listas de registros constantes de arquivos da Prefeitura Municipal, de fichas de inscrição partidária encontradas nos comitês dos partidos políticos existentes na cidade; outro, de caráter mais informal, correspondente às informações conseguidas em visitas pessoais a algumas famílias do Jacuri.

Para o levantamento de dados oficiais optou-se por trabalhar apenas com prenomes e apelidos de moradores da Zona Urbana do município, considerando 20% da população urbana para análise, ou seja, 360 nomes de uma população urbana de 1799 pessoas.

Quanto ao registro do material, foi feito através de banco informatizado, de que constaram, além dos dados propriamente ditos, informações linguísticas e extra-linguísticas pertinentes para a análise. Para tanto, foram preenchidos dois tipos de ficha: uma destinada ao registro dos dados pessoais dos informantes, outra a informações a respeito da constituição formal dos prenomes e apelidos dos informantes, bem como dos motivos envolvidos em sua escolha:

DADOS PESSOAIS							
NOME (COMPLETO) DE REGISTRO	DATA DE NASCIMENTO	SEXO	FILIAÇÃO		GRAU DE ESCOLARIDADE		
			Nome do Pai	Nome da Mãe			

Figura 1: Modelo de ficha usado no registro de dados pessoais dos informantes

DADOS "LEXICAIS"					
<u>PRENOME(S)</u>	PROCESSO(S) DE FORMAÇÃO VOCABULAR ENVOLVIDO(S)	MOTIVO(S) DA ESCOLHA	<u>APELIDO(S)</u>	PROCESSO(S) DE FORMAÇÃO	MOTIVO(S) DA ESCOLHA

Figura 2: Modelo de ficha usado no registro de dados relativos à escolha e à constituição formal de antropônimos jacurienses<sup>1</sup>

### 1.3.2 Relativa à fundamentação teórica

Em coerência com o objeto e os objetivos da pesquisa proposta, elegeu-se como linha teórica básica da análise a ciência da Lexicologia, de que se considerou, de um modo particular, o ramo da Onomástica, tomado em dois de seus sub-ramos: o da Antroponímia e o da Antonomásia. A par da Semântica, ela foi considerada, num primeiro momento, em seu âmbito mais geral, de enfoque do processo de constituição do léxico das línguas naturais. Para o cumprimento dessa tarefa, foram levadas em conta lições de teóricos como: Barbosa (1990),

<sup>1</sup> Na verdade, a intenção primeira era a de desenvolver uma pesquisa que levasse em conta variáveis como: idade, grau de letramento e local de moradia (centro da cidade, periferia, meio rural). Infelizmente, o tempo demandado pelo levantamento do *corpus* e o exigido pela CAPES impediram a sua concretização, mesmo com a extensão do prazo da entrega do trabalho, concedida pelo Programa.

Benveniste (1989), Biderman (1978, 1981, 2001), Bréal (2002), Brito (2003), Coseriu (1977), Cunha (s.d.), Darmesteter (1937), Foucault (2002), Guérios (1979, 1981), Guiraud (1972), Isquierdo & Oliveira (1998), Isquierdo & Krieger (2004, 2007), Jespersen (1965), Leite de Vasconcelos (1931), Mexias-Simon & Oliveira (2004), Platão (ed. portuguesa datada de 1994), Santos (2003), dentre outros.

Por sua vez, o estudo dos processos de formação vocabular vigente no português do Brasil, alicerçou-se em trabalhos de especialistas comprometidos com essa linha de estudos. Para tanto, foram levadas em conta duas categorias de análise: uma de maior âmbito, concernente às estratégias de constituição vocabular comuns ao português do Brasil; outra de caráter mais específico, voltada para o processo de formação de nomes próprios — prenomes e apelidos — entre nós. A primeira tarefa foi levada a termo a partir de consultas a especialistas no assunto como: Alves (2007); Basílio (2004); Carvalho (1987), Citelli (2006); Ilari & Basso (2006); Preti (2003); Sandman (1988, 1993); Verdelho (2002), Vilela (1989) e de gramáticos como: Azeredo (2008), Bechara (1989), Cunha & Cintra (2001), Rocha Lima (1988), etc. Já a segunda, de caráter mais restrito, foi efetuada com base na leitura de autores como Bittencourt (2002), Cunha ([s.d.]), Dick (1992), Faulstich (1980), Guérios (1979, 1981, [s.d.]), Leite de Vasconcelos (1928), Preti (2003), Silva Neto (1986), etc., Souto Maior (1974), em sua análise dos nomes próprios.

No que tange à contextualização do material aqui examinado — de prenomes e apelidos correntes na cidade mineira de São José do Jacuri —, as informações fornecidas constam de obras de historiadores, etnólogos, sociólogos, dentre os quais: Almeida Barbosa (1985), Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais (1997), Campos & Faria (2005), Ferreira (1959), Ortiz (2005), Rocha (1995), Torres (1961), Vasconcelos (1974a,b), etc.

Por fim, para a defesa da hipótese aqui sustentada — de que, embora distintos dos nomes comuns, os nomes próprios apresentam uma carga informacional de natureza variada—, serviram como ponto de apoio, além de trabalhos de ordem lexicológica e semântica, estudos desenvolvidos por autores da linha funcionalista americana, sobretudo por Givón (1995) e seus seguidores, que vêm demonstrando a força da motivação icônica nos diversos estratos da língua.

#### **1.4 Plano do trabalho**

Seguindo de perto a própria sequência das etapas cumpridas durante a pesquisa, o texto aqui elaborado pautou-se por um esquema organizacional que, em sua totalidade, compreende os seguintes capítulos:

a) este primeiro, de Introdução, no qual se procurou mostrar o objeto de estudo e as categorias selecionadas para análise, a repercussão de seus resultados para o conhecimento do mapa linguístico de Minas Gerais, para os estudos lexicológicos e linguísticos em seu todo, os objetivos pretendidos, os procedimentos metodológicos utilizados na composição, no registro e na abordagem dos dados, a que se segue a bibliografia correspondente a cada tipo de tarefa efetuada;

b) um segundo, de ordem contextual, em que se buscou traçar um retrato parcial da cidade de São José do Jacuri, com sua gente, sua história e sua cultura;

c) um terceiro, de cunho teórico, em que se procurou discutir o quadro teórico norteador da análise, examinando, para tanto, os procedimentos de criação vocabular correntes entre nós — aplicáveis, em sua maioria, ao *corpus* específico aqui investigado: de nomes (prenomes) e apelidos pessoais —, bem como o problema da motivação lexical, que vem de encontro ao da arbitrariedade do signo defendida por Saussure (1916/1970) e por seguidores de diferentes linhas teóricas;

d) um quarto, de análise propriamente dita, em que se procurou, a partir do suporte teórico apresentado anteriormente, bem como dos dados obtidos, apontar e examinar os procedimentos utilizados pelos jacurienses no processo de nomeação antroponímica e antonomástica. Motivados por razões diferenciadas, ambos se configuram como fontes documentais da maior importância não só para os estudos descritivos e históricos da língua, como para os de outras áreas como a História, a Sociologia, a Antropologia, etc.;

e) um quinto capítulo, de Considerações Finais, em que se busca pontuar os resultados concernentes às estratégias de formação de “nomes de pia” e de apelidos usuais em Jacuri, bem como mostrar o alcance final da motivação dos nomes pessoais aqui focalizados.

Ao capítulo conclusivo, seguem-se as Referências, nas quais se alistam as obras que ilustraram ou subsidiaram, teoricamente, a pesquisa que ora apresentamos.



**Foto 1: Vista panorâmica da cidade de São José do Jacuri - MG**

## **2 SÃO JOSÉ DO JACURI: RETRATO DE UMA CIDADE**

### **A rua**

**EU AMO A RUA.** Esse sentimento de natureza toda íntima não vos seria revelado por mim se não julgasse, e razões não tivesse para julgar, que este amor assim absoluto é partilhado por todos vós. [...] A rua é um fator da vida das cidades, a rua tem alma! [...] a rua é agasalhadora da miséria. [...] A Rua é o aplauso dos medíocres, dos infelizes, dos miseráveis a arte. [...] A rua é generosa. [...]. *A rua é a transformadora das línguas.* Os Cândido de Figueiredo do universo estafam-se em juntar regrinhas para enclausurar expressões; os prosadores bradam contra os Cândido. *A rua continua, matando substantivos, transformando a significação dos termos, impondo aos dicionários as palavras que inventa, criando o calão que é o patrimônio clássico dos léxicos futuros.*

João do Rio (2008, p. 28-29; itálico nosso)

## 2.1 Considerações iniciais

Numa leitura metonímica da epígrafe acima (que marca o início do emprego do plural majestático, em substituição ao dêitico de primeira pessoa do singular), estenda-se, aqui, o significado da palavra “rua”, acima exposto por João do Rio, interpretando-a como a “cidade” vista em seu todo. No contexto em pauta, referimo-nos a uma cidade especial, de nome SÃO JOSÉ DO JACURI, mais conhecida em sua forma reduzida: “JACURI”. Seu nome completo, já o vimos, resulta de uma conjugação em princípio estranha, em que, de um lado, persiste a herança do colonizador português na homenagem prestada ao santo então entronizado como seu padroeiro: *São José*; de outro, ocorre o acréscimo do termo *Jacuri*, topônimo originado da língua tupi. Por certo que, quando ainda lembrado em sua acepção originária, fazia referência a um rio cujas margens eram habitadas por “aves galiformes da família dos cracídeos”, significado etimológico do termo, de acordo com Houaiss & Villar (2001). Visto em sua totalidade, o topônimo *São José do Jacuri*, repita-se, nos remete a dois mundos distintos entre si: o sagrado, representado pela figura de São José, esposo da Virgem Maria, e o terrestre, concernente a um dos inúmeros cursos d’ água, o Jacuri, que, em tempos passados, acolhia tão bem os pássaros que o habitavam ou por ele passavam.

Em razão do tipo de análise pleiteada e da hipótese aqui defendida — de existência de uma relação entre o processo de nomeação pessoal, quer através de antropônimos, quer de alcunhas — e o contexto histórico, político, econômico e sociocultural então vigorante, optamos por comentar aqui primeiramente, aspectos da cidade escolhida como alvo do presente estudo. Com isso, acreditávamos ter em mãos subsídios que nos permitissem detectar e mostrar o modo de constituição de sua onomástica, bem como de comprovar até que ponto ela refletia o modo de vida, o “jeito de ser” de seus usuários jacurienses.

Para melhor cumprimento dessa tarefa, dividimos o presente capítulo em seções separadas de acordo com o tipo de informação dada a respeito da cidade, a saber: a) seção 2.2, dados referentes à sua história; b) seção 2.3, dados característicos de sua conformação física e situação geográfica; c) seção 2.4, dados relativos ao seu quadro sociocultural hodierno; d) seção 2.5, dados respeitantes a algumas das peculiaridades do linguajar de seu povo. Como fecho, salientam-se, em seção conclusiva, 2.6, os aspectos considerados relevantes para o tipo de análise aqui desenvolvida.

Cumpramos, então, esse roteiro de visita ao Jacuri.

## **2.2 Dados históricos**

Situada num dos escondidos do Vale do Rio Doce, São José do Jacuri era, até por volta dos anos de 1818 e 1819, um pequeno território habitado por índios Manalis e Caiapós. A sua elevação à categoria de distrito se deu com a chegada do colonizador português Miguel Pereira do Nascimento e sua família, que, fugindo da Guerra do Paraguai, provinham da Bahia. Instalando-se no lugarejo, fixaram nele moradia situada nas proximidades do córrego que corta a cidade, córrego esse que acabou sendo batizado com o sobrenome “dos Pereiras”, mantido até hoje. Eis-nos, pois, diante de um dos inúmeros topônimos que nos remetem à memória da cidade.

Por volta de 1820, a população do distrito aumentou bem com a chegada de desbravadores paulistas, que ali se estabeleceram à procura de ouro. Por um bom tempo o arraial fizera parte dos municípios Minas Novas, Serro, São João Batista (hoje denominada Itamarandiba) e, finalmente, Peçanha, tendo sido elevado à categoria de distrito no dia 4 de maio de 1852, através da Lei Provincial nº 575. Sua emancipação se deu no dia 12 de dezembro de 1953, por determinação da Lei nº 1.039.

Com a emancipação, passou ela a ter governo próprio, constituído, inicialmente, pelo Intendente Estadual, Juventino Moraes da França, nomeado para tal, em 1954, pelo então Governador de Minas, Dr. Juscelino Kubitscheck de Oliveira. Depois de um ano nesse cargo, o Intendente promoveu a primeira eleição na cidade para a escolha, por voto popular, de seu primeiro prefeito. Assim, no dia 3 de outubro de 1955, os jacurienses escolheram como seu primeiro mandatário o Sr. Américo José de Oliveira. Sucederam-no, a seguir, mais doze políticos (sendo dois deles repetidos), dos quais, o último, eleito em 2008, foi o Sr. José de Fátima Oliveira, que se encontra em pleno exercício de seu mandato.

## **2.3 Dados geográficos**

Ainda que de maneira breve, tracemos, a seguir, o perfil geográfico de São José do Jacuri, mencionando aspectos ligados à sua localização na região do Vale do Rio Doce e no Estado de Minas Gerais, à sua constituição física, ao seu quadro demográfico, à sua situação econômica, ao seu panorama sociocultural.

### ***2.3.1 Localização da cidade***

Conforme indicado no mapa que abre o capítulo introdutório desta dissertação, a cidade de São José do Jacuri, ou, simplesmente, o Jacuri, faz parte da mesorregião de Minas Gerais conhecida como Vale do Rio Doce, destacada, novamente, na seguinte carta geográfica:



**Mapa 2: Localização da Mesorregião do Vale do Rio Doce no Estado de Minas Gerais**

**Fonte: Site “Portal de Minas Gerais”**

Restringindo-nos, exclusivamente, à mesorregião que abarca essa cidade, vê-se, no mapa a seguir, o local exato onde se situa a cidade do Jacuri, ao lado de outras de maior porte como Guanhães, Peçanha, Sabinópolis, Santa Maria do Suaçuí, São João Evangelista, etc.:



**Mapa 3: Localização da cidade de São José do Jacuri na Mesorregião do Vale do Rio Doce - MG**  
**Fonte: IBGE**

A par dos dados acima, acrescentemos outros, que permitem localizar melhor a pequena cidade aqui focalizada. Trata-se de um município que fica a 62 km de Peçanha, 85 km de Guanhães, 212 km de Governador Valadares, 329 km de Belo Horizonte, 600 km de Vitória, 720 km do Rio de Janeiro, 900 km de São Paulo e 1.030 de Brasília. Seus municípios limítrofes são os seguintes:

**ao norte:** São Sebastião do Maranhão e Frei Lagonegro;

**ao sul:** São Pedro do Suaçuí e São João Evangelista;

**a leste:** José Raydan;

**a oeste:** Coluna.

### **2.3.2 Hidrografia, clima e relevo**

Além do Rio Jacuri, que deu nome à cidade, São José do Jacuri é banhada pelo Rio Suaçuí Grande, cujas cachoeiras, Dos Alves e Três Pontas, são alguns dos pontos de atração turística da região, assim como a queda d'água do Ribeirão Fonseca.

Conforme já dito, o Rio Jacuri faz parte da Bacia do Leste de Minas, jogando suas águas no principal rio da região, o Rio Doce. Por sua vez, recebe ele águas dos seguintes subafluentes:

Córrego dos Pereiras

Córrego Coluninha

Córrego das Flores

Córrego Pele de Gato

Ribeirão Tabatinga

Ribeirão Água Limpa

Córrego da Pratinha

Num parênteses de ordem linguística, chame-se a atenção aqui para as designações toponímicas acima, que nos anunciam, prospectivamente, o gosto dos jacurienses pela nomeação por apelidamento, “motivado”, no caso acima, por informações relacionadas com famílias que vivem em sua cercania (Córrego dos Pereiras), com a plantação ou tipo de terreno próprios do lugar (Córrego das Flores, Ribeirão da Tabatinga), ou com atributos dos próprios riachos (Ribeirão Água Limpa, Córrego da Pratinha, Córrego Pele de Gato – em lugar de “peixe-gato”).

Voltando aos dados geográficos, falemos do **clima** da cidade. Classificado como “tropical de altitude”, o clima do Jacuri apresenta uma temperatura média de 23 °C ao ano e se distribui em dois tipos distintos: um, de seca, que abarca os meses de junho, julho e agosto; outro de chuvas, que abarca os meses de novembro, dezembro e janeiro, manifestando uma maior intensidade de precipitação de águas (uma média de 2.000mm ao ano).

Quanto ao **relevo** da região, informe-se o seguinte: a cidade se acha situada a 582 metros acima do nível do mar e apresenta uma distribuição percentualmente variada de seus acidentes, conforme indicado na escala abaixo:

a) região de planalto → 70%

b) região de montanhas → 20%

c) região de vales → 10%

No que se refere à sua constituição física, seu solo é constituído de uma pequena parte argilosa e arenosa e outra, de maior extensão, de tipo médio, que favorece o plantio. No que

toca ao tipo de **vegetação**, predomina a do cerrado, embora ainda sobreviva uma boa quantidade de área coberta pela Mata Atlântica, distribuída de uma forma esparsa.

Quanto à **saliência** do território de superfície, o ponto de maior relevo desse território é o Morro do Cruzeiro, bastante procurado por aqueles que ali desejam fazer suas orações.

### 2.3.3 Demografia

O quadro demográfico de São José do Jacuri compreende duas fases distintas, correspondentes a dois períodos diferenciados de sua história. Na primeira, verifica-se um crescimento popular de grande monta, provocado pela “corrida do ouro”, acima mencionada, praticamente extinta no final do século XIX. Nessa fase, o número de habitantes chegou a perfazer um total de 7.455. Já, na segunda, observa-se o arrefecimento dessas atividades mineradoras, cuja consequência foi a redução drástica da população, que passou a contar apenas com 3.304 moradores. Todavia, entre fluxos e refluxos, esse número voltou a crescer, chegando a atingir, no ano de 1992, um patamar de 10.882 pessoas, mas decresceu posteriormente com a perda de moradores do distrito de Frei Lago Negro, que se emancipou do município do Jacuri, em 1997.

A partir de recenseamento feito no ano de 2007, o IBGE conseguiu traçar o seguinte perfil demográfico da cidade, considerado tanto em número total de pessoas quanto em números parciais, correspondentes, no caso, às variáveis: área de concentração da cidade e gênero (sexo) dos habitantes:

NÚMERO DE HABITANTES POR ÁREA		NÚMERO DE HABITANTES POR GÊNERO	
População Urbana	População Rural	População Feminina	População Masculina
1. 714	5.075	3.281	3.508
<b>TOTAL 6. 789</b>			

**Tabela 1: Perfil demográfico de São José do Jacuri no ano de 2007**  
**Fonte: IBGE**

De lá para cá, essa situação sofreu pequena alteração com o aumento do número de moradores para 7.199, conforme dados fornecidos pelo DATASUS, relativamente ao primeiro semestre de 2009.

Esse mesmo movimento de avanços e recuos é observado na distribuição quantitativa dos jacurienses em termos de **faixa etária**. Assim é que, de 2004 para cá, o número de pessoas com menos de 40 anos, que perfazia um total de 4.919 — correspondente a 72% da totalidade da população —, sofreu pequena queda em 2007, passando para 4.495.

Considerando a situação atual de número de idosos e número de jovens e adultos, é possível fazer a seguinte previsão: embora o percentual de gente nova continue mais elevado que o das pessoas idosas, a diminuição da taxa de nascimento de crianças e/ou o aumento de da taxa de mortalidade que se vem registrando nessa faixa etária nos revelam que o número de idosos deve ultrapassar logo o dos jovens, em Jacuri.

## 2.4 Dados socioculturais

Sem nenhuma intenção de levar à frente a polêmica em torno do significado do termo *cultura*, entendido e definido de um modo diversificado pelas diferentes linhas do pensamento científico, cumpre-me deixar clara a posição aqui assumida a seu respeito, uma vez que a própria hipótese do trabalho — de existência de motivação histórica e sociocultural na operação de denominação personativa — está ligada à sua definição.

Considerado genericamente, nas palavras de Cunha (2003),

o âmbito da **cultura** constitui a maneira pela qual os homens instituem socialmente as suas relações políticas, as formas econômicas de produção, de distribuição e de consumo, os processos de criação e difusão de conhecimentos, os valores que elegendam do ponto de vista moral, as crenças de origem (religiosas), as formas e conteúdos estéticos e mesmo os hábitos cotidianos de vida. (CUNHA, 2003, p. 196; grifos meus).

Entendido dessa maneira, justifica-se o desmembramento desta seção em partes que nos revelem alguns dos traços culturais típicos da comunidade de São José do Jacuri, aqui focalizada.

### **2.4.1 Economia**

No início do século XX, o comércio de São José do Jacuri era movimentado apenas por tropeiros, que levavam às cidades vizinhas de maior porte — Santa Bárbara, Diamantina, Governador Valadares e outras — mercadorias da terra como toucinho, café, feijão, etc. e, na volta, traziam delas açúcar, querosene, sal, tecidos, etc., a serem vendidos aos jacurienses.

A viagem durava vários dias e os tropeiros, que costumavam conduzir dez ou mais tropas, cada uma delas com seis burros, dormiam em pontos de parada próprios, conhecidos como “rancharias”.

Naturalmente, esse quadro sofreu alterações radicais com a mudança da mentalidade então em vigor e com a evolução decorrente da nova era industrial instaurada juntamente com os novos princípios que passaram a reger uma economia centrada no capital.

O comércio viandante foi, então, substituído pelo comércio fixo, empreendido em estabelecimentos comerciais diversificados segundo o(s) tipo(s) de produto(s) oferecido(s). Assim, o Jacuri conta, hoje em dia, com 12 bares, 2 restaurantes, 8 mercearias, 2 padarias, 2 açougues, 3 drogarias, 2 casas com produtos agroveterinários, 2 lojas com material de construção, 8 salões de beleza e 7 lojas de vestuário. Isso sem falar na empresa de laticínios CristauLat, que tem um plantel de 200 empregados e absorve todo o leite produzido no município.

Outra novidade importante foi a instalação de estabelecimentos bancários como o Itaú, o Bradesco e a Caixa Econômica Federal, que facilitaram a vida dos moradores, evitando o seu deslocamento para cidades circunvizinhas, muitas vezes distantes, onde procediam às movimentações financeiras de praxe.

### **2.4.2 Educação**

No que tange ao processo educacional levado a termo em São José do Jacuri, acompanhemos a sua história para melhor entender a situação presente. A primeira escola da cidade, denominada “Escola Singular do Distrito”, foi fundada em 1908 e, pelo que seu próprio nome nos deixa entrever, destinava-se apenas à educação de jovens de um mesmo sexo: no caso, o masculino, embora sua primeira professora, Dona Josefina Pena, fosse do

sexo feminino. O grau de ensino então ministrado equivaleria, hoje, ao do chamado Ensino Fundamental.

No decorrer dos anos, a instituição foi-se firmando e passou não só a contar com um número maior de professores, como com jovens do sexo feminino, a partir de 1912. Em decorrência dessa expansão, a Escola Singular do Distrito” sofreu sua primeira mudança de nome, passando a se chamar “Escola Mista do Distrito de São José do Jacuri” — fato que, em termos lexicais, se configura como uma das evidências de espelhamento, através de nome próprio, das transformações da sociedade da época.

Uma segunda alteração do primeiro nome se deu em 1930, quando a “Escola Mista” passou a se chamar “Escolas Reunidas Monsenhor Pinheiro”, por motivação extralingüística: a de prestar homenagem ao doador do terreno utilizado para a construção de seu novo prédio.

Uma terceira mudança ocorreu em 1956, quando, em reforma educacional promovida pelo Governo, as escolas que atendiam às séries iniciais (de 1ª a 4ª séries) passaram a ser chamadas, uniformemente, de “Grupo Escolar”. Com isso, a homenagem prestada ao Monsenhor Pinheiro foi relegada ao esquecimento em favor do novo nome: “Grupo Escolar Marcílio Dias”, substituído, em maio de 1974, pelo de “Escola Estadual Marcílio Dias”, conforme a nova terminologia estabelecida pelo Governo.

Ainda atuante, essa escola tem, hoje, à sua frente, uma diretora e 15 professores, contando com 328 alunos, 5 ajudantes de serviços gerais, 3 secretárias e 1 especialista em Orientação Educacional.

Do conjunto das escolas de Ensino Fundamental e/ou Médio de São José do Jacuri, citem-se, ainda:

- a “Escola Estadual John Kennedy” (ex “Ginásio Municipal John Kennedy”), que incorporou o “Colégio Municipal Santos Dumont”, já existente na cidade. Escolhida como Escola Modelo de Minas Gerais pelos Programas PDE (Plano de Desenvolvimento da Escola) e Liderança, da Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais, a “Escola Estadual John Kennedy” recebeu, desse mesmo órgão, o Troféu de Melhor Ensino de 5ª série;

- onze escolas pertencentes à Rede Municipal de Ensino, que prestam assistência educacional a cerca de 653 alunos.

Para o atendimento especial das pessoas que ultrapassaram a faixa etária escolar e não puderam seguir normalmente ou, pelo menos, terminar o curso de Educação Básica, a cidade conta, hoje, com o serviço de “Educação de Jovens e Adultos” (EJA), oferecendo, em tempo mais reduzido que o de praxe, os cursos correspondentes ao Ensino Fundamental e Médio.

Outro investimento educacional mais recente é o que contempla o Ensino Superior. A partir de contrato firmado com a FAEL e intermediado pela EADCON e pela UNIMES VIRTUAL, os jacurienses passaram a ter a oportunidade de frequentar Cursos de Graduação e de Pós-graduação nas seguintes áreas: Pedagogia, Serviço Social, Normal Superior, Administração de Empresas e Ciências Contábeis.

O número expressivo de professores das diferentes instituições de Ensino Fundamental e Médio que hoje portam diploma de Curso Superior constitui, por si só, uma comprovação dos resultados positivos proporcionados por essa instituição de nível universitário.

Contudo, apesar desses avanços, grandes para uma cidade pequena, e das medidas tomadas pelo governo da cidade, o número de analfabetos ainda é preocupante. Prova disso é a Tabela transcrita abaixo, que nos permite acompanhar a evolução do processo de erradicação do analfabetismo em São José do Jacuri, no período de 1998 a 2000:

<b>TRAJETÓRIA DO ANALFABETISMO</b>		
<b>Categoria</b>	<b>Ano 1998</b>	<b>Ano 2000</b>
Alfabetizado	64,25%	87,33%
Não alfabetizado	35,75%	12,67%

**Tabela 2: Índice de analfabetismo em São José do Jacuri no período de 1998 a 2000**

**Fonte: DATASUS**

Examinando os dados da Tabela acima, constatamos que, no período de 1998 a 2000, verifica-se redução considerável no índice de analfabetismo até então registrado pelos órgãos federais competentes. No entanto, apesar desse avanço, o povo do Jacuri está ciente do quanto há ainda por fazer na área da Educação. Tanto é que vem tentando vencer um de seus maiores desafios: erradicar o analfabetismo funcional de um grande número de pais de estudantes jacurienses que ainda não conseguiram completar sequer o ensino fundamental.

#### **2.4.3 Assistência à saúde**

Em tempos antigos, os cuidados com a saúde do povo jacuriense ficavam a cargo de pessoas leigas, cujo “diploma” eram a prática e a credence. Durante um bom período, imperou a ação de curandeiros, benzedores, parteiras, médicos e dentistas “práticos”, que, apesar de sua boa-vontade não conseguiam evitar a morte de pessoas portadoras de doenças já curáveis na ocasião.

Essa situação perdurou até o ano de 1974, quando foi fundado o primeiro Centro de Saúde do Município. Durante sua fase de adaptação, os serviços prestados eram muito primitivos, uma vez que compreendiam “consulta médica coletiva”, venda/oferta de dentaduras pré-fabricadas, distribuição de óculos sem o aval de um oftalmologista, etc.

Em tempos atuais, esse serviço é bem mais eficiente, embora ainda se ressinta da ausência de um hospital que ofereça condições de tratamento de doenças graves, de realização de cirurgias, de atendimento de casos que demandam internamento, etc. Esse tipo de assistência só é encontrado em cidades vizinhas de maior porte, como São João Evangelista, Guanhães, Governador Valadares, ou, até mesmo, Belo Horizonte — o que demanda o deslocamento de doentes nem sempre em condições de viajar.

Na qualidade de órgão público, o Centro é administrado pela Secretaria Municipal de Saúde de São José do Jacuri, que, de acordo com seus registros, conta hoje com o seguinte quadro de profissionais:

3 médicos	18 agentes de saúde
2 enfermeiros	6 motoristas
6 auxiliares de enfermagem	1 odontóloga
2 recepcionistas	2 auxiliares de odontologia
2 fisioterapeuta	6 ajudantes de serviços gerais

#### ***2.4.4 Esporte e lazer***

Com mais torcedores que desportistas, o futebol, esporte preferido do brasileiro, tem merecido algum espaço de atuação na comunidade Jacuriense. Esse espaço é compartilhado por dois grandes grupos, diferentes um do outro tanto no que diz respeito à faixa etária dos jogadores quanto aos tipos de torneio promovidos. Um é composto por times formados por jogadores jovens, dos quais, de acordo com o censo realizado em 1998, 14 apresentam um plantel masculino, sendo dois da faixa infante-juvenil, e 1, um plantel feminino. O outro,

criado em 1997, é formado por veteranos, cuja idade limite inferior deve ser, obrigatoriamente, de 33 anos. Denominado “Associação de Esporte Aliança”, o “time dos velhos” faz a festa na cidade, com seu futebol ao mesmo tempo sério e desengonçado, regado com cerveja, quer depois da vitória, quer depois da derrota. Em 1998, chegou a vencer, invicto, o 12º Campeonato de Futebol do Município.

O segundo esporte mais querido do Jacuriense — e do brasileiro, com certeza — é o vôlei. Em 1997, a cidade contava com 2 times de vôlei masculino e 12 de vôlei feminino.

Nos tempos atuais, o quadro geral de desportos do Jacuri é bem mais reduzido que o vigente no período de 1997-2000. Hoje, contamos com 4 times de futebol masculino adulto, 2 de futebol masculino infanto-juvenil e 1 de futebol adulto feminino. Do vôlei, por enquanto, só nos restou a lembrança.

Mesmo minguido, futebol continua sendo, juntamente com as festas religiosas, um dos meios de lazer do povo jacuriense. Sem nenhum clube náutico, sem teatro e sem cinema, as pessoas se divertem, de um modo geral, torcendo por seu time, participando de pequenas comemorações familiares, ou batendo papos vespertinos na frente das casas. Uma vez ou outra, essa rotina é quebrada pela presença de algum circo que lá não demora mais que três dias.

Três grandes festas anuais também ajudam a agitar a cidade: a do “Carnavacuri” (Carnaval do Jacuri), a do “Jacuriense Ausente” e a Festa de São Miguel que foi idealizada e é realizada pela família São Miguel, tendo o senhor Adélio Ferreira da Silva à frente. Famosas hoje em dia, ambas conseguem reunir não só as pessoas nascidas ou residentes em São José do Jacuri como muita gente de fora, moradora de cidades circunvizinhas.

#### ***2.4.5 Práticas religiosas***

Como era de imaginar, São José do Jacuri é uma cidade de hábitos conservadores, de tradição católica por excelência. 92% de seus moradores seguem essa religião, que tem como concorrente apenas duas outras: a Assembléia de Deus e a Igreja Batista Rhema.

A paróquia é conduzida hoje pelo Padre Antônio Amadeu da Rocha e regida pela Diocese de Guanhães. Os atos litúrgicos e as festas principais são celebrados na Igreja Matriz, que, construída em 1971, atrai a visita de pessoas interessadas em conhecer sua pintura

interna, que, executada por um famoso artista da região: Marcelo Augusto dos Santos, vem atraindo turistas para a região.

Sua festa maior dura nove dias e tem como homenageado o Santo padroeiro da cidade: São José, o mesmo escolhido pelos fundadores portugueses. Em meio a missas, novenas, rezas, as diferentes barraquinhas, decoradas com o maior esmero, oferecem todos os tipos de mercadoria, concorrendo com leilões de bois, cavalos, galos e galinhas doados à paróquia. Ao fundo, nas nove noites, o coral da cidade, tentando abafar a gritaria da meninada, as risadas das mocinhas e mocinhos, os berros do leiloeiro, que impedem as pessoas de ouvir os seus dobrados, entoam em latim a Ladainha de Nossa Senhora.

## 2.5 Dados linguísticos gerais

Segundo Benveniste (1989),

A língua engloba a sociedade de todos os lados e a contém em seu aparelho conceitual, mas ao mesmo tempo, em virtude de um poder distinto, ela configura a sociedade instaurando aquilo que se poderia chamar o semantismo social.[...] O vocabulário fornece aqui uma matéria muito abundante, de que se servem historiadores da sociedade e da cultura. O vocabulário conserva testemunhos insubstituíveis sobre as formas e as fases da organização social, sobre os regimes políticos, sobre os modos de produção que foram sucessiva ou simultaneamente empregados, etc. (BENVENISTE, 1989, p. 100).

Na mesma linha de pensamento de Benveniste (1989), segundo a qual, a língua reflete, especularmente, o quadro político, econômico, social e cultural dos diferentes grupos humanos, no presente capítulo, procurei apresentar alguns *flashes* reveladores de faces distintas de São José do Jacuri, material indispensável para o tipo de estudo aqui empreendido e para a defesa da hipótese da motivação linguística. Dessa sorte, entenda-se que o traçado do perfil do município com cores próprias à sua história, à sua configuração geográfica, ao seu panorama sociocultural, ao grau e tipo de interação de sua gente serve como reforço a uma linha de pensamento que parte do princípio de que “o léxico só pode ser adequadamente interpretado quando analisado a partir do contexto em que foi enunciado, ou seja, a partir de sua enunciação, da relação produto (enunciado) / processo (enunciação)” (cf. LEITE, 2003, p. 29).

Ciente de que esse contexto corresponde, muitas vezes, no caso em pauta, a situações mediatas refletidas ou repetidas em contextos imediatos, isto é, circunscritos ao processamento efetivo da ação discursiva, comprovemos essa relação língua/sociedade a partir da apresentação e de comentário de dados que, além de nos mostrarem aspectos da fala da gente do Jacuri, servem como prenúncio do capítulo subsequente a este, de análise de nomes próprios e apelidos correntes na cidade.

Para tanto, exibem-se, abaixo, dois recortes da pequena amostra que consegui obter através de conversas espontâneas de moradores do Jacuri e de material retido na memória. O primeiro Quadro tem como componentes lexis verbais simples ou integrantes de expressões idiomáticas, cuja origem e alterações nem sempre são identificadas pelos jacurienses:

TERMOS/EXPRESSÕES	SIGNIFICADO	DADOS ILUSTRATIVOS REAIS
<b>Bater uma Peçanha</b>	<i>‘Beber de uma golada só.’</i>	“E não é que ele emborcou a cachaça e bateu uma peçanha?”
<b>Chinelar</b>	<i>‘Namorar muito, trair o(a) outro(a)’</i>	“Olha que eu chinelei pouco na minha vida. Devia ter chinelado direito quando ainda era moça e vistosa.”
<b>Desemburrar</b>	<i>‘Livrar-se de algo inoportuno’</i>	“Nem pondo a vassoura atrás da porta consegui desemburrar aquele traste lá de casa.”
<b>Deslizar / Esvaziar</b>	<i>‘Urinar’</i>	“Para de rodar feito peru e vai logo na casinha pra <u>deslizar</u> .”
<b>Esmarzar</b>	<i>‘Jogar fora’</i>	“Ô, seu carniceiro, ocê esmarzou a carne dos meus cachorros?”
<b>Frever miséria</b>	<i>‘Brigar, esquentar os ânimos’</i>	“A discussão lá ia mansa, devagá, mas, chegou uma certa hora, <u>freveu miséria!</u> ”
<b>Morrer Bahia</b>	<i>‘Terminar uma tarefa, ou um assunto’</i>	“Vamo morrê Bahia por aqui, que essa conversa não tá me agradano.”
<b>Procurar um bode pra mamar</b>	<i>‘Procurar alguma coisa para fazer.’</i>	“Já cansei de mandá o Rico percurá um bode pra mamá, mas, até hoje, nadica de nada. Tomém, ele não tem ofício.”
<b>Rebuçar</b>	<i>‘Cobrir com cobertor’</i>	“Janaína, levanta daí e <u>rebuça</u> a Jéssica pra mim”.
<b>Ter (uma) balda</b>	<i>‘Ter uma cisma’</i>	“Eu sempre tive uma balda consigo: home nenhum presta.”
<b>Zunar</b>	<i>‘Correr’</i>	“Do jeito que tamo zunino não vamo chega nunca!”

**Quadro 2: Termos e expressões idiomáticos “verbais” ocorrentes na fala jacuriense**  
**Fonte: Dados da pesquisa**

Do mesmo modo, o segundo, abaixo exibido, é composto por substantivos, cuja origem e significado anterior são também, em sua grande parte, desconhecidos dos informantes:

TERMOS/EXPRESSÕES	SIGNIFICADO	DADOS ILUSTRATIVOS REAIS
<i>Babado</i>	‘Fofoca, intriga’	“Sá Ponina já rodou o Jacuri inteiro com seus <u>babados</u> sobre o pobre do padre.”
<i>Bageca</i>	‘Feijão novo’	“Com o feijão caro desse jeito, agora vamos ter que comer é <u>bajeca</u> mesmo”.
<i>Butuca</i>	‘Olho grande’	“Credo! Que <u>butuca</u> é essa, Ângelo? Da outra vez que ocê me olhô assim, saí daqui com dor de cabeça.”
<i>Lacuaca</i>	‘Conversa sem fim’	“Meu Deus! Até que horas ocês vão ficá com essa <u>lacuaca</u> ?”
<i>Maxambombe</i>	‘Ferro de brasa para passar roupa.’	“Sorte a nossa de ainda ter em casa este <u>maxambombe</u> . Sem luz elétrica...”
<i>Rua</i>	‘Área urbana, centro da cidade’	“Na hora que a gente for na rua tem que lembrá de comprá mais linha.”
<i>Ruçã</i>	‘Ônibus velho, caindo aos pedaços’	“Já não tem transporte aqui direito e ainda nós temos que aguentar aquele <u>ruçã</u> .”
<i>Pé-de-pano</i>	‘Que faz algo de errado às escondidas, sonso, disfarçado.’	“Ocê é mesmo um <u>pé de pano</u> . Só que eu não sou boba, não, viu? Eu te vi passano a mão nas coxas da Jovina.”
<i>Sumidô</i> (sumidouro)	‘Despensa, quarto de guardados’	“Correlá no sumido e pega logo umas três rapaduras.”
<i>Tunca</i>	‘Nádegas, região glútea’	“Se ocê continuá a me pirracá, vou deixá sua <u>tunca</u> vermelha de tanto apanhá.
<i>Xepa</i>	‘Chance, oportunidade’	“Ele não pode ter uma <u>xepa</u> que vai logo tomano dinheiro da gente.”
<i>Xupete / Chupete</i>	‘Mergulho’	“Cê pode entrá na água, mas não vai me dá <u>xupete</u> / <u>chupete</u> não, que ocê morre afogado.”

**Quadro 3: Termos idiomáticos “nominais” ocorrentes na fala jacuriense**  
**Fonte: Dados da pesquisa**

Um primeiro olhar para a lista acima pode nos levar à conclusão de que, resguardados alguns casos especiais, a maioria dos termos nela constantes é comum em outras falas não só de localidades do Vale do Rio Doce como de outras pertencentes a Minas, ou, até mesmo, ou ao Brasil. Dentre os casos especiais, chamam-nos a atenção vocábulos etimologicamente opacos como: “bageca”, “lacuaca”, “tunca” e “xupete” (ou “chupete”), que não se encontram registrados em nenhum dos dicionários consultados, quer recentes, quer antigos (como o **Elucidário** de Viterbo, ed. 1993). Dos quatro, apenas o primeiro nos permite aventar hipóteses sobre sua composição derivacional: de junção do substantivo “vagem” (pronunciado “bage”) e o sufixo *-eca*, que confere ao vocábulo, pelo menos nos contextos de fala observados durante a pesquisa, um sentido pejorativo de ‘comida intragável’. Quanto aos demais, “lacuaca”, “tunca” e “xupete/chupete permanecem no limbo da opacidade etimológica, à espera de alguém que os decifre.

Um olhar mais acurado para a lista pode nos revelar, ainda, outras surpresas lexicais, semânticas e socioculturais. Assim, por exemplo, os termos “bituca”, “butuca”, “maxambombe” apresentam outros significados em outros contextos de fala, a saber: ‘galo garnizé’, ‘de olho, à espreita de’ e ‘trem de ferro’, respectivamente. No levantamento feito por Bittencourt (2007-2009), na região do rio Piranga, os três são usados apenas com a segunda acepção, registrada, por sinal, em dicionários como o de Houaiss & Villar (2001). Nele, o verbete “bituca” apresenta, dentre outras acepções, a de ‘pessoa caloteira’; já a expressão *ficar de butuca* (ou de mutuca) indica ‘ficar à espreita, de sobreaviso’ e, finalmente, “maxambomba”, ‘vagão ferroviário com mais de um pavimento’ ou, então, ‘veículo velho; calhambeque’.

Do mesmo modo, a interpretação da palavra *xepa* é diferente nas duas cidades: em Jacuri, ela quer dizer ‘chance, oportunidade’ e, em Piranga, assim como em muitas outras localidades mineiras, significa ‘carona’, sendo utilizada em enunciados como: “Você podia me dar uma xepa até a Igreja?” — o que, de certo modo, não deixa de ser uma ‘chance’. Diferentemente desses dois usos, no **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**, “xepa” indica ‘comida servida em quartel; ‘sobra de alimento’; ‘resto de comida não consumido’; ‘papel velho e já utilizado, recolhido com o objetivo de venda para reciclagem em fábrica de celulose’, etc.

Uma última consideração a fazer aqui vai além do conjunto vocabular acima apresentado, embora o inclua. Trata-se da diferença quantitativa e qualitativa entre o léxico utilizado pelas pessoas mais letradas e as menos letradas ou analfabetas, bem como a que se observa entre pessoas “da rua” (moradores da área citadina) e as da roça: como era de esperar, o jacuriense letrado tem um acervo vocabular muito mais amplo e, por vezes, diferenciado formal e semanticamente dos menos letrados. Do mesmo modo, os citadinos são os que mais alteram a forma e o significado das palavras, além de promover uma renovação lexical através da criação de neologismos.

## 2.6 Conclusão

A cidade de São José do Jacuri, apesar de desconhecida de muitos, é uma cidadezinha acolhedora, tranquila, cheia de peculiaridades que a tornam merecedora de um estudo

dialetológico mais profundo. A isso nos conclama o próprio hino da cidade, ao nos dizer, em seus primeiros versos, o quanto há por fazer numa terra que é “a mais bela do país”:

*Jacuri acorda e vê  
O motivo de estarmos aqui  
Há muito para construir  
Algo de bom para fazer aqui  
Essa Terra é mais bela  
Do país é a mais querida  
O nosso céu é mais bonito  
E enfeitada a nossa vida.  
(...)  
(DUPIN, 2004)*

Neste capítulo, deu-se um passo nessa direção, traçando, ainda que de maneira breve, um perfil geral da cidade, de sua gente, de seu linguajar. Não foi nada fácil fazer o levantamento dos dados aqui apresentados, uma vez que a cidade tem pouquíssimos registros de sua memória. Assim, tivemos que nos contentar com o material constante do banco de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), consultados muitas vezes via *Internet*.

A esperança aqui alimentada é que, com a presente pesquisa, possamos chamar a atenção das autoridades governamentais sobre a importância da memória como instrumento de identidade, bem como motivar novas investigações passíveis de colaborar para o resgate e o registro do modo de ser, de pensar e de dizer da gente do Jacuri, do Vale do Rio Doce de nossa Minas Gerais.

Preparemo-nos, pois, a seguir, por meio de reflexões de cunho teórico, para trazer à tona essa memória inscrita em seus nomes personativos, quer atribuídos no ato de batismo, quer no de apelidamento.



Foto 2: Praça principal da cidade de São José do Jacuri

### 3 A CONSTITUIÇÃO VOCABULAR NO PORTUGUÊS: ESTRATÉGIAS E DETERMINAÇÕES DE USO

A cidade de Portugália deva a idéia duma frota incõe — ou de duas cidades emendadas, uma mais nova e outra mais velha. A separação entre ambas consistia num braço de mar.

— A parte de lá — explicou o rinoceronte — é o bairro antigo, onde só existiam palavras portuguesas. Com o andar do tempo essas palavras foram atravessando o mar e deram origem ao bairro de cá, onde se misturaram com as palavras indígenas locais. Desse modo formou-se o grande bairro Brasilina.

[...]

— Que bairro será este? — perguntou Narizinho.

— Um muito importante — o bairro dos **Nomes** ou **Substantivos**.

— Que emproados! — observou Emília. [...] Uns não tiram a mão do bolso e só falam de chapéu na cabeça. Outros parecem modestos. Quem são esses prosas, de mão no bolso?

— São os **Nomes Próprios** que servem para designar as pessoas, os países, as cidades, as montanhas, os rios, os continentes, etc.

### 3.1 Considerações iniciais

Na mesma ordem da apresentação feita acima dos dois temas básicos enfocados nesta parte do trabalho, o presente capítulo compreende, além desta introdução, duas grandes seções: uma em que se estudam os tipos de procedimento de constituição vocabular do português, qualificados pelos autores consultados em dois tipos, segundo o seu grau de rendimento em nossa língua: basilares e fortuitos. O primeiro compreende os processos de composição e derivação com seus respectivos tipos de manifestação, e o segundo, processos outros como: o truncamento, a reduplicação, a acronímia, a palavra valise, a importação estrangeira, etc.

Por sua vez, na seção seguinte, discute-se a questão da atuação, ou não, de **motivos** que levam o falante à criação e/ou à escolha de determinados itens ou expressões lexicais configuracional ou socioculturalmente icônicos como: *Cenourão*, apelido do Jacuriense Laureci Dias, que, além de muito forte, está sempre vestido de macacão amarelo da COPASA, seu local de trabalho; *Caçapa*, apelido de Vander Francisco Calixta, jacuriense famoso pelo tamanho desproporcional de sua boca; *Sônia Costureira*, apelido de Sônia Dias Braga.

Como fecho do capítulo, apresenta-se uma síntese destinada a pontuar as bases teóricas consideradas pertinentes para a análise do *corpus* e a reafirmar a posição aqui assumida: a de que o modo de estruturação das línguas, o seu aparato semântico, a sua constituição vocabular, a sua atualização no discurso podem ser determinados por motivações de natureza variada.

### 3.2 Processos de criação vocabular no português: tipologia e vitalidade

Como instrumental teórico necessário para a detecção e exame dos recursos utilizados em São José do Jacuri na nomeação de sua gente, consultaram-se dicionários, gramáticas e textos específicos, cujas lições-chave são apresentadas e discutidas nesta seção.

Resguardados os dissensos que separam os autores selecionados para estudo no que toca à listagem e à classificação desses procedimentos, procurei estabelecer (e complementar), aqui, um quadro com as informações mais relevantes para o tipo de análise então pretendida.

Dentre os especialistas consultados, salientem-se os nomes de Houaiss & Villar (2001), Freitas (1979), Bechara (1999), Cunha & Cintra (2001), Guérios [s.d], Souza e Silva & Koch (1983), Alves (1990), Sandmann (1988, 1993), Basílio (2004), Citelli (2006), etc., concordes todos em apontar os processos de **composição** e de **derivação** como os basilares na criação de palavras em português. Bechara (1999), por exemplo, assim justifica essa preferência:

De todos esses procedimentos de revitalização do léxico, merecem atenção especial para a gramática a composição e a derivação, tendo em vista a regularidade e sistematicidade com que operam na criação de novas palavras (BECHARA, 1999, p. 351; grifos meus).

### 3.2.1 Procedimentos básicos

Norteadas pela distribuição acima mencionada, inicio, aqui, as reflexões teóricas relativas a esse processo, abordando, inicialmente, as estratégias consideradas basilares, consideradas em seus diferentes tipos de manifestação.

#### 3.2.1.1 Composição

Assim, pois, no que tange ao primeiro — de formação vocabular por composição —, deduz-se de seu próprio nome que se caracteriza como um ato de combinação ou união “de elementos léxicos independentes, da qual resulta um novo conceito único e autônomo”, conforme visto por Houaiss e Villar (2001, p. 777). Em termos fonéticos e prosódicos, o grau dessa combinação de lexemas é variável, redundando, em duas possibilidades distintas uma da outra: de junção mais ou menos estreita. Se distensa, ou frouxa, a composição se dá por justaposição, perceptível na conservação do acento tônico de cada um dos termos formadores. Exemplos da fala jacuriense: pé-de-pano (‘sonso, disfarçado’), Loja Quase (‘cujas mercadorias não têm um preço exato’), Rua Vai-Quem-Quer (‘de difícil acesso’), Rua Espia Gato (motivo desconhecido), etc. Em todos, cada lexema constituinte conserva o acento tônico próprio, embora, no fluxo da fala, esse acento se mostre mais forte no último termo. Por outro lado, se tensa, forte, a composição se dá por aglutinação (agricultura, tragicômico), ou seja, por integração maior dos formantes do novo termo, integração essa revelada na perda

da delimitação intervocabular, expressa de modos variados: na concentração em um mesmo e único acento tônico (malvestido), na troca ou perda de fonemas em um dos formantes (tragi[co]cômico, pseud[o]artrose), ou em modificações de natureza mórfica.

Essa diferenciação dos dois processos, vale lembrar, costumava ser marcada ortograficamente entre nós. Assim, em vários casos de justaposição, a individualidade dos componentes era indicada por meio de hífen, na língua escrita: abóbora-menina, água-de-colônia, João-de-Barro, pé-de-meia, arco-da-velha, etc.. Com o Novo Acordo Ortográfico, essa situação foi alterada, uma vez que várias regras foram reformuladas, conforme apontado por Bechara (2008). Nas formações com os prefixos ante-, anti-, auto-, arqui-, bi-, beta-, contra-, infra-, entre-, macro-, micro-, multi-, neo-, poli-, pseudo-, semi-, sobre-, supra-, etc., por exemplo, é obrigatório o uso de hífen quando o primeiro elemento termina por vogal igual à que inicia o segundo: anti-ibérico, arqui-inteligente, auto-observação, contra-almirante, micro-onda, neo-ortodoxo, pseudo-ortorrômico, semi-interno, sobre-erguer, etc.

Como síntese, apresentamos a seguir, algumas das matrizes combinatórias formadas segundo os padrões desses dois processos de formação lexical por composição:<sup>2</sup>

**A-** Formas justapostas:

- a) substantivo + substantivo: *papel-moeda, carro-leito*;
- b) substantivo + adjetivo: *amor-perfeito; fogo-fátuo*;
- c) adjetivo + substantivo: *belas-artes, baixa-mar*;
- d) adjetivo + adjetivo: *surdo-mudo, luso-brasileiro*;
- e) substantivo + SPrep. : *pé-de-vento, pé-de-moleque*;
- f) verbo + substantivo: *passatempo; girassol*;
- g) pronome possessivo + substantivo: *Nossa Senhora, Sua Excelência*, etc.

**B-** Formas aglutinadas:

- a) com alteração na sílaba final de um dos termos: *lobisomem* (*lobo + homem*), *monocórdio* (*mono + corda*);
- b) com redução do primeiro termo ao seu radical: *planalto* (*plano + alto*);
- c) com elemento radical alterado em sua forma originária: *vinicultura* (cultura da vinha), *vinagre* (vinho acre);
- d) com radical que não aparece como palavra isolada no português: *agricultura* (*agri + cultura*), etc.

<sup>2</sup> Para maiores detalhes, consulte-se Bechara (1999, p. 340).

No tocante ao rendimento das duas possibilidades, de justaposição e aglutinação, ambas são consideradas produtivas no português, assim se mostrando na formação de prenomes pessoais em São José do Jacuri. Em antecipação ao Capítulo 4, de análise propriamente dita, alistamos os seguintes exemplos de antropônimos que seguem um e outro modelo:

a) de composição por justaposição – *Cleusinha Maria Paula, Creiton Walace Antônio, João Paulo Henrique, Magérica Luci, Rose Ane Carla, Zilda Maria Luiz*, etc.;

b) de composição por aglutinação – *Ednei (Ed + Nei), Elianderson (Eli + Anderson), Andre Carla (André + Carla)*, etc.

### 3.2.1.2 Derivação

Diferentemente da composição, a **derivação**, outro recurso frutífero de criação vocabular na nossa língua, configura-se como um processo de *filiação*, uma vez que os novos vocábulos são constituídos a partir da anexação de afixos a uma unidade lexical matriz, que impõem alterações à sua acepção originária. Tendo em vista que os afixos apresentam uma distribuição variada em termos da posição que podem assumir no novo lexema formado, a derivação também admite matrizes diferenciadas, a saber:

a) prefixal — ocorrente, por exemplo em vocábulos como *indireto, super-herói; antessala, antirreligioso*;

b) sufixal — registrada em palavras como *achismo, badernaço, brizolistas, intensivões, timão* (transformado em nome próprio quando se refere ao Coríntians), etc.

c) prefixal e sufixal — na qual se verifica o acréscimo tanto de prefixos como de sufixos ao morfema lexical. Exemplos: *deslealdade, infelizmente, extrauterino*, etc., cujos lexemas-matriz podem ocorrer sem o prefixo – *operação, lealdade, felizmente*;

d) derivação parassintética — na qual, segundo Souza e Silva & Koch (1983, p. 33; grifo meu), “o prefixo e o sufixo são acrescentados a um só tempo ao morfema lexical, constituindo, portanto, **um único morfema gramatical de caráter descontínuo**”. Confirme-se a obrigatoriedade da presença dos dois tipos de afixo a partir da impossibilidade de ocorrências como: *\*velhecer, \*manhecer, \*demoniar, \*fomeado, \*farelado*, etc.

Além desse tipo de derivação por acréscimo de afixo, os especialistas apontam outro, caracterizado como de subtração de morfemas:

e) o de derivação regressiva, ilustrado em nomes deverbiais como: *recordo* (de *recordar*), *adoço* (de *adoçar*), *formigo* (de *formigar*), *requento* (de *requentar*), etc., encontrados no linguajar jacuriense, conforme nos atestam os seguintes dados:

- (1) “Oê não se sente mal com todo esse *recordo*? Ficá lembrano o passado, as pessoas que morreram... Deus me livre!”
- (2) “Com mais um *adoço*, essa canjica vai tá no ponto que eu quero.”
- (3) “O Zuza passou a noite inteira com aquele *formigo* nas costas. Dá dó de vê ele coçá tanto.”
- (4) “Com *requento* ou sem *requento*, seu café é gostoso por demais!”

A despeito de ocorrências dessa natureza, não se pode deixar de reconhecer que essa estratégia não tem o mesmo *status* das anteriores, que integram o grupo das mais produtivas. Da minha parte, do mesmo modo que Souza e Silva & Koch (1983, p. 37, nota 12), penso que “a derivação regressiva não fica clara para o falante nativo que, geralmente, é levado a considerar o nome como primitivo, por analogia com o que ocorre com os nomes como *arma* e *prego*, de que se derivam, *armar* e *pregar*, respectivamente”. Contudo, esse é um problema de outra natureza, de outro nível, a ser resolvido em circunstâncias e contexto próprios.

### 3.2.1.3 Recategorização

A par da **composição** e da **derivação**, autores como Souza e Silva & Koch (1983), Melo (1981, p. 149-158), Bechara (1999) e outros mais arrolam um terceiro processo também de grande produtividade em nossa língua: o da **mudança de classe**, também conhecido como **conversão** (termo preferido por BECHARA, 1999), **recategorização**. Embora alguns linguistas o incluam no grupo de vocábulos formado por derivação, chamando-o de derivação imprópria, outros identificam-no como um tipo de procedimento à parte, uma vez que envolve um *deslocamento* de vocábulos por transposição de plano, efetuada nos seguintes termos:

- a) nomes nocionais → elementos gramaticais (processo de gramaticalização)

Exemplos: *bastante* (do verbo *bastar*) → *bastante* (adjetivo/advérbio quantificador/intensificador); *conforme* (do verbo *conformar*) → *conforme* (conjunção); *durante* (do verbo *durar*) → *durante* (preposição); *salvo* (do verbo *salvar*) → *salvo* (‘se não, tirante’ – preposição), etc.

- b) expressões e orações → adjetivos

Exemplos: *Zé, João Ninguém; Maria vai com as outras; espera-marido; cabeça de vento*, etc.

c) adjetivos → substantivos

Exemplos: sabão *Brilhante, Banco Real; Bárbara; “Os Mutantes”*(conjunto musical), etc.

De grande produtividade em nossa língua, esse mecanismo, a meu ver, deve ter um espaço próprio no quadro das estratégias de constituição lexical no português, espaço esse do mesmo grau de importância dos dois antecedentes: de composição e derivação. Teríamos, pois, um terceiro paradigma básico do qual nos valem no processo de formação vocabular de nossa língua.

Além desses recursos, de maior rendimento entre nós, mencionem-se, ainda, alguns outros, conhecidos na literatura específica como **secundários**, **especiais**, ou **assistemáticos**, uma vez que não têm a mesma estabilidade e grau de frequência dos três anteriores. Vejamos alguns deles, aqui agrupados segundo o tipo de fenômeno que os comanda.

### 3.2.2 Procedimentos outros

#### 3.2.2.1 De redução

a) por truncamento, em que uma das partes — geralmente final — de um item ou sequência vocabular é eliminada. Exemplos: *prof* por professor; *extra* por “extraordinário”; *cine* por “cinema” < “cinematógrafo”); *cerva* por “cerveja”; *coq*, por “coquetel”; *su* por “sucesso”, etc.

b) por cruzamento vocabular, contaminação ou palavra-valise (*portmanteau*), em que duas bases lexicais sofrem perdas fonéticas no processo de fusão de que resulta um novo vocábulo, perdas essas que podem ocorrer: na parte final do primeiro formante, na parte inicial do segundo, ou nos dois tipos de contexto. Exemplos:

i- do primeiro tipo – *malular* (“Maluf + Lula + -r); *Carnabelô* (“carnaval” + “Belô”, forma reduzida de “Belo (Horizonte”); *Galoucura* (“Galo” + “loucura” – um dos

grupos de torcida organizada do Clube Atlético Mineiro), *Corintimão* (“Coríntians + Timão), etc.

ii- do segundo tipo – *tucanóptero* (“tucano” + “[helic]óptero”) ; *uisquerda* (“uísque” [esque]rda”, ou “uís[que] + “esquerda”), (*doutordante* (“doutor” + “**Mercadante**”<sup>3</sup>, etc.

iii- do terceiro tipo – *aborrecente* (“aborrecido” + “**adolescente**”); *sofressor* (“sofredor” + “**professor**”).

No tocante ao rendimento do processo de formação vocabular por subtração no português, percebe-se que tem uma alta taxa de uso, chegando a atingir termos importados de outras línguas, de um modo particular, o inglês, do qual nos vêm os nomes que traduzem os seus avanços tecnológicos. Exemplos: *high tech* por “*high technology*”; *pullmania* (de “*pull*” + “*mania*”, que significa ‘*mania de engrandecer todos e tudo*).

c) por hibridismo (configurado, por vezes, como variante do recurso anterior), em que a nova palavra resulta da combinação de outras que se caracterizam como oriundas de línguas distintas uma da outra: *nudofobia* (latim + grego); *galofobia* (latim + grego); *retratomaníaco* (italiano + grego); *showmício* (inglês + português, que, por sua vez, herdou do latim o termo *comício*, de *cum* + *itum*); *new jeca* (inglês + português), em que *jeca*, por sua vez, resulta da eliminação de um de seus formantes, *tatu*, de: *jeca-tatu*, etc.

d) por acronímia, em que a palavra é formada pela letra inicial (sigla) ou por mais de uma letra de cada um dos segmentos sucessivos de uma locução, ou, então, por algumas de suas partes. Exemplos: *IBGE* ( Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), *SUDAM* (*Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia*), *ONU* (*Organização das Nações Unidas*), *FHC* ( Fernando Henrique Cardoso, ex- Presidente do Brasil), *ACM* (*Antônio Carlos Magalhães*, conhecido político baiano, já falecido);

### 3.2.2.2 De aumento

---

<sup>3</sup> Fórmula introduzida recentemente na mídia, com o fito de criticar o “pseudo” diploma de Doutorado que o Senador Aluízio Mercadante afirmara ter obtido.

a) por reduplicação *ipsis litteris* de um mesmo termo. Exemplo: *trança-trança*, *reco-reco*, *corre-corre*, *troca-troca*, *Vai-Vai* (uma das escolas-de-samba de São Paulo), *Biri-biri*, etc.

b) por reduplicação *aproximada* de um mesmo termo alterado foneticamente em uma de suas vogais ou consoantes: *tique-taque*, *pingue-pongue*, etc.

c) por reduplicação silábica de cunho hipocorístico: *Lulu*, *Zezé*, *Lelé*, *Zizi*, *Dadá*, *Fefê*, *Cacá*, *Tetê*, etc.

A propósito desses últimos, os hipocorísticos que a sua formação não se reduz à reduplicação silábica, mas envolve vários outros tipos de procedimento de criação lexical.

Exemplos:

i- de derivação por sufixação diminutiva ou aumentativa.

- diminutiva: *Mariinha*, *Lucinha*, *Carmita*, *Carlito*, *Lurdeta*, *Branquilha*, etc;
- aumentativa: *Marcão*, *Paulão*, *Carmenzona*, etc.

ii- de abreviação: *Frans* por “Francelina”, “Francisca” ou “Fransmarina”; *Quinca(s)* por “Joaquim”; *Guto* por “Gustavo”; *Taco* por “Eustáquio”; *Caíque* por “Carlos Henrique”, *Luíque* por “Luiz Henrique”, etc.

### **3.2.2.3 De empréstimo**

Concentrando-nos, aqui, apenas em estrangeirismos mais recentes, constatamos, tal como Alves (1990), Faraco (2001) e outros estudiosos mais, que, de um modo geral, são regidos, em sua adaptação à nossa língua, pelos seguintes princípios:

a) a classe dos substantivos é a grande contemplada por termos estrangeiros, sendo seguida mais de longe pela dos adjetivos e verbos;

b) a adaptação do termo importado para o português se dá de duas maneiras básicas: a) através de adaptação — total ou parcial — aos cânones de sua hospedeira; b) através da manutenção — total ou parcial — dos padrões da língua originária. Entre uma e outra alternativa, predominam as seguintes tendências:

i- o termo importado, salvo algumas exceções, mantém-se na mesma classe de palavras da língua-fonte;

ii- do ponto de vista da flexão, a categoria de gênero da língua-fonte é mantida na nossa língua, ao passo que a de número, embora conservada em sua forma orginária pela imprensa, obedece às normas de flexão próprias à língua-alvo (o português).

Para uma visão global desses diferentes processos de formação vocabular aqui considerados, temos, abaixo, um Quadro com a sua listagem e distribuição tipológica:

CONTI-NUIDA-DE LIN-GUÍ-S-TICA	FORMAÇÃO VERNÁCULA										IM-POR-TA-ÇÃO	
	PROCESSOS											
Termos herdados do Latim Vulgar	Composição				Derivação				Reca-tegori-zação	Ou-tros		ES-TRAN-GEIRA
Quanto à Integridade Morfológica		Quanto à Interpretação Semântica		Pre-fi-xal	Su-fi-xal	Prefi-xal e su-fi-xal	Pa-ras-sin-tética	Abrevia-tura		Do latim		
Termos herdados do romance portuca-lense	Agluti-nativa	Flexiva	Justa-posta					Elítica	Cruza-mento		Vocabu-lar	
				Adj. Adv. Prep. Conj. Verbo		Por redupli-cação			Total Parcial Hipocorí-stica			

Quadro 4: Processos de formação lexical no português

A despeito de sua limitação, o quadro acima ofereceu-nos as condições necessárias para a primeira parte da análise aqui efetuada, permitindo-nos perceber e descrever o modo de constituição dos nomes próprios personativos — prenomes e apelidos — correntes na cidade de São José do Jacuri. Igualmente, forneceu-nos subsídios para a confirmação da hipótese aqui defendida, segundo a qual, o processo de formação de nomes próprios não se dá aleatoriamente, mas envolve algo mais que uma mera designação efetuada arbitrariamente. Pensando, como Guimarães (2002), que “o que o nome designa é construído

simbolicamente”, e considerando, tal como Leite (2006), que o nome próprio é marcado pelo acontecimento enunciativo, cabe-nos refletir, em seção especial, a respeito da relação entre nomes de batismo e apelidos e o contexto histórico e sociocultural em que se encontram inseridos.

### 3.3 Motivação lexical: formas de manifestação e efeitos de sentido

Em prefácio ao livro **O nome do homem: reflexões em torno do nome próprio** (2004), de autoria de Mexias-Simon e Oliveira, Monteiro assim se manifesta a respeito das dificuldades enfrentadas por quem se dispõe a enveredar pela Onomástica, uma das subáreas da Lexicologia, considerada em maiores detalhes no capítulo posterior a este:

Quase tudo nesse campo, a começar pela questão da referência e do significado, ainda constitui objeto de controvérsia ou nem sequer chamou a atenção dos lingüistas. O simples fato de saber se os nomes próprios têm ou não significado carece de uma resposta simples e universalmente válida. [...] O fato é que semanticamente os nomes próprios são muito distintos dos comuns: não descrevem propriedades, mas contêm uma forma que constitui o seu significante. O ponto de partida da análise é a seguinte constatação: eles constituem formas lingüísticas que, assim como os dêiticos e as expressões definidas, apenas referem (MONTEIRO, 2004 p. 9)

Tais considerações nos remetem a uma antiga polêmica que se vem arrastando em torno dos estudos da linguagem: a da separação entre uma abordagem *formalista* (ou *convencionalista*) e uma abordagem *funcionalista*. A primeira foi consolidada, em tempos modernos, com as lições estruturalistas de Ferdinand de Saussure (1916/1970), adotadas e complementadas por linguistas da Escola de Copenhague (Rask, Madvig, Noreen, Jespersen, Hjelmslev e outros), do Descritivismo Americano (Bloomfield, Trager, Bloch, Harris, Fries, etc.) de integrantes do Círculo de Praga. Contudo, sua aplicação mais rigorosa se deu com os diferentes e sucessivos modelos dos Gerativismo, inaugurado por Chomsky (1965/1978), que, tal como seus pares supracitados, analisa a língua como um objeto autônomo, cuja estrutura independe de seu uso em situações reais de interação verbal.

Por sua vez, a segunda, *funcionalista*, vê a língua como um instrumento de comunicação, que, por conseguinte, não deve ser analisada como um objeto autônomo, mas, sim, como uma estrutura que se encontra em formação constante, uma vez que determinada

por diferentes situações comunicativas levadas a termo por actantes diferenciados. Prenunciada já por gerativistas de linhas alternativas como as da Semântica Gerativa e a Gramática de Casos, a visão funcionalista da linguagem conquistou adeptos na Escola Linguística de Praga — Martinet e Jakobson, por exemplo — da Inglaterra — Halliday —, da Holanda — Reichling e Dik. Nos Estados Unidos, a partir da década de 1970, ganhou força com os estudos realizados por Gillian Sankoff, Penelope Brown, Talmy Givón, Sandra Thompson, Paul Hopper e outros.

Dentre os americanos, chame-se, aqui, a atenção para o trabalho desenvolvido por Givón (1979, 1995), que refuta o que ele considera os três *dogmas* da linguística estrutural: o da *arbitrariedade* do signo linguístico (de interesse especial para esta pesquisa), o da distinção entre *langue* e *parole* e o da divisão rígida entre *sincronia* e *diacronia*.

Essa oposição *formalismo* x *funcionalismo* incide também sobre a esfera dos estudos lexicais, na qual encontramos, no tocante à questão da *arbitrariedade* do signo, lingüistas que negam qualquer tipo de relação intrínseca entre a forma e o significado dos vocábulos e linguistas que sustentam a existência dessa relação. Para esses últimos, a *motivação* linguística é uma consequência natural da própria ação enunciativa em si, que é produzida por determinados actantes (enunciador e enunciatário), em contextos imediatos e mediatos diversificados.

Embora de linha *formalista*, Saussure (1916/1970) reconhece, em seu **Curso de linguística geral (Cours de linguistique générale)**, que as línguas lexicológicas tendem mais para o convencionalismo, ao passo que as línguas gramaticais tendem a apresentar maior transparência. Todavia, chama-nos a atenção para o fato de que a transparência e a opacidade das palavras variam de uma língua para outra e até mesmo de uma época para outra, no interior de um mesmo idioma.

Diferentemente, o semanticista francês Guiraud (1972), aqui já referido, acredita que, em princípio, toda palavra é originalmente motivada. O seu emprego convencional constante é que acaba acarretando o obscurecimento, ou mesmo apagamento, de sua motivação originária e, por conseguinte, a sua transformação em signo arbitrário — o que, segundo ele, não implica necessariamente o seu desaparecimento total da língua.

Para uma boa parte dos autores atuais, os nomes próprios não passam de meros índices de identificação de pessoas, animais, localidades, acidentes geográficos, etc. Para outros, se configurariam como marcadores discursivos, ou seja, como elementos vocativos, desprovidos de qualquer carga semântica. Vampré assim traduz o pensamento desses dois grupos:

Para alguns lingüistas, os nomes próprios seriam o mais prático elemento de identificação que possuímos, pois, estando todos sujeitos à lei da associação de idéias, a expressão de um nome nos faz acudir logo ao espírito da pessoa a quem ele se aplica, uma vez que a imagem sonora e a imagem física se tenham ligado duradouramente em nossa memória. Para outros, seriam signos linguísticos, uma vez que fazem referência à pessoa de quem se fala. **Em outras palavras, o nome próprio de pessoas possibilita que captemos algo do ato de produção do discurso, do estar face-a-face com o outro, compartilhando, intersubjectivamente, com ele um espaço e tempo.** (VAMPRÉ, 1935, p. 37; grifos nossos).

De nossa parte, acatamos e estendemos aos nomes próprios a visão de linguistas como Ferrarezi Jr., expressa abaixo, reconhecendo que, a par de nomes opacos — assim tornados, muitas vezes, por desgaste de uso —, existem outros que se mostram transparentes em sua motivação, quer fonética, quer morfológica, quer discursiva ou sociocultural.

Toda língua possui um conjunto de palavras nominais – e, muitas vezes, apenas radicais nominais – das quais nenhum falante é capaz de recuperar a motivação de sua atribuição como significante de um referente qualquer. São palavras "básicas", cuja origem quase sempre só pode ser identificada por profundos estudos etimológicos e, mesmo assim, nem sempre sendo possível identificar as atribuições e derivações do sentido. Essas palavras são, em sua maioria, uma "herança" lingüística dos tempos ancestrais, de colonizações, de contatos lingüísticos. Por outro lado, existem nomes que têm o sentido de sua construção facilmente identificado, que atuam de forma mais complexa do que como meros significantes-índices de um referente qualquer. Tomando isso como certo - e creio que não há grande contestação dessa afirmação na academia – podemos, então, grosso-modo, dividir os nomes de uma língua em dois grupos principais: motivados e não motivados. Os primeiros, constituiriam esse grupo básico de palavras que a teoria lingüística tem chamado de "literais", terminologia que, como disse, mantenho aqui; o outro grupo, sobre o qual os falantes podem recuperar de alguma forma a motivação de sua atribuição, parece ter duas origens distintas: uma origem cultural complexa e outra meramente lingüística. (FERRAREZI JR., 2002, p. 7)

Em outras palavras, acreditamos que os onomásticos, do mesmo modo que os nomes comuns,

atuam na configuração que fazemos de nosso mundo, na visão que temos dos elementos que o constituem. Assim é que um menino muito magro de cabeça grande chamado João, pode ter suas características físicas despercebidas por alguns dos seus colegas de classe enquanto chamado de "João", mas passa a ter suas idiosincrasias corporais muito mais evidenciadas aos olhos dos demais logo após ser alcunhado por um colega – ou seja renomeado - de "Prego". (FERRAREZI JR., 2002, p.7)

Estudioso do assunto, Platão (séc. IV a.C), num de seus **Diálogos**, **Crátilo**, vê o ato de nomear algo mais que um simples recurso de marcação de identidade. Para ele, “nomear também é ação, uma vez que falar é uma espécie de ação, com relação a certas coisas”. No caso específico da presente dissertação, a “pessoa” nomeada configura-se como uma espécie de metonímia representativa de uma comunidade do interior mineiro, cuja vida procuramos retratar, a partir do exame dos procedimentos linguísticos de que se costumam valer na nomeação e no apelidamento de sua gente.

No estudo da nomeação, repita-se, levamos em conta apenas os **prenomes**, o que não nos impediu de verificar o *status* dos **sobrenomes**, que ainda guardam valores advindos de um passado mais ou menos remoto. Tanto é que continuam sendo empregados como instrumento de identificação de grupos familiares, que buscam resguardar sua linha genealógica, mantendo termos como *Fernandes, Oliveira, Coelho, Assis* e outros mais trazidos pelos colonos portugueses, cuja motivação — nome do pai, nome de árvore, nome de animal, nome do local de origem, respectivamente — não é mais recuperada pela memória.

Resguardadas as diferenças nos tipos de item lexical envolvidos e no grau de importância conferida, até hoje, aos patronímicos, pode-se dizer que muitos “nomes de pia” usados hoje também conferem “ares de importância”, de distinção a seus portadores. Daí o registro em cartório de tantos *Maiquel Jequisson, Demimur, Zerozero Sete, Quirque Douglas, Leididai, Bred Ispite, Leidilaura, Roberto Carlos Júnior, Gladisrraia* e outros mais que vêm alcançando um espaço de uso cada vez maior entre nós. É que, além de servirem para homenagear celebridades, eles traduzem a esperança dos pais de que os filhos tenham algum ponto comum com a pessoa cultuada que tomam como modelo. Outro motivo é que esses nomes traduzem o “orgulho” dos pais em distinguir “o filho” do “filho do outro”, quer do ponto de vista de seu *status* social, quer do intelectual.

Uma observação a fazer é que, em todos esses casos, o ato de nomeação se reveste de um alto grau de subjetividade, uma vez que traduz o modo de pensar, de sentir, de ver e de viver dos nomeadores: os pais. Contudo, não se pode deixar de reconhecer que essa subjetividade vem se tornando relativa, pois que a “moda” de batizar as crianças com nomes complicados ou emprestados de pessoas famosas já se tornou lugar comum entre nós, principalmente entre as pessoas de camadas sociais menos favorecidas.

No âmbito da linha teórica da Análise do Discurso, poderíamos dizer que esse tipo de comportamento linguístico adviria da instauração de uma nova “prática discursiva”, correlacionada, por seu lado, com uma nova “prática social”. Em outras palavras, assistimos

aqui à extensão, ou a uma mudança, do “imaginário coletivo”, que, não mais satisfeito com o emprego, até há pouco tempo corrente, de nomes de seres mitológicos, de personagens da Bíblia, da hagiografia cristã, da literatura, da história, etc., vem preferindo batizar as pessoas com o nome de figuras ilustres do cinema, da televisão, da música, do teatro, do esporte e até do meio político, etc., consideradas representativas dos valores que regem a nossa vida na atualidade.

### 3.4 Conclusão

Neste capítulo, procuramos nos prover do instrumental teórico necessário para o desenvolvimento adequado do estudo aqui proposto: de tracejo e análise do retrato da cidade mineira de São José do Jacuri, vista, ainda que parcialmente, no jeito de ser, de viver, de encarar o mundo, de seus habitantes. Para tanto, foi utilizado material linguístico de cunho lexical, formado, no caso, por nomes próprios (prenomes) e apelidos correntes na cidade.

A escolha desse componente de nossa língua traduz, em si mesma, a importância que conferimos às investigações lexicológicas, nem sempre reconhecida pelo universo acadêmico. Acreditando, como Ferrarezi Jr. (2002), supracitado, que os nomes atuam como verdadeiros “depósitos” naturais do conhecimento, dos hábitos, dos costumes, da cultura, enfim, de um povo, quisemos deixar claro o pensamento aqui defendido: o de que tanto os “nomes de pia” quanto os apelidos têm um efeito estruturante, uma vez que relacionados com a capacidade de percepção das pessoas. No primeiro caso, dos nomes de batismo, os motivos que determinaram sua escolha podem ser esquecidos por aqueles que tiveram a oportunidade de conhecê-los antes; no segundo, dos apelidos, as razões da renomeação costumam ser mais evidentes, e assim permanecem ao longo do tempo, já que relacionadas com alguma faceta do apelidado. Diversas na superfície, essas razões, na verdade, exprimem, na concretude do “rebatismo”, um traço mais profundo de nossa essência humana: a preocupação que temos em expressar a organização, ou, até mesmo, a hierarquização que conferimos ao mundo em nosso entorno. Prova disso é o hábito que temos de nos referirmos ao Outro, através de vocábulos que identificam a sua profissão: de professor(a), padre, delegado, doutor, cantor(a), jogador, etc.

Para melhor captar a variação observada, durante a pesquisa, entre literalidade e figuratividade na conferição de nomes próprios personativos e de apelidos pelos jacurienses,

procuramos discutir, neste capítulo, aspectos teóricos de importância crucial para a análise do *corpus*, apresentada a seguir: um relacionado com o processo de constituição do léxico no português do Brasil; outro voltado para o problema da motivação, linguística e/ou extralingüística, que, se ocorrente, serve para justificar a escolha dos nomes e apelidos, permitindo-nos obter e traçar o perfil histórico e sociocultural da comunidade que os emprega.

Obviamente, isso não significa que todos os onomásticos usados em São José do Jacuri tenham condições de nos revelar a sua identidade, ou seja, os traços que lhe são peculiares. Levando em conta as tendências gerais observadas, entre nós, na criação de antropônimos — e de outros tipos de nome — percebe-se claramente um movimento de generalização de uso de certas estratégias. Assim é que “criações” como *Valdisnei*, *Leidilaura*, *Carvão Bueno*, *Ronaldim do Braço*, etc., usadas no lugar de *Walt Disney*, *Lady Laura* (mãe do cantor Roberto Carlos), *Galvão Bueno* (narrador de esportes da Rede Globo de Televisão) e *Ronaldinho do Barça* (corruptela do nome do time espanhol *Barcelona*) não são de uso “prerrogativo” dos jacurienses, mas exemplos de estratégias em franca expansão no português do Brasil.

Não é descabida, pois, a seguinte observação do escritor e ensaísta Umberto Eco a respeito da onomástica vigente no nosso país: “Jamais cheguei a me sentir à vontade com os nomes próprios brasileiros. Desafiam qualquer dicionário onomástico e só existem naquele país” (ECO, 1991, p. 157).



Foto 4: Sr. Levi Alves, cidadão mais idoso de São José do Jacuri, com seus 108 anos

#### 4 O LÉXICO ONOMÁSTICO EM SÃO JOSÉ DO JACURI: CONSTITUIÇÃO E MOTIVAÇÃO

##### “NOMES DE GENTE”

(...)	
Tem muito nome de gente	Ataulfo é nobre-lobo
Que é nome de bicho	Arnaldo, águia potente
Tem Jonas que é pombo	Arnulfo é águia e lobo
E Raquel que é ovelha	Arlindo, águia e serpente
E tem Leon	Leandro, homem-leão
Que quer dizer leão	Leonardo é leão forte
Com nome de bicho	Catulo, um pequeno cão
Tem uma porção	Bernardo é urso forte
	(...)

Geraldo Azevedo e Tadeu Rocha  
Gravação: MPB4

#### 4.1 Considerações iniciais

No correr do presente trabalho, vimos insistindo em contestar a ideia — ainda persistente entre nós — segundo a qual os nomes próprios constituem uma classe de palavras à parte, que, situada fora da língua, deve ser considerada isoladamente pelos estudiosos da linguagem. Dentre os que defendiam tal pensamento, encontramos figuras de renome como, por exemplo, Ullmann (1973), Marouzeau (1946), Jespersen (1992) e outros mais para quem os onomásticos nada mais eram que palavras denotativas que serviam para identificar, no plano do discurso, aquele(s) de quem falamos.

As razões de tal modo de entendimento eram, e continuam sendo as mesmas apontadas por autores contemporâneos, a saber: o desgaste ou a perda total da lembrança do significado original, etimológico, desses nomes por parte dos usuários da língua; a manutenção, por vezes, de sua forma originária, quando transposta para outro idioma; a sua maior resistência às mudanças fonéticas, geralmente categóricas em substantivos comuns, etc.

Do lado oposto, teóricos como Bréal (2002) — no caso, semanticista —, procuram mostrar que a diferença entre nomes próprios e nomes comuns não passa de uma questão de grau: os primeiros se configuram como “signos de segunda potência” e os últimos, como de “primeira potência” (BRÉAL, 2002, p. 125). Para maior compreensão do raciocínio desse autor, acompanhemos o excerto abaixo transcrito, no qual, responde a cada uma das questões acima expostas, construindo, assim, uma espécie de jogo polifônico cujas vozes oponentes procura refutar com a sua, assim expressa:

Se o sentido etimológico não conta para nada, (...) não é muito diferente quanto aos substantivos comuns, para os quais o progresso consiste precisamente em se eximir de seu ponto de partida. / Se passam de uma língua a outra sem serem traduzidos, têm essa particularidade em comum com muitos dos nomes de dignidades, funções, usos, invenções costumes, etc. / Se participam um pouco menos das transformações fonéticas, isso deve-se a certas palavras da língua religiosa ou administrativa. (BRÉAL, 2002, p. 125-126; barras inclinadas nossas).

Como reforço a essa voz, temos, ainda, a que nos vem das “lições etimológicas” de Geraldo Azevedo e Tadeu Rocha, registradas nas estrofes usadas como epígrafe do presente capítulo, lições essas que nos demonstram de um modo mais contundente a fragilidade das fronteiras que separam os nomes próprios dos comuns. Assim, por exemplo, antropônimos como *Leandro*, *Leonardo*, *Catulo* e *Bernardo*, segundo os dois compositores supracitados,

originam-se de nomes de animais, significando: ‘homem-*leão*’; ‘*leão* forte’; ‘pequeno *cão*’ e ‘*urso* forte’, respectivamente. Valendo-se do mesmo artifício, em estrofe subsequente, abaixo transcrita, os dois musicistas fazem desfilar diante de nós algumas flores que, recolhidas de jardim, são empregadas por nós para nomear as mulheres, segundo a qualidade que apresentam em comum com a flor:

Tem muita gente com nome de flor...  
 Tem mesmo: tem violeta, tem rosa  
               Tem cravo, camélia, dália e jasmim...  
 E tem carmem que quer dizer jardim.

(AZEVEDO & ROCHA, 1981; grifos nossos)

Esses e outros tipos de recurso e motivação observados na escolha ou criação de nomes de batismo e de apelidos da gente do Jacuri constituem o objeto de estudo do presente capítulo, no qual, procuramos apontar, analisar e justificar o gosto e a preferência demonstrados nesse tipo de operação lexical.

Para a devida execução dessa tarefa, procuramos nos orientar pelo seguinte esquema estrutural:

a) na primeira seção posterior a esta, de preparo para a análise propriamente dita, delinea-se um quadro geral no qual se mostra a posição dos dois ramos de estudos aqui abordados — da Onomástica e da Antonomásia — na macro-área dos estudos lexicológicos;

b) na seção seguinte, de número 4.3, inicia-se o estudo proposto, com a abordagem dos antropônimos, ou “nomes de pia” (onomásticos) integrantes do *corpus*, de que se estudam o(s) processo(s) utilizado(s) em sua formação e as possíveis motivações subjacentes à sua criação/escolha;

c) na seção subsequente, de número 4.4, dá-se continuidade à análise, examinando-se outra forma corrente de nomeação de pessoas: a dos apelidos que, tão a gosto dos jacurienses, são, tal como os antropônimos, examinados em termos de sua formação e das razões que devem ter determinado a sua criação ou escolha;

d) por fim, em seção conclusiva do capítulo, numerada como 4.5, destaca-se o uso preferencial do povo do Jacuri, tanto no que diz respeito aos nomes de batismo quanto aos apelidos, denunciadores ambos do jeito de ser e de viver dessa pequena cidade do interior de Minas Gerais.

## 4.2 Antroponímia e Antonomásia: desdobramentos da Onomástica

Conforme referido acima, antes de proceder à análise propriamente dita, pareceu-nos oportuno precisar melhor a área de estudos aqui abarcada, localizando, mesmo que parcialmente, as sub-áreas da Antroponímia e da Antonomásia, aqui enfocadas, na grande área da Onomástica, ramo da macro-área da Lexicologia. Embora tenhamos dedicado um capítulo especial para reflexões de ordem teórica, achamos que seria mais apropriado e pertinente mostrar essa distribuição imediatamente antes de começar a desenvolver o estudo do material concernente a cada uma.

Tal opção, vale dizer, respalda-se, também, em fatos empíricos, relacionados, no caso, com a situação vigente no Jacuri, onde o emprego do nome de batismo e do apelido não têm o mesmo grau de receptividade por parte dos nomeados. Grande parte da população nem conseguem mais se lembrar imediatamente do nome de batismo de alguns moradores, substituído pela alcunha. Essa é a situação de indivíduos como *Boré* e *Nóia*, que muitos não sabem o seu “verdadeiro” nome: Antônio Chaves Oliveira e Claudimar Félix da Silva, respectivamente, conforme pudemos constatar no cartório de registro civil da cidade. Outra situação singular é a do Jacuriense que conhece seu “nome de pia”, mas o rejeita por alguma razão, explicável ou não, preferindo ser chamado pelo apelido. Geralda Braga de Andrade e José Ferreira, por exemplo, só atendem à interpelação das pessoas se chamados de *Sandra* e *Neném*, respectivamente.

Fornecida essa ideia geral acerca da tensão entre antroponímia e antonomásia na cidade do Jacuri, passamos a um estudo mais detido do quadro vigente, abordando-o a partir de comentários teóricos a respeito da área de investigação aqui focalizada: a da Onomástica, que, por sua vez, se constitui num dos ramos da Lexicologia.

Começando com a própria conceituação de *léxico*, apresentada até então, superficialmente, transcrevemos abaixo a definição que, a nosso ver, traduz com maior precisão o nosso pensamento, definição essa adotada pelo Grupo de Trabalho (GT) de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da ANPOLL, conforme registro na *Internet*:

O **léxico** é entendido como o conjunto das palavras de uma língua, também chamadas de lexias. As lexias são unidades de características complexas cuja organização enunciativa é interdependente, ou seja, a sua textualização no tempo e no espaço obedece a certas combinações. Embora possa parecer um conjunto finito, o léxico de cada uma das línguas é tão rico e dinâmico que mesmo o melhor dos lingüistas não seria capaz de enumerá-lo. Isto ocorre porque dele faz parte a

totalidade das palavras, desde as preposições, conjunções ou interjeições, até os neologismos, regionalismos ou terminologias, passando pelas gírias, expressões idiomáticas ou palavrões. (Site do GT; grifo nosso)<sup>4</sup>

Pelo que se pode perceber, essa visão do “léxico” enquadra-se perfeitamente na concepção de “língua”, aqui assumida, qual seja, a de “uma estrutura maleável, sujeita a pressões oriundas das diferentes situações comunicativas, que ajudam a determinar sua estrutura gramatical” (MARTELOTA & AREAS, 2003, p. 20).

Em convivência com essa linha de pensamento, adotamos a definição de **Lexicologia** proposta pelo GT supracitado, que reconhece a existência de uma relação entre as palavras e o ambiente externo em que são produzidas e/ou utilizadas:

A **Lexicologia** é uma disciplina que estuda o léxico e a sua organização de pontos de vista diversos. Cada palavra remete a particularidades diversas relacionadas ao período histórico em que ocorre, à região geográfica a que pertence, à sua realização fonética, aos morfemas que a compõem, à sua distribuição sintagmática, ao seu uso social e cultural, político e institucional. Desse modo, cabe à Lexicologia dizer cientificamente em seus variados níveis o que diz o léxico, ou seja, a sua significação. Ao lexicólogo, especialista da área, incumbe levar a termo essa tarefa tão complexa sobre uma ou mais línguas. (Site do GT; grifo nosso)<sup>5</sup>

Atentando-nos para um dos domínios dessa disciplina, qual seja, o da **nomeação** — de nosso particular interesse —, percebemos que ele é passível de variação (intra e intercultural), determinada por fatores diferenciados, dentre os quais, a espécie de “entidade” nomeada: seres animados ou inanimados; seres concretos ou abstratos; coisas ou partes delas; estados; qualidades; ações (objetos, porções, sentimentos, sensações, fenômenos etc.). Com isso, temos o desdobramento primeiro da disciplina em dois grandes grupos: o dos chamados **nomes comuns** e o dos chamados **nomes próprios**, ambos desdobráveis em subgrupos diferenciados uns dos outros.

No que tange ao último, objeto de investigação do presente trabalho, constitui-se, ao mesmo tempo, num dos desdobramentos de um ramo de maior amplitude, o da **Onomástica**, e num sub-ramo que domina outros. Todos esses desmembramentos, exibidos de um modo mais completo e sistemático num Quadro especial, não devem ser vistos como meros rótulos

<sup>4</sup> Disponível em: [www.mel.ileel.ufu.br](http://www.mel.ileel.ufu.br); acesso em 27 julho 2009.

<sup>5</sup> Tal como os especialistas na área, consideramos que, embora distinta da Lexicografia, a Lexicologia contribui para o desenvolvimento do trabalho dos lexicógrafos, oferecendo-lhes alternativas teóricas capazes de ajudá-los na solução dos problemas práticos que enfrentam.

lingüísticos, mas como elementos pragmáticos de organização temporal, espacial e sociocultural.

Para um acompanhamento mais preciso dessa distribuição, consultemos um dos grandes especialistas no assunto, o filólogo português José Leite de Vasconcelos (1928). No tocante à definição do termo **Onomástica**, um dos desdobramentos de Lexicologia, segundo esse autor é a “secção da Glotologia [substituível pelo termo Linguística] que trata da origem, razão de emprego, forma, evolução, etc. dos nomes próprios”. (VASCONCELOS, 1928, p. 2; grifo nosso). Em razão da diversidade de áreas que abarca — pessoas, animais, lugares, acidentes geográficos, seres sobrenaturais, livros, etc.—, pode ela, no modo de ver do filólogo, ser dividida em três grandes grupos de disciplinas:

- A) a Antroponímia: estudo específico dos nomes de pessoas, ou de personativos;
- B) a Toponímia: estudo de nomes de lugares, ditos nomes geográficos;
- C) a Panteonímia: estudo de vários outros tipos de nomes próprios, relativos a seres sobrenaturais, animais, astros, ventos, navios, veículos, armas, nomes sociais, títulos de livros, etc.

Naturalmente, conforme se pode entrever na classificação acima, cada um desses três pilares onomásticos contém, de sua parte, subdivisões próprias, também decorrentes do caráter particular e diferenciado das sub-áreas que pode abarcar. Para uma visão global e mais sistematizada dos desdobramentos que esses três sub-ramos podem apresentar, veja-se o Quadro a seguir, no qual procuramos conjugar, de um modo mais harmonioso possível, algumas das propostas classificatórias da Onomasiologia, correntes entre nós. Dentre elas, ressaltem-se, aqui, as de lexicólogos como Faulstich (1980), Guérios (1981), Barbosa (1990), Isquierdo & Oliveira (1998), Biderman (1981, 2001), Verdelho (2002), Preti (2008), Isquierdo e Krieger (2004, 2007), e as de lexicógrafos como Houaiss & Villar (2001) e Ferreira (1999). Acresçam-se a esse nomes os de autores de dicionários específicos de termos linguísticos, como o de Câmara Jr. (1964) e Dubois *et al* (1993). Como ilustração, arrolamos dados recolhidos do vocabulário jacuriense, acrescidos, quando necessário, de outros de caráter aleatório.

ONOMÁSTICA									
Antroponímia		Mitónímia ou Teonímia	Etnonímia	Toponímia ou Geonímia		Panteonímia		Onionímia <sup>6</sup>	
Antroponímia <i>stricto sensu</i>	Antonomásia		Estudo dos nomes de personagens lendários ou míticos:	Estudo dos nomes designativos de tribos, etnias, raças, grupos humanos definidos, nação, etc.	Estudo de nomes da parte sólida do globo	Estudo de nomes da parte líquida do globo	Astronomia	Outros sub-ramos	<u>Onomástica Industrial</u>
↓ Estudo do nome próprio de pessoas	De valor positivo ↓	De valor negativo ↓ <b>Apodologia</b>			<b>Coronímia</b> Estudo dos nomes designativos de divisões administrativas: continentes, países, regiões, estados, etc.	<b>Limnonímia</b> Estudo de nomes designativos de: lagos, lagoas, quedas 'água, pântanos e símiles			
<b>Homens</b>	<b>Homens</b>								
<i>Azemir</i>	<i>Pão</i>		<i>Júpiter</i>	<i>Os Aimorés</i>	<i>Europa Brasil Minas Gerais</i>	<i>Lago Titicaca Lago Baikal Lago Paranoá</i>	<i>Terra</i>	<i>El Niño Mistral Minuano Elísios</i>	<i>Brasilit, Kibon Gilette Ypiranga (tinta), Repelex</i>
<i>Brucimário,</i>	<i>Gogó-de-Ouro</i>	<i>Caçapa</i>	<i>Prometeu</i>	<i>Os Arara</i>	<i>Vale do Rio Doce</i>	<i>Lagoa dos Patos Lagoa da Conceição Lagoa Azul Cachoeira Paulo Afonso</i>	<i>Plutão</i>	<i>Chevrolet Fiat Honda Pálio Renault</i>	
<i>CreuzoMária</i>	<i>Genim (de Geninho)</i>	<i>Cenourão</i>	<i>Robin Hood</i>	<i>Os Baniwa</i>			<i>Estrela d'Alva</i>		
<i>Elimarço</i>		<i>Fominha</i>	<i>Vampiro</i>	<i>Os Carijós</i>			<i>Aldebaran</i>		
<i>Kerlen</i>		<i>Grilo</i>	<i>Saci-Pererê</i>	<i>Os Deni</i>			<i>Canopus</i>		
<i>Milher Magno</i>	<i>Rui (de Rui Barbosa)</i>	<i>Meio-Quilo</i>	<i>Curupira Exu</i>	<i>Os Fulniô</i>	<b>Eremonímia</b> Estudo de nomes designativos de terras, desertos, ermos, regiões desabitadas:	<b>Potamonímia</b> Estudo de nomes designativos de rios:	<i>Cruzeiro do Sul</i>		
<i>Ricksonerlleer</i>	<i>Roberto Carlos</i>	<i>Zé Capeta</i>	<i>Mãe-d'Água</i>	<i>Os Javaé</i>	<i>do Saara da Arábia de Gobi</i>	<i>Nilo Amazonas Mississipe Reno Sena, Niger, etc.</i>	<i>Diadem</i>		
<i>Sândalo</i>		<i>Zé Bode</i>	<i>Vitória Régia</i>	<i>Os Olmecas</i>	<i>do Atacama</i>	<b>Talassonímia</b> Estudo de nomes designativos de mares e oceanos:	<i>Espiga</i>		
<b>Mulheres</b>	<b>Mulheres</b>	<i>Pastel Velho</i>			<i>de Bayuda</i>	<i>Antártico Atlântico Índico Pacífico Mar da China Mar Báltico</i>	<i>Gacrux</i>		
<i>Luiara Perizalda Presentina Pulcena Tonica</i>	<i>Anja Baby Brisa Belinha Boneca</i>	<i>Ceguim (de ceguinho)</i>			<i>do Namibe</i>		<i>Hélión</i>		
<i>Última Tatiana</i>	<i>(Ir)Mãe Dulce</i>				<i>de Amargosa da Patagônia de Gibson de Accona</i>		<i>Izar</i>		
							<i>Libra</i>		
							<i>Pulcher- rima</i>		

Quadro 5: A Onomástica e suas ramificações

#### 4.3 A prática de nomeação pessoal em São José do Jacuri: análise do *corpus*

<sup>6</sup> O acréscimo dessa sub-área nos estudos da Onomástica foi proposto, oficialmente, por Guérios (1981, p. 177-208), em artigo intitulado: "Onionímia ou Onomásia Industrial".

Ao iniciar esta seção destinada ao registro e à análise dos mecanismos empregados pelos jacurienses na atribuição de nomes chamados pessoais — de batismo e de alcunha —, aproveitamos para ratificar o ponto de vista aqui defendido a respeito dessa classe de palavra, caracterizada por grande parte dos autores como desprovida de qualquer tipo de carga semântica. Para tanto, fazemos nossa a voz de autoridades como Guérios (1981), que, na passagem abaixo, preocupa-se em apontar os vínculos existentes entre nomes próprios e nomes comuns, cuja separação lhe parece artificial:

A distinção entre o nome próprio (de pessoas, etc.) e o nome comum é, aos olhos do linguista, artificial, porque, na sua origem, remota ou não, os antropônimos [...] eram nomes comuns. A única distinção real e concreta é a seguintes: **Todos os vocábulos ou signos possuem “alma”**, i. é, sentido ou significado e “corpo” ou significante, que é, na linguagem falada, o som, e na linguagem gráfica, a escrita (GUÉRIOS, 1981, p. 15; negrito nosso)

Da mesma forma, linguistas outros adeptos de diferentes linhas de estudo compartilham dessa ideia, dentre os quais, Basílio (2004), nome consagrado na área da Morfologia Gerativa. Em excertos como o de abaixo, no qual assinala os três grandes fatores responsáveis pela renovação vocabular nas línguas, a autora deixa claro que eles se aplicam tanto aos nomes comuns quanto aos nomes próprios:

[...] podemos pensar pelo menos em três funções fundamentais para a formação de palavras: a função de denominação, que corresponde, naturalmente, a necessidades semânticas; a função de adequação discursiva e a função de adequação sintática. Entretanto, não se pode descartar a possibilidade de que estas funções sejam mescladas, pelo menos em alguns casos. (BASÍLIO, 2004, p. 64; grifos nossos).

Além desse tipo de vínculo observado no campo da nomeação em si, aponte-se outro, que envolve os planos morfológico e sintático das línguas. Reconhecida por pesquisadores como Alves (1990), Basílio (2004), Bechara (1999), Guérios [s.d.], Melo (2009), Pilla (2002) e outros mais, a conjugação desses dois módulos no processo de formação vocabular é assim descrita por Sandmann:

[...] a combinação de radicais com flexões ou de bases com afixos ou ainda de mais de uma base para formar compostos, produzindo palavras flexionadas ou complexas, caberia em certo sentido dentro de estudos de sintaxe. Em todos esses processos têm-se um combinar, um pôr junto unidades menores para formar unidades maiores. (SANDMANN, 1993, p. 12; grifos do autor)

Para ilustrar tal tipo de ligação, mencionem-se aqui nomes como *Maria do Corgo*, cujo segundo elemento resulta de uma redução fonética por síncope da vogal postônica não final do substantivo “córrego”. Embora formado de três elementos subsequentes, nomes como esse não podem ser vistos como uma mera sequência linear de “substantivo + preposição elidida a artigo + substantivo”, mas, sim, como um conjunto de unidades lexicais hierarquicamente organizadas. Assim é que o constituinte *Maria* se configura, sintaticamente, como termo determinado por um sintagma preposicional (SPrep), determinante que, por sua vez, apresenta o seguinte perfil estrutural: [ [de+o] + [substantivo “Corgo”] ]. De acepção locativa, *Corgo* adquire, nesse tipo de contexto, o *status* de nome próprio, servindo para identificar, pragmaticamente, a *Maria* de que se fala, mencionando, para tanto, o lugar onde (ou próximo de onde) ela mora.

Prestados esses esclarecimentos, passamos, a seguir, ao estudo da produção onomástica em São José do Jacuri, focalizando, primeiramente, os “nomes oficiais”, conferidos no batismo e/ou no registro civil.

#### **4.3.1 Nomes de batismo**

##### **4.3.1.1 Visão geral**

Com base na concepção de língua como uma espécie de metafísica que transcende os triviais espaços da comunicação diária e traz consigo a história de um povo, de um tempo, defendemos aqui, conforme já dito, a hipótese de que os nomes, quer comuns, quer próprios, configuram-se como instrumentos suscetíveis de nos revelar algo mais que a ação linguageira levada a termo por seus usuários.

A escolha dos nomes pessoais é tão importante que o Código Civil Brasileiro, através de lei especial — a Lei de número 6.015 —, proíbe que os oficiais do cartório civil registrem prenomes que exponham ao ridículo os seus portadores, impondo-lhes danos psicológicos, morais e sociais. Todavia nem mesmo a força da legislação tem conseguido o êxito desejado, detendo a criatividade de alguns “pais” brasileiros, que teimam em batizar seus filhos com nomes exóticos e, por vezes, estapafúrdios como: América do Sul Brasil de Santana, Cheio Quispirra (por Shakespeare), Chevrolet da Silva Ford, Cotonifício Giorgi, Crescêncio Escada Vara, Ernesto Segundo da Família Lima, Ervilhaço, Fotocópia Autenticada, Fumanciano das

Americas, Graciosa Rodela, Glorivaldo, Hypotenusa Pereira, Madeusa (correspondente a “made in USA”) Machado, Jessé Herói Scully, Rocamble Simonato, Percephinn, e outros mais que, tão ou mais bizarros que esses, acabam fazendo de seus portadores objeto de riso e de depreciação por parte das pessoas.

Não se pense, todavia, que essa excentricidade se restrinja apenas ao nosso país. Também pouco ortodoxos são os seguintes nomes de origem lusitana, recolhidos e publicados pelo jornalista Duda Guenes, no **Jornal do Commercio**, de Recife: Benvinda da Purificação Carrega Tudo Bom Duarte; Brígida de Samora Mora Belderagas Piruégas; F. A. Mão de Ferro Cara de Anjo; Maria Chamma Rolla; Xarope Pau Mole; Água Doce Engrossa; Forte Homem, Alho Borda d'Água, Maria Rijo Rosado Bago d'Uva, etc.

Não é de estranhar, pois, que encontremos, em São José do Jacuri, um quadro antroponímico (a ser estudado na próxima seção) que contempla vários prenomes excêntricos. De um modo geral, resultam da escolha dos pais, principalmente da mãe, e se explicam por razões que só eles conhecem. Alguns costumam advir de erro de interpretação ou de desconhecimento das regras ortográficas do português culto por parte dos escrivães do Cartório de Registro Civil do município, fato ilustrado nos exemplos abaixo, coletados por nós in loco:

NOMES MASCULINOS	NOMES FEMININOS
<i>Brasilino</i> (Gomes Ferreira)	<i>Anístia</i> (Donizete dos Santos)
<i>Brucimário</i> (Ferreira Oliveira)	<i>Avaídes Aparecida</i> (Santos) (por Anaíde)
<i>Deicharlainder de Jesus</i> (Gonçalves)	<i>Cleonisa Brasiliano</i> (Silva)
<i>Germecim</i> (Magalhães Araújo)	<i>Coeli Regina</i>
<i>Hosama Bim Ladem</i> (dos Santos)	<i>Cruzelina</i> (Vieira Santos)
<i>Janeiro Fevereiro Março</i> (da Silva)	<i>D'Ávila Cândida</i>
<i>John Lenon</i> (de Castro)	<i>Denulângela</i> (Gonçalves Santos)
<i>Júnio Luan</i> (Costa)	<i>Diônata</i> (por Jônatas) Maria Cândida
<i>Leaz</i> (por Leal) Pantaleão (Xavier)	<i>Elídiã Aparecida</i> (Dias)
<i>Lennon Luís</i> (Lopes)	<i>Elzalaide</i> (Fernandes Queirós)
<i>Luck Heutmann</i> (Costa)	<i>Hortelina</i> (Ferreira Silva)
<i>Luiti Barrythelly Júnior</i> (por Luigi Baricelli)	<i>Kéldia Rosa</i> (Silva)
<i>Mesac Elenae</i> (Almeida)	<i>Lindoécia Lúcia</i> (Batista)
<i>Milhécio</i> (Gomes Fernandes)	<i>Magérica Lúcia</i> (Batista)
<i>Orivo</i> (por Olívio) <i>Maria</i> (Oliveira)	<i>Manivalda</i> (Alves Almeida)
<i>Polyrio Felix</i>	<i>Nailimer Aparecida</i>
<i>Raul Seixas Neto</i> (Carvalho)	<i>Napoliane Aparecida</i> (Almeida)
<i>Rennerdo</i> (Nascimento Almeida)	<i>Pacoelly Regina</i> (Braga)
<i>Ricksonerlleer Afonso</i> (Costa)	<i>Senhorinha Maria de Jesus</i>
<i>Vandiclero</i> José (Silva)	<i>Susy Darling Eusébio</i> (Bessa)

**Quadro 6: Exemplos de antropônimos extravagantes utilizados em São José do Jacuri**  
**Fonte: Dados da pesquisa**

Apesar de sua concisão, essa lista já é suficiente para nos mostrar tanto os recursos linguísticos utilizados na formação dos prenomes em São José do Jacuri como, também, para nos dar uma ideia dos motivos que justificam a sua criação/escolha. Dentre os nomes de conformação **mononuclear**, por exemplo, *Andre Carla*, *Brucimário*, *Cleusinha*, *Elzalaide*, *Francimar* e *Marco Aurélio* advêm, respectivamente, da: a) aglutinação de dois prenomes de

gêneros distintos, um masculino, *André*, e outro feminino, *Carla*; b) composição híbrida e aglutinada dos nomes *Bruce* (Lee), astro do cinema sino-americano, e *Mário*, referente, no caso, ao pai do nomeado; c) derivação por agregação do sufixo diminutivo *-inha* ao nome *Cleusa*, sufixo esse então reinterpretado como de grau “normal”; d) adjunção ao nome *Elza* da parte final do nome *Adelaide*; e) fusão das sílabas iniciais de *Francisco* + *Marilda*, nome dos pais do nominado; f) aglutinação, num mesmo item vocabular escrito, de dois nomes distintos, *Marco* + *Aurélio*, pronunciados como forma única, por atuação do processo da haplologia.

Por seu turno, no grupo dos **multinucleares**, temos nomes constituídos por: nomes estrangeiros “copiados” (muitas vezes, em grafia errônea), na mesma forma composta por adjunção (muitas vezes, grafada erroneamente ou aportuguesada) de nomes de astros estrangeiros como Marlon Brandon (transcrito *Marlon Brando*) e Sylvester Stallone (transcrito *Silvestre Stolone*), ambos do cinema americano; de cantores como o inglês John Lennon (transcrito *John Lenon*) e o americano Michael Jackson (transcrito *Michael Jackson*). Isso sem falar em celebridades outras como o cantor brasileiro Raul Seixas, que teve o seu sobrenome Seixas, justaposto a Raul, reinterpretado como prenome (*Raul Seixas*). O mesmo se deu com “Luigi Baricelli”, nome artístico de um dos atores do cinema e da televisão brasileira: além de o seu sobrenome, “Barricelli”, ser desviado para a categoria de prenome, foi acrescido de um terceiro componente, *Júnior*, completamente injustificado nesse caso.

Outros contextos de uso desse elemento nos mostram que as dificuldades dos jacurienses em lidar com ele são maiores do que se podia imaginar. Comprovam-nos isso não só antropônimos como *Danito Júnior Campos*, *Taffarel Júnior da Silva*, nos quais *Júnior* aparece em posição diversa da que costuma ocupar, como, também, nomes como *Júnior José Almeida* e *Júnio Luan Costa*, nos quais figura como primeiro constituinte prenominal.

#### **4.3.1.2 Constituição formal**

Fornecida essa ideia preliminar geral, apresentamos, a seguir, uma lista mais completa dos nomes recolhidos, a que se seguem informações relativas à sua configuração estrutural e às operações que determinaram a sua formação:

CONFIGURAÇÃO ESTRUTURAL DOS PRENOMES		PROCESSO(S) DE FORMAÇÃO VOCABULAR ENVOLVIDO(S)				
MONO-NUCLEAR	MULTINUCLEAR	COMPOSIÇÃO		DERIVAÇÃO	IMPORTAÇÃO ESTRANGEIRA	
Adauto Aércio Afonço	Bimembre	Por Justaposição	Por Aglutinação / Cruzamento	Sufixal (Lexical e	Unilingue	Híbrida



PRENOMES				
COMPOSIÇÃO SEQUENCIAL				
Contínua	Descontínua			
	Simples		Dupla	Tríplice
N + N + N 1 2 3	N + N + Prep + N 1 2   3	N + Prep + N + N 1   2 3	N + Prep + N + Prep + N 1   2   3	N + Prep + N + N + Prep + N 1   2 3 4 5
Ana Lúcia Rita Ana Pedro Edwirgem Creiton Wallace Antônio Diônata Maria Cândida Esdras Lázaro Pantaleão Fernando Henrique Cardoso <sup>10</sup> Ivanita Aparecida Rita Janeiro Fevereiro Março João Paulo Henrique Maria Nora Ney <sup>11</sup> Núbia Cristina Jesus Ricardina Bento Jesus Rose Ane Carla Senhorinha Maria Jesus Tonica Geralda Assunção <sup>12</sup> Zenine Pedro Carmo Zilda Maria Luiz, etc.	Almedinda Maria <b>da</b> Con- ceição  Larissa Ambrosina <b>de</b> Lourdes  Presentina Maria <b>de</b> Jesus  Sândalo Carleto <b>D'</b> El- Rio, etc.	João <b>dos</b> Inocentes Saturnino	Maria <b>da</b> Paixão <b>de</b> Jesus	Maria <b>da</b> Imaculada Con- ceição Aparecida <b>de</b> Jesus

**Quadro 8: Prenomes jacurienses com mais de dois núcleos: configuração estrutural**

**Fonte: Dados da pesquisa**

Com base nos quadros acima delineados, pontuamos, a seguir, os processos de formação envolvidos nos nomes de batismo vigentes em São José do Jacuri. Em conformidade com o próprio *status* configuracional dos nomes neles apresentados, distribuímos em grupos distintos, as formas mononucleares e multinucleares.

#### 4.3.1.3 Estratégias

##### A- Prenomes mononucleares

<sup>10</sup> Em casos como este, o sobrenome, *Cardoso*, é reinterpretado como nome, compondo, assim, um todo pronominal com seus antecedentes: *Fernando Henrique*.

<sup>11</sup> *Nora Ney* é o nome artístico da cantora brasileira, batizada Iracema de Sousa Ferreira.

<sup>12</sup> O elemento *Assunção* caracteriza-se, nesse caso, como parte do prenome do nomeado e não como sobrenome como ocorre em casos como o de Fábio Assunção, ator do cinema e da televisão brasileira.

No exame dos antropônimos compostos de uma base prenominal única, percebemos o seguinte:

a) boa parte dos prenomes advém de uma forma originariamente mononuclear, ou já cristalizada como tal em nossa língua. Exemplos: *Adauto, Aécio, Afonso, Bernabé, Bauer, Cassilda, Cazimiro, Cristina, Déia, Dimas, Ezequiel, Glauber, Januário, Kerlen, Ludmila, Mirani, Pedro, Raí, Rosa, Sívia (sil), Simoni* (por Simone), *Sócrates, Weliton, Wesdras*, etc.;

b) vários deles se configuram como mononucleares como resultado da atuação dos dois processos básicos de formação vocabular no português: de **composição por aglutinação** — *Andrecarla, Edney, Elianderson, Elimarço, Elisângela, Jeancarlos, Leididai, Leidilaura, Marcoaurélio* , etc. —, e de **derivação**, quer lexical — *Alzirinha, Carleto, Carmita, Cleusinha, Geraldinho, Ronaldinho, Serginho*, etc.—, quer flexional — *Creuzo* (masculino de Creusa), *Eremito* (masculino de Eremita), *Israela* (feminino de Israel), *Oscarlina* (feminino de Oscarlino), *Sharleno*, (masculino de Sharlene), etc.

c) no conjunto de antropônimos formados por aglutinação, verifica-se uma variação de grau de juntura entre seus dois núcleos formadores, embora isso não transpareça na língua escrita. Assim, em nomes como *Brucimário, Edney, Elimarco, Elisângela, Francimar, Lindinelson; Valdisnei* (de *Walt Disney*) e outros mais, temos um bloco de elementos foneticamente mais unidos, diferentemente, pois, de *Marcoaurélio, Ricksonerller*, cujos componentes mantêm uma certa autonomia sonora, próxima à de sua forma originária;

d) no repertório dos nomes estrangeiros formados por aglutinação de dois ou mais componentes, alguns (poucos) contêm elementos de uma mesma língua — *Ricksonerller, Edney* (inglês + inglês) —, e outros (a maioria), elementos de línguas diferentes (hibridismo): *Brucimário* (inglês + português), *Elianderson* (português + inglês), *Jeancarlos* (francês + português);

e) dos nomes decorrentes de derivação sufixal diminutiva — *Carmita, Cleusinha, Geraldinho, Toninho, Tonica, Serginho*, etc. — vários configuram-se como exemplos da reinterpretação de seus sufixos como de grau normal, perdendo, em decorrência disso, a sua conotação hipocorística e a ligação necessária com o nome de um dos pais, que nos levaria à seguinte inter-relação: *Carmem/Carmita, Cleusa/Cleusinha, Geraldo/Geraldinho*, etc.;

f) alguns prenomes originam-se do sobrenome da pessoa homenageada, casos, por exemplo, de: *Taffarel*, ex- goleiro da seleção brasileira, cujo nome completo, Cláudio André Mergen Taffarel, é totalmente desconhecido dos torcedores brasileiros; *Wotila*, sobrenome (aportuguesado) de *Carol Wojtyla*, nome de batismo do Papa João Paulo II;

g) vários antropônimos mononucleares apresentam singularidades em razão da forma gráfica com que foram registrados em cartório: *Aércio* por *Aécio*; *Afonço* por *Afonso*; *Almedinda* por *Almerinda*; *Anésio* por *Anísio*; *Bernabé* por *Barnabé*; *Cassilda* por *Cacilda*; *Deniis* por *Denis*; *Gabino* por *Gabínio*; *Leididai* por *Lady Di*; *Leidilaura* por *Lady Laura* (mãe do cantor Roberto Carlos); *Sívia* por *Sílvia*; *Simoni* por *Simone*; *Weliton* por *Wellington*; *Wesdras* por *Esdras*; *Wgo* por *Hugo* (por hipercorreção); *Watilla* por *Wojtyla*; etc. Caso especial, nesse grupo, é o de *Eneide, Deicharlainder*, cuja origem se deve a uma célula conversacional atingida por “ruído” de interpretação: ao perguntar ao pai o nome da criança a ser registrado, o escrivão do cartório ouviu: “É Neide”, “Deixa Arlainer” que ele interpretou e registrou como “Eneide e Deicharlainder”;

h) alguns nomes (*Mirani, Naidino*), de estrutura opaca, não tiveram decifrada a sua formação.

## **B- Prenomes multinucleares**

No tocante aos antropônimos prenominais multinucleares, formados de dois ou mais núcleos, detectam-se, de um lado, pontos comuns com os mononucleares e, de outro, traços peculiares à sua classe. Dentre as coincidências, mencionem-se as seguintes:

a) o emprego de formas que, embora compostas por justaposição, já se cristalizaram entre nós: *Ana Maria, João Carlos, João Vitor, Stela Maris*, etc;

b) a formação por composição adjuntiva de nomes como: *Allef Héricles, Ana Lúcia Rita, Ana Maria, Bento Evaristo, Conceição Emília, Filipe Maik, Geraldo Antônio, José Eudes, Maria Carolina, Maria Luiza, Maria Paula, Rogher Antônio, Wdson José*, etc., e por composição aglutinativa como: *Alzirinha Ros/ângela, Bruci/mário Edney, Jovanete Maria Augusto, Julenilson Jorge, Serginho Cléber, Tônica Geralda Assunção, Toninho Cléber*, etc.

c) o recurso a nomes que, embora formados por derivação sufixal diminutiva, são entendidos como de grau normal e sem conotação hipocorística: *Cleusinha Maria Paulo, Serginho Cléber, Tônica Geralda Assunção, Toninho Cléber*, etc.

d) a utilização de nomes estrangeiros, transcritos, ou não, em sua forma originária, ou próxima a ela: *Allef Héricles, Heriky Raimundo, Iarny Luiz, John Kennedy, Maikel Jacson, Silvestre Stolone* (por *Sylvester Stallone*), *Rogher* (por *Roger*) *Antônio*, etc.;

e) o registro escrito de alguns nomes fora dos padrões ortográficos determinados pela norma gramatical: *Bráuío Delmiro* por *Bráulio Delmiro*; *Creuzo Maria* por *Creuso Maria*; *Filipe Maik* por *Filipe Mike*; *Hérik Raimundo* por *Eric Raimundo*; *Milher Magno* por *Müller*

*Magno; Rogher Antônio* por *Roger Antônio*; *Thierry Hanri* por *Thierry Henry*; *Wdson José* por *Hudson José*.

Quanto aos traços particulares, sobrelevem-se os seguintes:

a) a utilização de formas complexas, portadoras de um ou mais SN regido por preposição (SPrep), presente nos mesmos contextos assinalados por Leite de Vasconcelos para os nomes lusitanos (antes de nome geográfico e de nome de santo): *Adão das Dores*; *Almedina Maria da Conceição*; *Izabel de Paula*, *Maria da Glória*; *Sândalo Carleto D' El Rio*, procedimento estendido a nomes de conformação estrangeira como *Deicharlainder de Jesus*;

b) a incorporação, a prenome(s) antecedente(s), do adjetivo masculino *júnior* ('o mais novo de dois parentes homônimos'), reanalisado como substantivo próprio prenominal: *Taffarel Júnior*; *Luiti Barrythelly Júnior* (por *Luigi Barricelli*, nome artístico de *Luiz Fernando Pecorari Baricelli*);

c) o emprego de **sobrenomes** reinterpretados como um dos núcleos prenominais: *Eduardo Azeredo* (de *Eduardo Brandão de Azeredo*); *Gustavo Borges* (de *Gustavo Borges*), *John Lennon* (de *John Winston Lenon*); *John Kennedy* (de *John Fitzgerald Kennedy*); *Maikel Jacson* (de *Michael Joseph Jackson*); *Silvestre Stolone* (de *Sylvester Enzo Stallone*); *Taffarel Júnior* (de *Cláudio André Mergen Taffarel*); *Nick Haitmann* (de *Mika Pauli Häkkinen*, piloto finlandês de Fórmula 1), etc.

d) a mesclagem (hibridismo) de nomes estrangeiros — importados, sobretudo, da língua inglesa —, com nomes de nossa língua (equivalentes, ou não, a estrangeirismos antigos já cristalizados na fase contemporânea do português): *Taffarel Júnior*, *Creiton Wallace Antônio*; *Filipe Maik*; *Heriky Raimundo*; *Ricksonerlleer* (*Rick Sonneteer*) *Afonso*; *Rogher Antônio*; *Iarny Luiz*; *Deicharlainder de Jesus*; *Milher Magno*, etc.

e) a variação no grau de “junção” dos núcleos formadores dos prenomes, cujos padrões básicos são os seguintes:

i – SNs independentes entre si: *Allef Héricles*, *Alzirinha Rosângela*, *Áurea Alontina*, *Bento Evaristo*, *Bráúio Delmiro*, *Conceição Emília*, *Elza Maurício*, *Israela Kaila*, *Maria Carolina*, *Suely Vitor*, *Odelcio Francisco*, *Sandley Emerson*, *Toninho Cléber*, *Zenon Geraldo*, etc., pronunciados separadamente um do outro pelos moradores da cidade;

ii – SNs ligados um ao outro no fluxo da fala: *Ana Maria*, *Coeli Regina*, *Eduardo Azeredo*, *Idael Rosa*, *John Lennon*, *John Kennedy*, *João Carlos*, *João Luiz*, *João Pedro*, *João Vitor*, *José de Fátima*, *José do Carmo*, *Maikel Jacson*, *Maria da Glória Maria Luiza*, *Maria Paula*, *Raul Seixas*, *Silvestre Stolone*, *Stella Maris*, , *Wdson José*, etc., conforme constatado pessoalmente por nós;

iii – dois SNs ligados entre si num jato fonético único, acompanhados ou antecidos de outro proferido separadamente: *Ana Lúcia Rita*, *Cleusinha Maria Paulo*, *Diônata Maria Cândida*, *José Rosa Lima*, *Maria Nora Nei*, *Núbia Cristina Jesus*, *Suzy Darling Euzébio*, *Tonica Geralda Assunção*, *Zenine Pedro Carmo*, *Zilda Maria Luiz*, etc.

f) a combinação enviesada de nomeantes de gênero diferente — feminino e masculino —, em prenomes de gênero oposto, masculino ou feminino, conforme ilustrado abaixo:<sup>13</sup>

PRENOMES MASCULINOS		PRENOMES FEMININOS	
Componente Masculino	Componente Feminino	Componente Feminino	Componente Masculino
Adão	das Dores	Ana	Pedro
Adão	Margarida	Anistia	Donizete
Afonço	Maria	Aparecida	de Jesus
Antônio	Maria	Cleusinha Maria	Paulo
Creuzo	Maria	Creyde	Basílio
Edércio	de Lourdes	Edna	Paulo
Jânio	da Conceição	Evangelina	Roque
José	de Fátima	Elza	Maurício
José	do Carmo	Francisca	Miguel
José	Maria	Joselina	Raimundo
José	Rosa Lima	Leduína	Jesus
Neisson	do Carmo	Maria	Demétrio
Orivo	Maria	Maria	Pedro
Tiago José	do Carmo	Maria Virgem	de Jesus
		Maria	José
Barnabé	Aparecido	Núbia Cristina	Jesus
Leonan	Aparecido	Presentina Maria	de Jesus
Lindisney	Aparecido	Reneide	de Jesus
Rivelino	Aparecido	Ricardina	Bento Jesus
Rosenildo	Aparecido, etc.	Ruth	Luís
		Sebastiana	Serafim
		Senhorinha Maria	Jesus
		Suely	Vítor
		Suzy Darling	Euzébio
		Terezinha (Valu)	Jesus
		Zenine	Pedro Carmo
		Zilda Maria, etc.	Luiz, etc.

**Quadro 9: Prenomes compostos de nomes de gênero contrário ao do nomeado**

**Fonte: Dados da pesquisa**

Como conclusão deste estudo — da operação de nomeação pessoal efetuada em São José do Jacuri —, passamos a averiguar a pertinência, ou não, da hipótese aqui defendida, qual seja, a de que mais que designar, os nomes próprios constituem peças documentais do modo de ser, de pensar e de agir das diferentes comunidades onde são constituídos ou escolhidos.

<sup>13</sup> Esse “hibridismo” de gêneros atinge mais os prenomes multinucleares. Dos mononucleares, registramos apenas um caso: *Andre Carla* (prenome feminino formado de elementos masculino e feminino).

#### 4.3.1.4 Motivação e repercussão

As situações discursivas que vivenciamos no nosso dia a dia nos dão testemunho da importância do **nome pessoal**, nem sempre reconhecida pelos estudiosos do assunto. São correntes, por exemplo, entre nós manifestações verbais como:

“Eu tenho um **nome** a zelar.”

“Em **nome** de Jesus, eu lhe peço que fique.”

“É o meu **nome** que está em jogo.”

“Quero manter o meu **nome** limpo.”

“O seu **nome** já está mais que sujo na praça.”

“Não quero ver o meu **nome** jogado na lama.”

“Mesmo com o **nome** enxovalhado, o Sarney continua em alta.”, etc.

Isso sem falar em ditos que beiram a vulgaridade como: “O meu **nome** não é osso pra ficar em boca de cachorro.” Não é sem razão, pois, que as pessoas fazem de tudo para retirar os seus nomes do S.P.C. (Serviço de Proteção ao Crédito), a fim de que voltem a ficar “limpos”, ou seja, quites com o Estado.

A propósito desse cuidado, lembre-se aqui um episódio, ocorrido há pouco tempo, que provocou um verdadeiro reboiço na mídia e na população: o de um casal chinês que queria dar o nome de @ (“Arroba”) ao filho recém-nascido. Alvo de riso e, sobretudo, de revolta, essa intenção acabou sendo assim explicada pelo casal, nos termos de seu contexto cultural de origem e da língua que falavam: o sinal @ — utilizado em endereços de *e-mail* —, tem, na língua chinesa, o mesmo som dos ideogramas usados no mandarim para expressar “eu te amo”. O nome do recém-nascido nada mais era, então, que um “agrado linguístico” que os pais queriam fazer ao filho, confessando-lhe, através do nome o amor que sentiam por ele.

Embora, à primeira vista, esse preâmbulo possa parecer deslocado e inoportuno aqui, na verdade, serve como demonstração da importância, do poder que tem o nome próprio, justificando, assim, o trabalho aqui empreendido. Prova disso é a conversão de nomes de gente famosa como Dante, Maquiavel, Napoleão e outros mais, em epítetos como *dantesco*, *maquiavélico*, *napoleônico*, que, ajudam a perpetuar a figura de seus nomeados, vistos, metonimicamente, em suas qualidades ou defeitos mais marcantes.

Isso posto, retomemos as listas de nomes próprios acima apresentadas, a fim de descobrir e revelar os motivos que têm levado os pais (nomeantes “juramentados”)

jacurienses a conferir a seus filhos nomes de acordo com a sua conveniência própria. Um exemplo sempre lembrado na literatura específica é o do casal Oswald de Andrad e Patrícia Galvão (Pagu), que batizaram o filho com o nome de Rudá *Poronominare* Galvão de Andrade. “Poronominare” é um nome inspirado no realismo mitológico das tribos bares, nome esse dado a um dos espetáculos do Grupo “Pombal Arte e Espaço Alternativo”, em lembrança e homenagem à contribuição cultural dos povos da floresta na formação do povo da região amazonense.

Vejamos, a seguir, o que nos revelam as conveniências dos pais jacurienses na escolha do nome de seus filhos.

**A-** Em razão da sonoridade, da beleza ou de singularidade da palavra, em geral, ouvida e imitada pela mãe. Exemplos:

**a) de caráter estético:**

*Allef Hércles, Áurea, Cristina, Cândida, Eudes, Jéssica, Kerlen, Karen Kíssila* (encontrado numa revista pela mãe), *Mirani*, (Clayner) *Pacelli, Rose Ane Carla, Sândalo, Sívia* (= Sílvia), *Micaelly Vitória, Millena Lauren, Polyrio Felix, Róberle, Sandley*, etc;

**b) de caráter singular:**

*Artenízia, Áthallos, Danito Júnior, Danyani, Darlon, Delcliton, Elge, Elidiona, Germecim, Gleucione, Ircenio, Jaquelainy, Gleucione, Glicielly d’Ângela, Janderson, Karlysson, Kauane, Kéldia Rosa, Lissiano, Luznardel, Neurisa Izabel, Ormírio Gerson, Reidner Ítalo, Sidênio* etc.

**B-** Como ato de auto-homenagem por parte dos pais ou de verbalização do seu orgulho de ter um filho com o seu nome, ou, então, como ato de tributo a parentes e amigos:

PRENOME							
DO(A) FILHO(A)	DOS PAIS		DOS AVÓS PATERNOS		DOS AVÓS MATERNOS		DE AMIGOS
	PAI	MÃE	AVÔ	AVÓ	AVÔ	AVÓ	
<i>Alzirinha</i>				Alzira			
<i>Ana Ordália</i> (Nordália)		Ana					
<i>Arisson</i>			Ari		Onofre		

<i>Brucimário</i>	Mário					
<i>Creuzo Maria</i>		Creuza				
<i>Elisângela</i>	Elias	Ângela				
<i>Francimar</i>	Francisco	Marilda				
<i>Geraldinho</i>						Geraldinho
<i>(Heriky) Raimundo</i>			Raimundo			
<i>(Iarny) Luiz</i>	Luiz					
<i>Ismália</i>	Ismar	Odília				
<i>(Julenilson) Jorge</i>	Jorge					
<i>Lindoécia</i>	Décio	Linda				
<i>Ludmila</i>		Lourdes			Emília	
<i>Luiara</i>		Lucineide				
<i>(Pedro) Celestino</i>			Celestino			
<i>(Rogher) Antônio</i>	Antônio					
<i>(Wátilla) Angelino</i>					Angelino	

**Quadro 10: Prenomes jacurienses conferidos em homenagem a familiares ou amigos**  
**Fonte: Dados da pesquisa**

C- Como ato de agradecimento por favores recebidos:

NOME ATRIBUÍDO	BENFEITOR	
	NOME	PROFISSÃO
<i>Edgar Júnior</i>	Dr. Edgar Ferreira Gomes	Médico da região
<i>Elimarço</i>	Dr. Elimarcus Lacerda	Médico de São José do Jacuri e ex- Prefeito da cidade de Água Boa –MG
<i>Jáder</i>	Dr. Jáder Petrucelli	Médico da região
<i>Lindinelson</i>	Sr. Lindinelson José Neto	Ex-Prefeito da cidade de Frei Lagonegro – MG
<i>Wenilton (de Sousa) Wenilton dos Santos Wenilton Pereira</i>	Dr. Wenilton Bernardo	Médico e Ex-Prefeito de São José do Jacuri, já falecido.

**Quadro 11: Prenomes jacurienses conferidos em agradecimento pessoal a benfeitores**  
**Fonte: Dados da pesquisa**

D- Como manifestação do desejo de que o filho seja dotado das mesmas (ou, pelo menos, de algumas) qualidades da pessoa homenageada, abaixo discriminadas:

*Aécio* – simpatia e inteligência do Governador de Minas Gerais, Aécio Neves;

*Ana Lúcia Rita* – paciência de Santa Rita com o marido;

*Creuzo Maria* – dinamismo e coragem da mãe, de nome Creuza;

*João Paulo e Wátilla* – firmeza e doçura do Papa João Paulo II, cujo nome de batismo era Carol Woytila;

*Leididai* – beleza física e espírito humanitário da Princesa Diana, da Inglaterra;

*Maria da Paixão de Jesus* – coragem de Nossa Senhora diante do sofrimento e morte do Filho;

*Silvestre Stolone* – força e coragem de seus personagens nos filmes.

**E-** Como ato de exibição pura e simples, em relação aos demais membros da comunidade:

<i>Ashllay Medeiros</i>	<i>Rogher</i> (por Roger)
<i>Allef Héricles</i>	<i>Stanrley</i> ,
<i>Alex Sandro</i> (por Alexandro)	<i>Susy Darling</i> ,
<i>Bhrenda Danielle</i>	<i>Wdson</i> (por Hudson)
<i>Deicharlainder</i>	<i>Wesdras</i> (por Esdras)
<i>Heriky</i> ,	<i>Wgo</i> (por Hugo), etc.

**F-** Como forma de identificação de todo o conjunto familiar, ou, então, da prole, por meio da atribuição de nomes similares uns aos outros:

- a) **Valdeci, Vanderlei, Vanderléia, Valdirene, Vilane, Valquíria**
- b) **Mayume e Mirele**
- c) **Cláudio, Claudinei, Claudiane, Claudeni**
- d) **Marilene, Josilene e Rosilene**
- e) **Soliane e Soliene**

**G-** Como forma de dar satisfação aos concidadãos, ou às pessoas mais chegadas, a respeito de seus projetos de crescimento familiar. É o que justifica, segundo informações dos pais, a escolha do nome *Janeiro Fevereiro Março da Silva*, como um modo de mostrar que se trata do terceiro filho (e provavelmente o último) rebento da família, embora os dois mais velhos não se chamem *Janeiro da Silva*, ou *Janeiro Fevereiro da Silva*, como se poderia supor.

Informação dessa mesma natureza aparece expressa no nome de *Última Tatiana de Almeida*, cujo primeiro elemento prenominal não deve ser entendido como mero determinante do segundo, *Tatiana*, mas, sim, como um sinal de ordem pragmática de que se trata do último filho (no caso, filha) a compor a família.

Motivos bem diferentes explicam o nome *Presentina*, dado pelos pais como expressão do presente dado por Deus a quem não mais esperava ter filhos.

**H-** Como dificuldade na aplicação das normas ortográficas do português culto

Com pouco domínio da língua culta e, por conseguinte, mais influenciável pela língua oral, os escrivães registram — muitas vezes por ordem dos pais ou de um deles —, nomes que

fogem aos padrões ortográficos do português culto, aproximando-se, muitas vezes, da pronúncia oral espontânea. Exemplos: *Afonço* por Afonso (troca da letra <s> por <ç>); *Almedinda* por Almerinda (troca de [r] por [d]); *Bernabé* por Barnabé (dissimilação de [a] em [e]); *Creiton* por Cleiton, ou Clayton (rotacismo do [l]); *Creuzo* por Cleuzo (rotacismo do [l] e troca da letra <s> por <z>); *Milher* por Müller (palatalização de [l]); *Eneide* por Neide (no qual a resposta do pai ao funcionário, é, 3ª pessoa do verbo *ser*, foi interpretada enganosamente, como parte do nome ouvido, ficando, pois, *Eneide*); *Filipe* (com alçamento da vogal média [e] por assimilação à vogal alta tônica [i] ); *Juberto* por Gilberto (monotongação de [iw] em [u]); *Sívia* por Sílvia (síncopa do <l>, pronunciado [w] no português brasileiro; *Weliton* por Wellington (desnasalização da vogal [i]), etc.

Contudo, esses mesmos escriturários, por iniciativa própria ou por exigência dos pais, cometem um engano contrário aos de acima, qual seja, o da supercorreção. Daí preferirem *Alex Sander* a Alexander; *Bellmonth* a Belmonte; *Bhrenda* a Brenda; *Dominick* a Dominique; *Heriky* a Eric; *Melquisedeck* a Melquisedeque; *Rogher* a Roger; *Wdson* a Hudson; *Wgo* a Hugo, etc.

Essa mesma tendência deve explicar o fato de os pais de *Tharla* e *Tharlon*, terem registrado o nome dos filhos com as letras iniciais <th>, em vez de <t>, como sinal da pronúncia [tʃ], ao invés de [t], que seria a adequada. Tal procedimento, saliente-se, contraria os cânones fonético-fonológicos do português, segundo os quais, [tʃ], assim como seu correspondente sonoro [tʃ̺], configuram-se, respectivamente, como alofones de [t] e [d]: os primeiros, [tʃ] e [tʃ̺], são usados apenas em contextos nos quais precedem a vogal alta [i] e os outros, [t] e [d], quanto seguidos dos demais tipos de vogais próprios de nossa língua.

#### I- Como ato de homenagem a ídolos/celebridades locais ou estrangeiras:

Nesse tempo de globalização, não é de estranhar que o povo das cidades interioranas como São José do Jacuri preste homenagem a seus ídolos — desportistas, astros/estrelas do cinema e da televisão, políticos, e outras celebridades mais —, batizando os filhos com um nome igual ou parecido. Comprove-se isso com os exemplos alistados no Quadro abaixo:



NOME CONFÉ- RIDO	FIGURAS HOMENAGEADAS (continuação)						
	DE NACIONALIDADE BRASILEIRA			DE NACIONALIDADE ESTRANGEIRA			OUTRAS
	Desportistas	Artistas	Políticos	Desportistas	Artistas	Políticos	
<i>John Kennedy</i>  <i>Kenedy Emanuel</i>						<b>John</b> (Fitzgerald) <b>Kennedy</b> 35º Presidente dos Estados Unidos	
<i>Júnia Marise</i>			<b>Júnia Marise</b> Ex-Senadora da República pelo Estado de Minas Gerais.				
<i>Karol Paulo</i> <i>João Paulo</i> <i>João Paulo</i> <i>Henrique</i> <i>Wátilla</i>							<b>Karol Józef</b> <b>Wojtyła</b> , Papa  <b>João</b> <b>Paulo II</b> (1920-2005)
<i>Karla Pathiele</i>							Eugenio Ma- ria Giuseppe Giovanni <b>Pacelli</b> , Papa Pio XII (1876-1958)
<i>Leididai</i>  <i>Leydaiane</i>						<b>Lady Di</b> <b>Diana Fran-</b> <b>ces Spencer.</b> Ex-Prince- sa de Gales.	
<i>Leidilaura</i>							Laura Morei- ra, imortali- zada pelo fi- lho, Roberto Carlos, na canção “La- dy Laura”.
<i>Luck Heutman</i>				Carlos A. <b>Reutemann</b> Ex-piloto ar- gentino de Fórmula 1			
Maria <i>Nora Nei</i>		<b>Nora Ney</b> Cantora brasilei- ra, famosa na era do rádio.					
<i>Marlon Brando</i>					<b>Marlon Brando</b> <b>Jr.</b> Ator americano, tido como um dos melhores de todos os tempos		
<i>Maikel Jacson</i>					<b>Michael Joseph</b> <b>Jackson</b> Cantor, compo- sitor e dançarino americano, conhe- cido como o “Rei do Pop”		
<i>Milher Magno</i>	<b>Müller</b> Luís Antônio Corrêa da Costa. Ex-craque do futebol brasileiro.						

(conclusão)

NOME CONFERIDO	FIGURAS HOMENAGEADAS						Outros
	DE NACIONALIDADE BRASILEIRA			DE NACIONALIDADE ESTRANGEIRA			
	Desportistas	Artistas	Políticos	Desportistas	Artistas	Políticos	
<i>Napoliane Aparecida</i>						Napoleão Bonaparte (1769-1821)	
<i>Raí</i>	<b>Raí</b> Souza Vieira de Oliveira. Ex- craque do futebol brasileiro.						
<i>Raul Seixas Neto</i>		<b>Raul Santos Seixas</b> (1945-1989) Cantor e compositor brasileiro conhecido como “Maluco Beleza”					
<i>Rivelino Aparecido</i>	Paulo Roberto <b>Rivelino</b> . Ex- craque do futebol brasileiro.						
<i>Ronaldinho</i>	<b>Ronaldo</b> Lazário. Craque atual do futebol brasileiro.						
<i>Sharleno</i>							<b>Sharlene</b> Personagem feminina da série televisiva “Família Dinossauro”
<i>Silvestre Stolone</i>					<b>Sylvester Gardenzio Stallone</b> Ator, diretor, produtor e roteirista do cinema americano.		
<i>Simoni</i>		<b>Simone</b> Bittencourt de Oliveira Cantora brasileira da atualidade.					
<i>Sócrates</i>	<b>Raí</b> Souza Vieira de Oliveira. Ex- craque do futebol brasileiro						
<i>Taffarel</i>	Cláudio Mergem <b>Taffarel</b> , ex goleiro da seleção brasileira de futebol.						
<i>Thayrone</i>					<b>Tyrone Edmund Power Jr</b> (1914-1958) Ator do cinema americano.		
<i>Talya</i>					(Ariadna) <b>Thalia</b> (Sodi Miranda) Cantora e atriz mexicana.		
<i>Tierry Hanri</i>				<b>Thierry</b> (Daniel) <b>Henry</b> Craque do futebol francês			

Quadro 12: Prenomes jacurienses conferidos em homenagem a ídolos e celebridades  
Fonte: Dados da pesquisa e site da Wikipédia

**J-** Como ato de louvor, de agradecimento, de recomendação a seres sagrados, ou, de mera repetição dos nomes mais recorrentes

Conforme anunciado no subtítulo acima, os nomes de figuras religiosas, conferidos pelos jacurienses a seus filhos nem sempre são motivados por alguma intenção especial. Já se tornou tão corriqueiro batizar as crianças com o nome de *Maria, José, João, Antônio, Pedro, Joaquim, Rita, Terezinha*, etc. que a sua escolha não significa necessariamente um vínculo com a memória dos santos a que se referiam antes.<sup>14</sup> Prova disso é a descategorização de certos prenomes como sobrenomes, conforme observado em: *Batista* (de São João Batista); *das Dores* (de Nossa Senhora das Dores); *de Jesus* (de Jesus Cristo); *de Paula/Paulino* (de São Paulo, ou de São Vicente de Paula); *do Carmo* (de Nossa Senhora do Carmo); *Espírito Santo* (do Divino Espírito Santo); *Evangelista* (de São João Evangelista); *Pedroso* (de São Pedro); *Sant'Ana/Santana* (de Sant'Ana, mãe de Nossa Senhora); *Simão* (de Simão Pedro), etc., além de outros de acepção mais geral como *Anjos, Cruz e Santos*.

Apesar dessa perda de vínculo entre o presente e passado, arrolamos, a seguir, os prenomes que nos remetem a figuras da religião dominante na cidade, qual seja, a cristã católica. Numa primeira listagem, temos nomes do Jacurienses correspondentes a figuras do **Antigo Testamento** como:

<b>ANTIGO TESTAMENTO</b>		
<b>FIGURA BÍBLICA</b>	<b>NOME DE BATISMO DO JACURIENSES</b>	
	<b>DO SEXO MASCULINO</b>	<b>DO SEXO FEMININO</b>
<b>ADÃO</b>	<i>Adão das Dores</i> <i>Adão Margarida</i>	
<b>EMANUEL</b>	<i>Kenedy Emanuel</i>	
<b>ESDRAS</b>	<i>Esdras</i> <i>Esdras Lázaro</i> <i>Wesdras</i>	
<b>EVA</b>		<i>Eva Calixta do Carmo</i>
<b>EZEQUIEL</b>	<i>Ezequiel</i> (Santos Oliveira) <i>Miquéias Ezequiel</i> <i>Izaquiel</i> (por Ezequiel)	
<b>SÃO GABRIEL ARCANJO</b>	<i>Enzo Gabriel</i> <i>Osmano Gabriel Costa</i>	<i>Gabriela de Paula</i> (Oliveira) <i>Gabriele Eugênia</i> (Alves)

<sup>14</sup> É interessante notar que esses nomes outrora corriqueiros vêm sendo prestigiados, hoje, por pessoas da classe alta e/ou do meio artístico. Assim, diferentemente das classes menos abastadas, que procuram “aparecer” através de nomes esdrúxulos dados aos filhos, artistas como Angélica e Luciano Huck, da TV Globo, batizaram de *Joaquim* o seu primeiro filho.

ANTIGO TESTAMENTO (conclusão)		
FIGURA BÍBLICA	NOME DE BATISMO DO JACURIENSES	
	DO SEXO MASCULINO	DO SEXO FEMININO
JÔNATAS	<i>Jhonatan José</i> (da Silva)	<i>Diônata Maria Cândida</i>
MELQUISEDEQUE	<i>Melquisedeck</i> (de Oliveira Alves)	
SAMUEL	<i>Samuel Henrique</i>	
SÃO MIGUEL ARCANJO		<i>Francisca Miguel</i> (dos Santos)
MIQUEIAS	<i>Miquéias Ezequiel</i>	
RUTH		<i>Ruth Luís</i> (Gomes)
ZACARIAS	<i>Zacarias Estêvão</i> (de Miranda)	

Quadro 13: Prenomes jacurienses de origem bíblica: Antigo Testamento

Fonte: Dados da pesquisa e Bíblia

Por seu turno, do **Novo Testamento**, encontramos:

NOVO TESTAMENTO		
FIGURA BÍBLICA	NOME DE BATISMO DO JACURIENSES	
	DO SEXO MASCULINO	DO SEXO FEMININO
JESUS	<i>Creuzo Maria de Jesus</i> <i>Deichailander de Jesus</i> <i>Rivelino Aparecido Jesus</i>	<i>Agostinha Ana de Jesus</i> <i>Aparecida de Jesus</i> <i>Leduína Jesus</i> <i>Maria da Paixão de Jesus</i> <i>Maria Imaculada Conceição Aparecida de Jesus</i> <i>Maria Virgem de Jesus</i> <i>Núbia Cristina Jesus</i> <i>Presentina Maria de Jesus</i> <i>Reneide de Jesus</i> <i>Ricardina Benta Jesus</i> <i>Senhorinha Maria Jesus</i> <i>Terezinha Valu Jesus</i>
NOSSA SENHORA	<i>Adão das Dores</i> <i>Afonso Maria</i> (da Silva) <i>Antônio Maria</i> (de Oliveira) <i>Barnabé Aparecido</i> (de Moura) <i>Creuzo Maria de Jesus</i> <i>Edércio de Lourdes</i> (Alves) <i>Jânio da Conceição</i> (Oliveira) <i>José de Fátima</i> (Oliveira) <i>José do Carmo</i> (Freitas) <i>José Maria</i> (Costa) <i>Leonan Aparecido</i> (Oliveira) <i>Lindisnei Aparecido</i> (Martins) <i>Neisson Vanderley do Carmo</i> <i>Orivo Maria</i> (Oliveira) <i>Paulo Sérgio do Carmo</i> <i>Rivelino Aparecido Jesus</i> <i>Rosenildo Aparecido</i> (Moura) <i>Tiago José do Carmo</i>	<i>Ana Maria</i> (Claudino) <i>Aparecida de Jesus</i> <i>Avaídes Aparecida Carmelita</i> <i>Cibele Aparecida</i> <i>Clarice Auxiliadora</i> <i>Cleusinha Maria Paulo</i> <i>Coeli Regina</i> <i>Creusa do Rosário</i> <i>Diônata Maria Cândida</i> <i>Eliana da Conceição</i> <i>Elidiona Aparecida</i> (Chaves) <i>Estela Mares</i> <i>Eva do Carmo</i> <i>Glaucciane de Fátima</i> <i>Hosana Aparecida</i> <i>Inayara Aparecida</i> <i>Inês Aparecida</i> <i>Ione Maria</i> <i>Ivanita Aparecida Rita</i> <i>Larissa Ambrosina de Lourdes</i> <i>Leidinalva Aparecida</i> <i>Leunice Maria</i> <i>Maria Angélica</i> <i>Maria Aparecida</i> <i>Maria Auxiliadora</i> <i>Maria da Assunção</i> <i>Maria da Conceição</i> (Alves) <i>Maria da Conceição</i> (Pereira) <i>Maria da Imaculada Conceição Aparecida de Jesus</i>

(continuação)

NOVO TESTAMENTO		
FIGURA BÍBLICA	NOME DE BATISMO DO JACURIENSES	
	DO SEXO MASCULINO	DO SEXO FEMININO
NOSSA SENHORA		<i>Maria da Luz</i> (de Pinho) <i>Maria da Paixão de Jesus</i> <i>Maria das Dores</i> (Alves) <i>Maria das Dores</i> (Carvalho) <i>Maria das Dores</i> (Nascimento) <i>Maria das Dores</i> (Oliveira) <i>Maria das Graças</i> (Queirós) <i>Maria</i> (de Carvalho Nascimento) <i>Maria de Fátima</i> (Oliveira) <i>Maria do Carmo</i> (Carvalho) <i>Maria Geralda</i> (Gomes) <i>Maria</i> (Gomes Paixão) <i>Maria Hilda</i> (Félix) <i>Maria José</i> (dos Santos Rocha) <i>Maria Luíza</i> (Corrêa) <i>Maria Mônica</i> (Pinto) <i>Maria</i> (Moreira Ferreira) <i>Maria Nora Nei</i> <i>Maria Paulina</i> <i>Maria Pedro</i> (da Costa) <i>Maria Virgem de Jesus</i> <i>Margarida Maria</i> <i>Mirele Mística</i> <i>Nailimer Aparecida</i> <i>Napoliane Aparecida</i> <i>Patrícia Conceição</i> <i>Pedrelina Aparecida</i> <i>Penha Bicalho</i> <i>Presentina Maria de Jesus</i> <i>Renilda Auxiliadora</i> <i>Rita do Carmo</i> <i>Senhorinha Maria Jesus</i> <i>Shirley Socorro</i> (Lemes) <i>Stela Maris</i> (Machado) <i>Tonica Geralda Assunção</i> <i>Zenine Pedro Carmo</i> <i>Zilda Maria Luíz</i>
SÃO JOSÉ	<i>Arlone José</i> <i>Antônio José</i> (de Almeida) <i>Cláudio José</i> (dos Santos) <i>Jhonatan José</i> (da Silva) <i>Júnior José</i> <i>José Aderson</i> (da Rocha) <i>José</i> (Alves Rocha) <i>José Amador</i> (dos Santos) <i>Jose Antônio</i> (Barroso) <i>José Antônio</i> (Gomes) <i>José Aparecido</i> (Ferreira) <i>José Atanásio</i> (Araújo) <i>José de Fátima</i> <i>José do Carmo</i> <i>José</i> (Gonçalves Alves) <i>José Maria Augusto</i> <i>José Maria</i> (de Oliveira) <i>José Maria</i> (dos Santos) <i>José</i> (Nunes Neto) <i>José</i> (Oliveira) <i>José Paulo</i> (Oliveira) <i>José</i> (Portela) <i>Marcos José</i> (de Oliveira)	<i>Joselina Raimundo</i> <i>Maria José</i> (Santos) <i>Joselaine Angelina</i>

(continuação)

<b>NOVO TESTAMENTO</b>		
<b>FIGURA BÍBLICA</b>	<b>NOME DE BATISMO DO JACURIENSES</b>	
	<b>DO SEXO MASCULINO</b>	<b>DO SEXO FEMININO</b>
<b>SÃO JOSÉ</b>	<i>Thiago José</i> (Santos) <i>Tiago José</i> do Carmo <i>Valdevino José</i> <i>Wdson José</i>	
<b>SANTA ANA</b> (Mãe de Nossa Senhora)		<i>Agostinha Ana</i> de Jesus <i>Ana Clara</i> , (Oliveira) <i>Ana Florinda</i> (Queirós) <i>Ana Maria</i> (Alves) <i>Ana</i> (Pacheco) <i>Ana Paula</i> (Monteiro) <i>Ana Pedro Edwirgem</i> , etc.
<b>SANTA ISABEL</b> (Prima de Nossa Senhora)		<i>Carlota Izabel</i> ( dos Anjos) <i>Izabel de Paula</i> , <i>Neurisa Ezabel</i> , etc.
<b>SÃO JOÃO BATISTA</b>	<i>João Bento</i> <i>João Carlos</i> (Vieira) <i>João dos Inocentes</i> <i>João Luiz</i> (Alves) <i>João Paulo Henrique</i> <i>João Pedro</i> (Linhares) <i>João Vítor</i> (Queirós) <i>Vandiclero João</i> (da Silva) <i>João Delmírio Santos</i>	<i>Joana</i> (Alves de Oliveira) <i>Joana D'arc dos Santos</i> <i>Joana D'arc Barroso</i>
<b>ZAQUEU</b>	<i>Zaqueu</i> Evangelista	
<b>APÓSTOLOS DE CRISTO</b>		
<b>SÃO FELIPE</b>	<i>Felipe Anderson</i> (Cardoso) <i>Filipe Maik</i> (Cardoso)	
<b>SÃO PEDRO</b>	<i>João Pedro</i> (Linhares) <i>Pedro Augusto</i> (dos Santos) <i>Pedro Celestino</i>	<i>Ana Pedro Edwirgem</i> <i>Maria Pedro</i> (Costa) <i>Pedrelina Aparecida</i> (dos Santos) <i>Petrina</i> (de Sousa Braga) <i>Petrolina</i> (Alves Silva)
<b>SÃO TIAGO</b>	<i>Thiago José</i> (Santos) <i>Thyago</i> (Menezes Vidal) <i>Tiago José do Carmo</i> <i>Thiago Natalino Silva</i>	
<b>EVANGELISTAS</b>		
<b>SÃO MARCOS</b>	<i>Marcos José</i> (de Oliveira)	
<b>SÃO MATEUS</b>	<i>Belmonth Mateus</i> (Gomes) <i>Matheus</i> (Ribeiro dos Santos)	
<b>SÃO LUCAS</b>	<i>Lucas</i> (Ronielly Santos) <i>Lucas Vitor</i> (Magalhães)	

(conclusão)

NOVO TESTAMENTO		
OUTROS		
FIGURA BÍBLICA	NOME DE BATISMO DO JACURIENSES	
	DO SEXO MASCULLINO	DO SEXO FEMININO
SANTA MARTA		<i>Elvira Marta</i> (da Silva) <i>Marta</i> (Oliveira Costa)
SÃO BARNABÉ <sup>15</sup>	<i>Barnabé Aparecido</i> (de Moura)	
SÃO DIMAS	<i>Dimas</i> (Gomes da Silva) <i>Dimas</i> (Medeiros de Oliveira)	
SÃO LÁZARO	<i>Esdras Lázaro</i> (Pantaleão)	
SÃO PAULO	<i>Paulo Afonso</i> (Silva) <i>Paulo Mariano</i> (Costa) <i>Paulo Sérgio do Carmo</i> <i>Simone Paulo</i> (de Almeida) <sup>16</sup>	<i>Ana Paula</i> (Monteiro) <i>Edna Paulo</i> <i>Gabriela de Paula</i> (Oliveira) <i>Izabel de Paula</i> <i>Juliana Paula</i> <i>Maria Paulina</i> <i>Paulina</i> (Queirós)

Quadro 14: Prenomes jacurienses de origem bíblica: “Novo Testamento”  
Fonte: *Bíblia e dicionário de nomes bíblicos* (MORAES, 2006)

Um exame do Quadro acima nos leva a tirar algumas conclusões gerais a respeito do modo como o jacuriense se vale, conscientemente ou não, de elementos remissivos a nomes do mundo sagrado cristão na construção do prenome dos filhos. Vejamos, abaixo, alguns deles.

**A- Quanto à preferência de uso:**

- a) **geral** — emprego do nome de personagens do **Novo Testamento** (NT), em relação às do **Antigo Testamento** (AT);

**b) específica ao Novo Testamento**

i- destaque da figura de **Nossa Senhora**, tanto em prenomes masculinos quanto femininos, sendo que, em ambos os casos, ela é representada quer através de seu nome originário, *Maria*; quer por referência a atributos que Lhe foram (e continuam sendo) conferidos pela Igreja, ou pelos devotos — *Auxiliadora, da Luz, da Imaculada Conceição*,

<sup>15</sup> Embora, nos “Atos dos Apóstolos”, seja referido como um dos apóstolos de Cristo, na verdade, São Barnabé, faz parte do chamado Grupo dos Setenta Discípulos de Jesus.

<sup>16</sup> No caso, *Simone* designa pessoa do sexo masculino.

*das Graças, Socorro* (dos aflitos), etc.; quer através de epítetos relacionados com passagens de Sua vida — *da Assunção, da Anunciação, da Glória, da Paixão, das Dores*, ou com a oração da Ladainha — *Coeli Regina* (por *Regina Coeli*), *(Rosa) Mística, Stela Maris/ Estella Mares*, etc.; quer, até mesmo, através da menção de fatos ou de locais relativos à Sua aparição na Terra — *Aparecida, da Penha, de Fátima, de Lourdes, do Carmo*, etc.;

- ii- maior índice de presença do nome de *Jesus* nos prenomes femininos *Aparecida/Leduína/ Maria Virgem / Reneide / Senhorinha Maria de Jesus*;
- iii- relevo dado à figura de São João Batista entre as demais personagens — apóstolos, evangelistas e outras;

#### **B- Quanto à constituição estrutural dos prenomes,**

- a) a preferência pelas formas compostas, quer constituídas apenas de nomes bíblicos, quer de nome bíblico antecedido ou seguido de nomes do mundo temporal. Exemplos:

- *José Maria e Eva do Carmo*;
- *Filipe Maik e Maria Hilda*;
- *Carlos José e Edna Paulo*, etc.

- b) a ocorrência do nome de *Maria* na posição inicial do prenome, e a do nome de *Jesus*, apenas em outras. Exemplos:

- *Maria Angélica/Luíza/ Nora Nei*, etc.
- *Deicharlainder/Leduína/Reneide de Jesus*, etc.;

- c) a variação formal e funcional na combinação observada entre os componentes dos prenomes compostos

##### **i- por repetição**

- de nome de personagens de um mesmo livro da Bíblia, isto é, do Antigo ou do Novo Testamento:

AT: Miquéias Ezequiel,

NT: Ana Maria, Ana Paula, Ana Pedro, José Maria, Maria José, Maria Paulina, Maria Pedro, Pedrelina Aparecida, etc.

- de nomes referentes a um mesmo personagem bíblico, processo praticamente exclusivo à figura de Nossa Senhora, considerada em Seus diferentes títulos — *Maria Assunção; Maria Auxiliadora, Maria da Conceição, Maria da Glória, Maria das Dores, Maria Imaculada da Conceição Aparecida*, etc.;

##### **ii- por composição híbrida**

- união de nomes de figuras pertencentes ao Antigo e ao Novo Testamento:  
AT + NT: Adão das Dores, Diônata Maria, Esdras Lázaro, Eva do Carmo, etc.
- união do nome de duas ou mais figuras bíblicas distintas uma da outra:  
Ana Maria, Aparecida de Jesus, Izabel de Paula, João Pedro, José do Carmo, Maria Paulina, Maria Pedro, etc.;
- união de nome de figura bíblica, antecedido ou seguido de nome(s) do mundo secular: Arlone José, Belmonth Mateus, Kenedy Emanuel, Maria Hilda, Patrícia Conceição, Simone Paulo, Presentina de Jesus, etc.

Para finalizar, vejamos, os nomes do Jacurienses relacionados com o de alguns santos católicos que viveram em época posterior a Cristo, lembrando, uma vez mais, que a sua escolha não traduz, necessariamente, um gesto de devoção especial por parte dos nomeadores (normalmente, os pais):

NOME DOS SANTOS	ATRIBUIÇÃO(ÕES)	NOME DOS JACURIENSES	
		DO SEXO MASCULINO	DO SEXO FEMININO
<b>SANTO AFONSO</b>	Protetor de pessoas com reumatismo.	<i>Afonço Maria</i> <i>Anderson Afonso</i> <i>Nilson Afonso</i> <i>Paulo Afonso (Silva)</i> <i>Ricksonerller Afonso</i>	
<b>SANTO AGOSTINHO</b>	Protetor dos editores e gráficos.	<i>José Agostinho</i>	<i>Agostinha Ana</i>
<b>SANTO AMBRÓSIO</b>	Protetor dos apiários.		<i>Ambrosina (Souto)</i> <i>Larissa Ambrosina de Lourdes</i>
<b>SANTO ANTÔNIO</b>	Auxílio das pessoas que desejam encontrar seu amor, dos casais, dos namorados e das pessoas que procuram objetos perdidos ou pessoas desaparecidas.	<i>Antônio Barroso</i> <i>Antônio Maria (Faúla)</i> <i>Antônio (Pereira da Rocha)</i> <i>Creiton Wallace Antônio</i> <i>Toninho Cléber</i>	<i>Maria Antônia</i> <i>Tonica Geralda Assunção</i>
<b>SANTA APOLÔNIA</b>	Protetora dos dentistas.		<i>Apolônia (Oliveira Marques)</i>
<b>SÃO BASÍLIO</b>	Protetor dos administradores de hospitais.		<i>Creyde Basílio (Silva)</i>
<b>SÃO BENEDITO</b>	Protetor contra o racismo.	<i>Benedito (Gomes)</i> <i>Fernando Benedito</i>	
<b>SÃO BENTO</b>	Protetor contra as tentações, contra doenças na pele, e auxílio a vítimas de envenenamento	<i>Bento (Oliveira)</i> <i>Bento Evaristo(Ferreira)</i> <i>João Bento</i>	<i>Ricardina Benta Jesus</i>
<b>SÃO BERNARDO DE CLARAVAL</b>	Protetor da fé contra as heresias e pacificador.		<i>Clenilda (Souto) Bernardo</i>
<b>SÃO BRÁULIO</b>	Promotor de solução dos problemas mais agudos da humanidade.	<i>Bráulio Delmiro</i>	
<b>SANTA CACILDA</b>	Protetora contra a guerra.		<i>Cassilda Elza (da Costa)</i>
<b>SÃO CASIMIRO</b>	Protetor dos alfaiates e costureiras	<i>Cazimiro Silva Faúla</i>	
<b>SANTA CLARA</b>	Protetora da televisão.	<i>Raimundo Clarindo</i>	<i>Ana Clara /Clara Luísa</i>
<b>SÃO CLEMENTE</b>	Protetor das crianças e zelador de saúde na infância.	<i>Clemente Belmonth</i>	

<b>SANTA EDWIGES</b>	Protetora dos endividados.		<i>Ana Pedro Edwirgem</i>
<b>SANTA EFIGÊNIA</b>	Padroeira dos militares.		<i>Efigênia</i> (França Lima)
<b>SANTO ESTÊVÃO</b>	Protetor dos diáconos, de pessoas com dor de cabeça, dos cavalos .	<i>Clayner Pacelli Jorge Estêbam Zacarias Estêvão</i>	
<b>SANTO EVARISTO</b>	Protetor dos missionários e dos administradores.	<i>Bento Evaristo</i> (Ferreira)	
<b>SANTA EULÁLIA</b>	Padroeira dos marinheiros e das vítimas de tortura.		<i>Eulália Polidoro</i>
<b>SÃO FABRÍCIO</b>	Protetor dos operários.	<i>Fabrizio Inácio</i>	<i>Fabricia Rodrigues</i>
<b>SANTA FAUSTINA</b>	Protetora dos pecadores, sobretudo daqueles que perderam a esperança na misericórdia divina.		<i>Faustina</i> (Gonçalves Zanzanette) <i>Faustina Roque</i>
<b>SÃO FRANCISCO DE ASSIS</b>	Protetor das plantações e dos animais.	<i>Francisco Carlos Pereira Odélcio Francisco</i>	<i>Francisca Miguel</i> (Santos) <i>Nicolina Francisca</i>
<b>SÃO GERALDO</b>	Padroeiro das mães; santo dos partos felizes.	<i>Geraldo Antônio</i> (da Rocha) <i>Geraldo</i> (de Oliveira Santos) <i>José Geraldo</i> (Alves da Costa) <i>Juliandro Geraldo</i>	<i>Geralda da Luz Geraldina de Jesus Tonica Geralda Assunção</i>
<b>SANTA HELENA</b>	Padroeira dos pintores. Protetora contra trovões e o fogo.		<i>Helena</i> (Santos) <i>Helenita Alves Santos</i>
<b>SANTO HIPÓLITO</b>	Padroeiro dos defensores da fé.		<i>Hipólita</i> (Corrêa)
<b>SANTO INÁCIO</b>	Protetor das pessoas operadas.	<i>Fabrizio Inácio</i>	
<b>SANTA INÊS</b>	Protetora das adolescentes.		<i>Inês Aparecida</i>
<b>SÃO JANUÁRIO</b>	Protetor contra a pestilência.	<i>Januário</i> (Dias)	
<b>SANTA JOANA D'ARC</b>	Protetora da pátria		<i>Joana D'Arc</i> (dos Santos) <i>Joana D'Arc</i> (Queirós)
<b>SÃO JOÃO CAPISTRANO</b>	Protetor dos pregadores.	<i>João Capistrano</i>	
<b>SÃO JORGE</b>	Protetor dos bombeiros, dos soldados, dos cavaleiros, do hipismo.	<i>Clayner Pacelli Jorge Estêbam Jorge Queirós Lacerda</i>	<i>Geogina Souto Faúla</i>
<b>SANTA LEDUÍNA</b>	Padroeira dos pobres e doentes.		<i>Leduína Jesus</i> (Almeida)
<b>SÃO LUÍS</b>	Protetor da juventude.	<i>Lennon Luís Salustiano Luís</i>	<i>Ruth Luís</i> (Gomes) <i>Zilda Maria Luiz</i>
<b>SANTA MARGARIDA MARIA ALACOQUE</b>	Propagadora da devoção ao Sagrado Coração de Jesus.	<i>Adão Margarida</i> (dos Santos)	<i>Elge Margarida</i>
<b>SANTA MÔNICA</b>	Protetora das esposas maltratadas e das mães que desejam a conversão do(s) filho(s).		<i>Maria Mônica</i> (Pinto) <i>Mônica</i> (Ramos Santos)
<b>SÃO NICOLAU (TOLENTINO)</b>	Padroeiro das almas santas, das almas no Purgatório, dos marinheiros, barqueiros e homens que trabalham em estaleiros navais.	<i>José Nicolau</i> (Ferreira)	<i>Nicolina Francisca</i> (Santos)
<b>SANTO ONOFRE</b>	Protetor dos alcoólatras.	<i>Onofre</i> (Oliveira) <i>Onofre</i> (Souto) <i>Onofre Vilarino</i>	
<b>SÃO QUIRINO</b>	Protetor das pernas, protetor contra paralisias e afecções.	<i>Lindinélio Quirino</i> (Almeida) <i>Sebastião (Quirino Silva)</i>	
<b>SÃO RAIMUNDO</b>	Protetor dos arquitetos.	<i>Raimundo Pedro Costa Raimundo Balbino</i>	<i>Joselina Raimundo Raimunda Bonifácio</i>
<b>SANTA RITA DE CÁSSIA</b>	Advogada das causas impossíveis; auxílio contra a infertilidade.	<i>José Afonso Rita Geraldo Rita</i>	<i>Ana Lúcia Rita Eliane Rita</i> (Dumont) <i>Ivanita Aparecida Rita</i> (Gomes) <i>Rita de Cássia</i> (Rodrigues)

<b>SÃO ROQUE</b>	Protetor dos cirurgiões, libertador de pestes.	<i>Roque</i> (Evangelino Santos)	<i>Evangelina Roque</i> <i>Faustina Roque</i> <i>Lucimar Roque</i>
<b>SÃO SALUSTIANO</b>	Protetor dos confessores.	<i>Salustiano Luís</i>	
<b>SÃO SEBASTIÃO</b>	Protetor dos presos, dos arqueiros, de pessoas com feridas, pestes e doenças contagiosas.	<i>Sebastião</i> (Rodrigues da Silva)	<i>Sebastiana Serafim</i>
<b>SÃO SERAFIM</b>	Protetor dos eremitas, dos ascetas.	<i>Serafim Campos</i>	<i>Sebastiana Serafim</i> <i>Serafina</i> (Pereira)
<b>SÃO SEVERINO</b>	Protetor dos cativos e oprimidos		<i>Bianca Severina</i> <i>Severina Amaro</i>
<b>SANTA TEREZINHA DE LISIEUX</b>	Padroeira dos missionários católicos.		<i>Terezinha Pires</i> <i>Terezinha Valu Jesus</i> <i>Amarides Terezinha</i>
<b>(SÃO NICOLAU DE) TOLENTINO</b>	Padroeiro das almas santas, das almas no Purgatório, dos marinheiros, barqueiros e homens que trabalham em estaleiros navais.	<i>Tolentino Augusto</i> (Oliveira)	
<b>SÃO VÍTO(R)</b>	Protetor dos atores e dos dançarinos, dos neuróticos, dos epiléticos.	<i>Anderson Vítor</i> <i>Vítor</i> (Gonçalves Madeira) <i>José Vitorino</i>	<i>Suely Vítor</i>

**Quadro 15: Prenomes jacurienses relacionados com nomes de santos**

**Fontes: Dados da pesquisa**

**Dicionários específicos:** Attwater (1991), Sgarbossa (2003) e Tavares (2001)

A despeito do caráter contingente da relação “nome de santo > nome de batismo dos jacurienses”, acreditamos que o estudo do modo de constituição desse tipo de prenome pode contribuir para o estabelecimento do padrão observado pelos pais de São José do Jacuri no ato de nomeação de seus filhos. Assim, elencamos abaixo as diferentes combinações constantes do Quadro acima:

a) formas compostas de apenas **um nome de santo**

**i- nome de santo + sobrenome**

*Ambrosina Souto, Antônio Barroso, Antônio Pereira da Rocha, Apolônia Oliveira Marques, Benedito Álvares, Bento da Silva, Cassilda Ferreira, Cazimiro de Souza, Clemente Belmonth, Eulália Polidoro, Faustina Gonçalves Zanzante, Geraldo de Oliveira Santos, Helena Santos, Hipólita Corrêa, Januário Dias, João Capistrano, Onofre Oliveira, Sebastião Rodrigues da Silva, Serafina Pereira, Terezinha Pires, etc.;*

**ii- nome de santo + nome laico (hibridismo )**

*Bráulio Delmiro; Francisco Carlos; Tolentino Augusto; Toninho Cléber, etc.*

**iii- nome(s) laico(s) + nome de santo (hibridismo)**

*Anderson Afonso, Nilson Afonso, Ricksonerller Afonso; Creiton Wallace Antônio; Creyde Basílio; Fernando Benedito; Odécio Francisco, Nicolina*

*Francisca; Julenilson Jorge; Juliandro Geraldo; Iarny Luís, Lennon Luís; Elge Margarida; Lindinélio Quirino; ; Evangelina Roque, Lucimar Roque; Amarides Terezinha; Anderson Vítor, Suely Victor, etc.;*

**b) formas compostas de nomes de santos e de personagens bíblicas (hibridismo)**

**i- nome de santo + nome de personagem bíblica**

*Afonso Maria, Agostinha Ana, Antônio Maria, Ricardina Benta Jesus, Francisca Miguel, Geraldina de Jesus, Inês Aparecida, Leduína Jesus, Terezinha Valu Jesus, etc;*

**ii- nome de personagem bíblica + nome de santo**

*José Agostinho, Maria Antônia, Ana Pedro Edwirgem, Zacarias Estêvão, José Geraldo, José Jorge, Adão Margarida, João Luiz, Ruth Luís, Zilda Maria Luís, Joselina Raimundo, Ana Lúcia Rita, Ivanita Aparecida Rita, etc.;*

**c) formas compostas de dois ou mais nomes de santos**

*Bento Evaristo, Fabrício Inácio, Geraldo Antônio, Nicolina Francisca, Tonica Geralda Assunção, Jorge Estêbam, Salustiano Luís, Sebastiana Serafim, etc.*

A par desses tipos de correspondência, com nomes de figuras bíblicas e de santos, encontramos, ainda, prenomes que, de certa maneira, estão correlacionados com o contexto religioso cristão. Com o Nascimento de Cristo (Natal): *Natalícia Gomes, Native Ferreira*; com a Paixão de Cristo: *Maria da Paixão de Jesus, Cruzelina Viegas Santos, Lídia Maciel Cruz; Sudário Pinheiro dos Reis*; com a Ressurreição de Cristo: *Hosana Aparecida*; com o Evangelho: *Evangelina Torres, Zaquel Evangelho*; com o próprio Deus: *Deusilândia, Deusdele*, etc. Isso sem falar naqueles que vêm adquirindo o *status* de sobrenome, já consumado em designações como “Anjos”, “Santos” “Roque” (*Maria da Conceição dos Anjos, Anistia Donizete dos Santos, Brucimário Oliveira Santos, Girlene Flor Santos Oliveira; Carlota Izabel dos Anjos; Evangelina Roque, Faustina Roque, Lucimar Roque*, etc.). Exemplos da extensão desse uso: *Lídia Maciel Cruz, Presentina Maria de Jesus, Zilda Maria Luiz, Izabel de Paula, Sebastiana Serafim*, etc.

Para finalizar esta parte de nosso estudo — voltado para a antroponímia prenominal vigente em São José do Jacuri — e passar para o exame do quadro relativo à denominação pessoal por apelidamento, cumpre-nos dizer que, a despeito de todas as dificuldades enfrentadas pelos pais na escolha do nome de batismo de seus filhos, os jacurienses, de um modo geral, rejeitam-no, no curso de sua vida, em favor do apelido que recebem. É o que procuramos mostrar a seguir.

### **4.3.2 Apêlidos**

#### **4.3.2.1 Visão geral**

Em artigo voltado para o estudo da denominação de personagens ficcionais, de contos, novelas e romances, Bráulio Tavares nos lembra que:

Na antiga literatura satírica ou moralizante usava-se o nome do personagem para revelar desde logo sua característica principal. Um indivíduo ingênuo chamava-se “Simplício” ou “Inocência”; um indivíduo decente e probo era “Honorato”. “Fidélia” sugeria uma esposa digna e “Dolores” uma sofredora. (TAVARES, 2009, p. 27).

Essa nomeação fictícia, prossegue ele, “destinava-se a um público leitor não muito sofisticado, para quem a iniciativa de relacionar o nome do personagem ao seu caráter era uma gratificante façanha intelectual” (TAVARES, 2009, p. 27).

Embora situados num espaço linguístico-interacional diferente (de oralidade e de nomeação de pessoas), num contexto histórico e sociocultural distinto, percebemos uma relação entre o processo de escolha dos nomes de personagens da ficção literária e a escolha de apelidos de pessoas do mundo real. Se, de uma parte, Jorge Amado nos revela, iconicamente, no seu “Vadinho” e no seu “Teodoro Madureira”, de **Dona Flor e seus dois maridos**, um personagem caracterizado como “vadio” e outro como “homem de Deus, homem maduro”, de outra, a gente do Jacuri nos remete, por meio de apelidos como “Antônio *Magrinho*” e “João *Banana*”, a um indivíduo de compleição física franzina e a outro de disposição psicológica tímida, medrosa, passiva.

Levado às últimas consequências, esse último tipo de apelido, que beira o pejorativo, pode marcar, negativamente, uma pessoa para o resto da vida, independentemente do fato de ter se originado de uma simples brincadeira. Tanto é que eles vêm sendo estudados por especialistas de diferentes áreas do conhecimento humano, tenho ganhado o nome específico de "*bullying*", do verbo inglês *to bully*, que significa 'tiranizar, amedrontar, intimidar e humilhar'. Quantas *Orcas* carregam, ainda hoje, o peso de um apelido que contraria o padrão ideal do corpo feminino, nos tempos atuais: o de um esqueleto.

Diante da gravidade da questão, o deputado Joares Pontinelli, do PP, apresentou à Assembléia Legislativa de seu Estado, Santa Catarina, um projeto de lei, do qual, constam alguns mecanismos passíveis de combater o que antes era uma simples brincadeira de crianças: a de "botar apelidos" nos colegas de escola.

Contudo, essa "brincadeira" que tanto agrada os brasileiros de diferentes faixas etárias acabou se transformando numa verdadeira "febre" nacional em determinadas situações e/ou práticas sociais distintas. Em São José do Jacuri, tal como em outras localidades, essa "febre" alcança patamares mais altos no período de eleições, quando os candidatos fazem questão de exibir seu apelido, em lugar do seu nome de batismo. De força argumentativa, a alcunha adquire um *status* tal entre nós que costuma ser anexado, oficialmente, ao nome do candidato. Que o diga o nosso atual Presidente da República, que, de Luís Inácio da Silva, passou a se chamar Luís Inácio **Lula** da Silva, sobrenome advindo de alcunha, que acabou sendo adotado por toda a família.

No meio político jacuriense, nas últimas eleições, realizadas em 2008, a maioria dos candidatos incluiu em sua campanha um novo tipo de arma de persuasão dos eleitores: o apelido. Assim é que, dos 34 candidatos, apenas 5 (cinco) mantiveram, integral ou parcialmente, o seu nome de batismo: Abel (de Abel Evaristo Bessa), Jair Barroso (de Jair Barroso de Oliveira), Nora (de Maria Nora Nei), Maura Rosa (de Maura Rosa Lima e Ovídio (de Ovídio Nogueira). Outros o fizeram acrescentando-lhe "títulos" como o de professor — *Professor Azemir* (Azemir Sales da Costa), *Professora Enide* (Enide Oliveira Costa) e *Professora Clenilda* (Clenilda Souto Bernardo) — ainda tido em alta conta na cidade —, ou, então, a sua identidade profissional: Sônia *Costureira*.

No Quadro a seguir, arrolam-se os nomes dos candidatos que fizeram do seu apelido um meio de identificação e um recurso de persuasão:

CANDIDATOS	
NOME OFICIAL	APELIDO “ELEITOREIRO”
Ana Maria Gonçalves	<i>Ana do Márcio</i>
Anderson Afonso de Almeida	<i>Pão</i>
Antônio Pereira da Rocha	<i>Antônio Tibúrcio</i>
Bento Evaristo Ferreira	<i>Bento da Sá Deca</i>
Carlos Lacerda Oliveira	<i>Branco</i>
Carlos Roberto Nogueira	<i>Zizi</i>
Cleonice de Carvalho	<i>Cleonice do Vander</i>
Conceição Emília dos Santos	<i>Tika Zé Gilim</i>
Geraldo Antonio da Rocha	<i>Geraldo Turinha</i>
Geraldo de Oliveira Santos	<i>Neném Félix</i>
Ione Alves	<i>Ione do Iécio</i>
José Cláudio Higino	<i>Zé Cláudio</i>
José de Fátima Oliveira	<i>Zezinho</i>
José Eudes da Costa	<i>Zé Eudes</i>
José Geraldo Alves Gonçalves	<i>Zé Geraldo</i>
José Jorge Ferreira	<i>Zé Jorge</i>
Kerlen Oliveira	<i>Kerlinho</i>
Marcos Oliveira	<i>Marquim Bernilene</i>
Maria do Socorro Oliveira	<i>Socorro do Luís</i>
Odécio Francisco Oliveira	<i>Décio</i>
Pedro Celestino	<i>Pedro do Zico</i>
Sebastião Rodrigues de Sousa	<i>Neguito</i>
Sônia Maria Gomes	<i>Sônia Costureira</i>
Vanderlan Oliveira	<i>Babalu</i>
Wesdras Costa	<i>Tico</i>

**QUADRO 16: Apelidos assumidos pelos candidatos jacurienses às eleições de 2008**  
**Fonte: Dados da pesquisa**

Tal forma de proceder, já o dissemos, se tornou um hábito arraigado entre os habitantes do Jacuri. Independentemente do grau de excentricidade da alcunha ou de sua motivação, a sua população já está viciada em apelidamento, quer como apelidador, quer como apelidado. Prova disso é que o número de pessoas identificadas por meio de codinomes suplanta com folga o das que mantiveram o nome de batismo. O mais curioso nisso tudo é que, diferentemente do que costuma ocorrer em outras localidades, esses apelidos assumem formas completamente distintas do nome do batismo, não tendo, pois, uma regra previsível que os reja. Essa é a situação de *Maria José*, apelidada **Juca**; de *Conceição*, cognominada **Tica**; de *Wellington*, conhecido como **Birreque**, e assim por diante.

Esse estado de coisas diferente totalmente do processo de apelidamento adotado em países como a Espanha, cujos habitantes recebem um mesmo apelido segundo o nome que portam. Assim, todos os indivíduos chamados *Antonio* são apelidados **Toño**; os de nome *José*, **Pepe**; os de nome *Francisco*, **Paco**; os de nome *Joaquim*, **Juaco** ou **Paco**, os de nome *Rafael*, **Rafa**, etc. No grupo das mulheres, as de nome *Concepción* recebem a alcunha de **Concha** ou **Conchita**; as de nome *Dolores*, **Lola**, as de nome *Maria Teresa*, **Maite**, e assim por diante.

### 4.3.2.2 Constituição formal

Do mesmo modo que os nomes de batismo, os apelidos empregados em São José do Jacuri apresentam uma variação configuracional que compreende desde as formas nominais mais simples, mononucleares (*Fominha, Fuapa, Liso, Noturno*) a SNs complexos, constituídos, por vezes, de outra(s) alcunha(s) — que nos remete a uma espécie de processo de superapelidamento (*Marquinho do Lô, Tica do Zé Cueca, Zé Pega Pinto*, etc.).

À luz do quadro teórico delineado no capítulo anterior, vejamos os padrões configuracionais básicos seguidos pelos jacurienses na atribuição de apelidos a seus concidadãos.

#### **A- De configuração mononuclear**

A par de apelidos **mononucleares** como *Babalu, Branco, Caçapa, Catita, Cenourão, Dinha, Grilo, Lelé, Lili, Lô, Lulu, Caçapa, Cenourão, Grilo, Juca, Juquinha, Nanda, Neguito, Neném, Nico, Nordália, Pão, Piquitito, Pitoca, Preta, Prumo, Quinzinho, Sóror, Tica, Tico, Tika, Toninho, Tunga, Vazinho, Zé, Zezé, Zezinho, Zico, Zizi*, e outros mais, arrolamos outros de conformação estrutural mais complexa.

#### **B- De configuração multinuclear**

##### a) Com núcleo antroponímico *stricto sensu*

**i- N + N:** Antônio *Tibúrcio* (por Antônio Pereira da Rocha); Geraldo *Fubá*; Geraldo *Turinha* (=‘tora de madeira’), etc.

**ii- N + Adj.:** Antônio *Magrinho*; Geraldo *Pequeno*; João *Banana* (substantivo usado como adjetivo), etc.

**iii- N + SV:** Geraldo *Frouxa Égua*; João *Cospe Fogo*, etc.

**iv- N + Interjeição:** Deolinda *Arre Égua*, Suzana *Glória a Deus*, etc.

**v- N + [Prep + N]:** Antônio [*da Cassilda*], Ione [*do Iécio*], etc.;

**vi- N + [Prep + AP]:** Ângela [*da Fuapa*]; ]Bento [*de Sá Deca*]; Cláudio [*da Juca*]; Jorge [*do Zé Quinzinho*]; Maria [*do Adãozinho*]; Nilma [*do Boré*]; Pedro [*do Zico*], etc.

##### b) Com núcleo antonomástico

**i- AP + N:** *Zé Angelino; Zé Cláudio; Zé Eudes; Zé Geraldo*, etc.;

- ii- AP + [Prep + N]: *Lourdinha* [do Jorge], *Toninho* [da Stela]/ [da Geneci]/ [do Jair], *Zezé* [do Américo], etc.;
- iii- AP + SV: *Zé* [*Come Quietto*], *Zé* [*Pega Pinto*], *Veio* [*Qué*] (= Velho Quer);
- iv- AP + AP: *Zé Amendoim* (José Maria Augusto), *Zé Cueca* (José Atanásio Araújo), *Marquim Bernilene* (Marcos Oliveira), etc.;
- v- AP + [Prep + AP]: *Marquinho* [*do Lô* ]; *Tica* [*do Zé Angelino*]; *Tica* [*do Zé Cueca* ]; *Tita* [*do Zé Lima* ]; *Zé* [*do Quinzinho*], etc.

Por sua vez, muitos desses compostos, quer formado por núcleo antroponímico propriamente dito, quer por núcleo-alcunha, trazem em seu bojo outra camada de apelidos, também variáveis semântica e configuracionalmente. Assim, temos apelidos com elemento(s) expresso(s) em:

- a) grau diminutivo — em **-inho(a)**: *Adãozinho*, *Bituquinha*, *Tampinha*, *Mazinho*, *Chiquinho*, *Dinha*, *Fominha*, *Juquinha*, *Kerlinho*, *Marquinho*, *Lourdinha*, etc.  
em **-im** (corruptela de **-inho**): *Caim* (de Carlinhos), *Lupim* (de Lopes),  
em **-ico**: *Tonico*  
  
em **-ito**: *Neguito*, *Piquitito*  
em **-uca**: *Pituca*
- b) grau aumentativo — *Cenourão*, *Mangão*, *Tonhão*, *Jegão*, etc.
- c) perda silábica
- dissilábica – *Chico* (de Francisco), *Dinha* (de Dindinha), *Tika* (de origem desconhecida), *Tita* (de origem desconhecida)
  - monossilábica: *Liu* (de Hélio), *Lô*, *Ném* (de *Neném*), *Uí*, *Lú*, *Pri*, *Zé* (de José), etc.
- d) redução formal + grau diminutivo: *Tonico*,
- e) forma reduzida com sílaba repetida : *Lelé*, *Lili*, *Lulu*, *Cacá*, *Vavá*, *Neném*, *Vivi*, *Zezé*, *Zizi*, etc.

Naturalmente, esses e outros apelidos mais resultam de processos distintos de formação vocabular que, mais ou menos produtivos em nossa língua, não raras vezes coatuam uns com os outros. Passemos, pois, a investigá-los, descobrindo no produto materializado linguisticamente o(s) modo(s) de sua produção.

### 4.3.2.3 Estratégias

Em conformidade com as conclusões gerais vistas no capítulo anterior, a operação mais potente levada a termo na formação dos apelidos em São José do Jacuri é a da composição, que, como era de esperar, costuma coocorrer com outras como a derivação, a criação hipocorística, a substituição internominal, etc. Abaixo, alistamos e ilustramos as que conseguimos detectar:

#### **A- Composição**

De carácter multifacetado, a **composição** dos apelidos jacurienses envolve principalmente elementos de carácter identificador, variáveis quanto ao vocábulo tomado como ponto de referência, de aceção variável. De carácter locativo, temos apelidos como:

Ana Maria *da Água Limpa*, Marquinho *dos Machados*, Tico *da Aldeia*.

Como identificadores de traços físicos, psicológicos e comportamentais dos apelidados, citem-se os que expressam:

- a) **vínculo familiar:** Antônio *da Cassilda*, Bento *de Sá Deca*; *Zé do Américo*, Ione *do Iécio*, *Lourdinha do Jorge*, etc.;
- b) **traço físico:** Antônio *Magrinho*, Geraldo *Pequeno*, Geraldo *Turinha*, *Meio Quilo*, *Zé Capeta* (feio), *Zé Miúdo*, *Zé Ratinho*, etc.
- c) **traço psicológico:** João *Banana*;
- d) **traço comportamental:** Geraldo *Froxa* (por Frouxa) *Égua*, João *da Cara Reganhada* (dançarino contumaz), *Pastel Velho* (comilão de pastel), *Zé Pega Pinto* (ladrão de galinha), etc.

#### **B- Formação hipocorística**

Tendo em vista a motivação e o efeito de sentido relacionados com os nomes hipocorísticos, optamos por adotar aqui o quadro tipológico apresentado por Houaiss e Villar (2001) que, de âmbito mais extenso, abriga diferentes processos de que resultam palavras de trato familiar e amoroso. Esse quadro aparece transcrito abaixo com um perfil estrutural próprio do gênero textual aqui produzido e com redução do exemplário:

Os hipocorísticos em português - como em muitíssimas outras línguas - apresentam recursos formais característicos, de que se ressaltam aqui os mais típicos :

- 1) o uso de sufixos diminutivos (*Antoninho, Antoniozinho, Mariinha, Luisito; Maureto, Lurdeta, Paulelho, Sarelha; Julilho, Augustilha, etc.*);
- 2) o uso de sufixos aumentativos (*Marcão, Paulão, Luisão* etc);
- 3) o uso de truncamentos ou braquilogias (iniciais iniciais - *Sebas* ou *Sebato*, por Sebastião; *Cristo*, por Cristóvão; *France*, por Francelina; ou finais - *Tião*, por Sebastião; *Nieta/Neta*, por Antonieta; *Gário*, por Leodegário;
- 4) o uso de redobros silábicos [em geral das sílabas tônicas, mas não exclusivamente] - *Lalá*, por Laura; *Vavá*, por Osvaldo; *Gugu*, por Augusta, Augusto; *Lulu*, por Luís, Luísa; *Cacá*, por Carlos; *Quinquim*, por Joaquim;
- 5) o uso dos combinatórios dos recursos anteriormente referidos (*Tonho, Totonho*, por Antônio; *Quincas*, por Joaquim; *Zé, Zeca, Zequinha*, por José; *Jango, Jangão, Janjão*, por João, *Lula*, por Luís, etc.). (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 1538; adaptação nossa).

Todos esses recursos são explorados, em maior ou menor grau, pelos jacurienses, conforme nos demonstram os dados a seguir:

**a) por derivação sufixal diminutiva**

Geralmente, pelo que se pode observar acima, o processo de derivação aparece conjugado ao de composição, manifestando-se, principalmente, por meio de sufixo diminutivo, o que lhe confere um caráter hipocorístico. Numa complementação do quadro acima, apresentamos os seguintes exemplos:

i- sufixo **-inho**: *Magrinho, Quinzinho, Ratinho, Toninho, Turinha, Vazinho* (de Edervalzinho), *Zezinho*, etc.

ii- sufixo **-im** (corruptela de **-inho**): *Marquim, Zuim* (de “Zolhinhos, por olhinhos”), etc.

iii- sufixo **-ico**: *Tonico, Zico*;

iv- sufixo **-ito**: *Neguito, Piquitito*.

**b) por derivação sufixal aumentativa:**

*Cenourão* (Laureci).

**c) por redução ou truncamento silábico:**

i - de segmento inicial do prenome

*Chiquinho*, por Francisquinho; *Liu*, por Hélio; *Nanda*, por Fernanda; *Zé*, por José (Amendoim/ Angelino/ Capeta / da Inês / da Venda/ do Frango/ Garrancho/Lupim/Lima/Miúdo/Ratinho, etc.); *Vazinho*, por Edervalzinho (diminutivo de Ederval)

ii- de segmento final do prenome

*Carol*, por Carolline; *Dany*, por Danielle / Daniela; *Pri*, por Priscilla;

iii- de segmento de outro apelido (nem sempre identificado por nós) ou forma já cristalizada entre nós como hipocorístico

*Juca* (Maria José dos Santos); *Lô* (José Maria de Oliveira); *Tica* (Rosilei Milene Araújo); *Tika* (Conceição Emília dos Santos); *Tico* (Wesdras Costa); *Tita* (Efigênia França Lima), etc.

iv- de segmentos conjugados por reunião da primeira sílaba dos nomes que integram prenomes compostos:

*Joca*, por José Carlos; *Maju*, por Maria José; *Malu*, por Maria Luiza, *Nordália*, por Ana Ordália, etc.

**d) por redobro:**

i- de sílaba constante do prenome:

*Lalá* (de Larissa); *Lili* (de Lizziane); *Lulu* (de Ana Luiza); *Zeze* (de José Oliveira Alves), etc.;

ii- de sílaba não constante do prenome, mas integrante de outro nome (apelido, ou não), ou tipo de apelido cristalizado em nossa língua:

*Lelé* (Anderson Mota), *Neném* (Armando, José Ferreira, Maria das Graças, Ailton Santos, Welington, Geralda, Nelita, Joselaine, Narcísio, *Zizi* (Carlos Roberto Nogueira).

**C- Formação por substituição do prenome**

*Jeick* (de Jake) em lugar de José Afonso Corrêa Souto;

*Nanda* (de Fernanda) Martins dos Santos em lugar de Terezinha (Martins dos Santos)

*Neide* (do Branco) em lugar de Cleimar (Queirós Sardinha);

*Nilza (do Zé da Venda)* em lugar de Anísia (Gomes da Silva);

Além desse tipo de substituição há outro mais radical, em que o nome por inteiro da pessoa (prenome e sobrenome) é substituído por outro diferente. Exemplos: Vailton de Oliveira Costa por *Alex Júnior*.

#### **D- Formação por abreviação através de siglas**

Menos frequentes, temos, no *corpus* coletado, os seguintes apelidos abreviados através de siglas: *PC*, por Paulo César e *JC*, por José Célio.

#### **E- Formação por combinação de processos distintos entre si**

Conforme mencionado no correr do trabalho, muitos apelidos, assim como os nomes de batismo, são construídos a partir da conjugação de processos de formação vocabular diferenciados uns dos outros. Como exemplos desse “hibridismo procedimental”, arrolamos aqui os seguintes:

a) *Marquinho do Lô* (Marcos Oliveira): derivação sufixal diminutiva + sintagma de caráter patronímico constituído de novo apelido assim formado: adoção de nome não identificado + truncamento silábico.

b) *Socorro do Luís do Américo* (Maria do Socorro): redução do prenome binuclear “Maria do Socorro” à forma mononuclear “Socorro” + novo apelido de caráter patronímico, assim formado: “Luís” + sintagma preposicionado “do Américo”.

Embora constem do estudo acima remissões inevitáveis à motivação de alguns dos apelidos citados, dedicamos, a seguir, uma seção especial a essa questão, de suma importância para a revelação do jeito de ser da cidade mineira aqui focalizada.

#### **4.3.2.4 Motivação e repercussão**

Numa paráfrase ao provérbio “Diga-me com quem andas que eu te direi quem és”, atribuímos ao capítulo introdutório deste trabalho o seguinte título: “Dize-me como te chamas e te direi quem és”. Com esse artifício queríamos deixar clara, de antemão, a ideia que sustentava a nossa pesquisa, qual seja, a de que, a despeito da imprecisão de sua

referencialidade, o nome próprio em si nos conta histórias e nos mostra a História através, por exemplo, do movimento que a sua escolha costuma provocar. Essa escolha, lembremo-nos, se efetua num contexto determinado, variável em tempo e espaço.

Se o “nome de batismo” tem essa “força” reveladora em grau ainda maior a têm os apelidos, verdadeiras metáforas de seus portadores. Entre os jacurienses, conforme mostrado a seguir, eles são de tal modo cultuados que chegam a apagar a lembrança do primeiro, oficializado em registro civil.

Depois de mostrá-los em sua configuração formal, cumpre-nos agora desvelar as razões que determinaram a sua escolha, segundo as informações que conseguimos obter. Numa escala decrescente de preferências, apresentamos abaixo, em forma de quadros, os diferentes procedimentos utilizados na concessão de apelidos aos jacurienses. Conforme deixamos entrever acima, esses procedimentos, em sua maior parte, exercem uma função identificadora, variável quanto à seleção do traço que melhor tipifica o indivíduo-alvo.

Vejamos, pois, as prioridades dadas pelos jacurienses na condução dessa tarefa.

#### **A- Acréscimo de termos/expressões de caráter identificador ao prenome do apelidado**

Um dos recursos mais vivazes desse tipo de apelidamento é o que se manifesta pelo acréscimo, ao prenome (ou parte dele) das pessoas, de informações concernentes ao seu vínculo — filial e conjugal. Confirmam-nos isso os seguintes dados, distribuídos, por razões operacionais, em dois quadros distintos quanto ao sexo do apelidado:

##### **a) Identificação por referência a vínculo familiar<sup>17</sup>**

###### **i- Jacurienses do sexo masculino**

NOME DE BATISMO	APELIDO			
	TRANSCRIÇÃO	CONSTITUIÇÃO		
		1º Prenome/Apelido + Nome do Cônjuge	1º Prenome/Apelido + Nome/Sobrenome de Genitor	
			Pai	Mãe
Antônio José de Almeida	<i>Antônio da Cassilda</i>			<b>Cassilda</b> Elza da Costa
Antônio Alves de Meira	<i>Toninho da Stela</i>	<b>Stela Maris</b> Machado		
Antônio de Oliveira Alves	<i>Toninho da Geneci</i>	<b>Geneci</b> de Queirós Oliveira Alves		

<sup>17</sup> Para melhor identificação do apelido de base, destacamos, através de sublinhado, os que aparecem superpostos a ele.

Antônio Geraldo Barroso	<i>Toninho do Jair</i>		<b>Jair</b> Barroso de Oliveira	
Armando Gomes Sardinha	<i>Neném Castor</i>		<b>José Castor</b>	
Bento Evaristo Ferreira	<i>Bento da Sá Deca</i>			<b>Modesta</b> Evaristo
Cláudio José dos Santos Rocha	<i>Cláudio da Juca</i>			<b>Maria José</b> dos Santos Rocha
Geraldo César de Moraes	<i>Geraldo de Sá Joana</i>			<b>Joana</b> de Sousa Silva
Jorge Gomes de Freitas	<i>Jorge do Zé do Quinzinho</i>		<b>José</b> Satiro Neto	
José Nunes Neto	<i>Zé da Marcela</i>			<b>Marcela</b> Alves Nunes
José Oliveira Alves	<i>Zeze do Américo</i>		<b>Américo</b> Oliveira Alves	
José Rosa Silva	<i>Nô do Zé Leão</i>		<b>José Alves Leão</b>	
José Satiro Neto	<i>Zé do Quinzinho</i>		<b>Joaquim</b> Gomes de Freitas	
Marcos José de Oliveira	<i>Marquinho do Lô</i>		<b>José Maria</b> de Oliveira	
Nilson Afonso Gonçalves	<i>Nilson do João Gonçalves</i>		<b>João Gonçalves Fernandes</b>	
Pedro Celestino	<i>Pedro do Zico</i>		<b>José Samuel</b> Gomes	etc.

**Quadro 17: Apelidos masculinos compostos por acréscimo de nome de de familiar**

**Fonte: Dados da pesquisa**

Num exame do Quadro acima, chama-nos a atenção a proporção de uso das categorias familiares (patriarcais) tomadas como identificadoras dos homens, todos eles casados: dos quatorze nomes registrados acima, somente dois aparecem acrescidos do nome do cônjuge, no caso, do sexo feminino; os restantes fazem parte da categoria paterna, assim dividida: oito nomes remissivos ao pai e quatro, à mãe. Em termos percentuais, temos o seguinte resultado:

Se confirmada a ideia de posse que parece subjazer a esse tipo de apelidamento, Freud teria à sua frente uma situação merecedora de suas considerações psicanalíticas.

Vejamos agora o que nos diz o Quadro das mulheres, que, pelo que se pode ver, são todas casadas.

ii- Jacurienses do **sexo feminino**:

NOME DE BATISMO	APELIDO			
	TRANSCRIÇÃO	CONSTITUIÇÃO		
		1º Prenome/Apelido + Nome do Cônjuge	1º Prenome/apelido + Nome/Sobrenome de Genitor	
			Pai	Mãe
Ana Maria Gonçalves	<i>Ana do Márcio</i>	<b>Márcio</b> Gomes Fernandes		
Ângela Maria Carvalho	<i>Ângela da Fuapa</i>			<b>Maria das Dores</b> Lopes
Anísia Gomes da Silva	<i>Nilza do Zé da Venda</i>	<b>José Antônio</b> Gomes		
Cleonice de Carvalho	<i>Cleonice do Vander</i>	<b>Vander</b> César de Carvalho		

Conceição Emília dos Santos	<i>Tica do <u>Zé Angelino</u></i>		<b>José Angelino</b> dos Santos	
Conceição Coelho do Carmo	<i>Conceição do <u>Zé Lupim</u></i>	<b>José Lopes</b> do Carmo		
Efigênia França Lima	<i>Tita do <u>Zé Lima</u></i>	<b>José de França Lima</b>		
Ione Aparecida Alves	<i>Ione do <u>Iécio</u></i>	<b>Iécio José</b> Alves		
Leila Gomes Almeida	<i>Leila da <u>Zu</u></i>			<b>Maria Geralda</b> Gomes
Leila de Carvalho Seara	<i>Leila da <u>Fuapa</u></i>			<b>Maria das Dores</b> Lopes
Maria Aparecida Silva Barroso	<i>Aparecida do <u>Toninho</u></i>	<b>Antonio Geraldo Bar-</b> roso		
Maria da Conceição Aparecida	<i>Maria do <u>Zé da Inês</u></i>	<b>José</b> Aparecido		
Maria de Fátima Costa	<i>Maria do <u>Adãozinho</u></i>	<b>Adão Francisco</b> da Costa		
Maria de Lourdes Oliveira Alves	<i>Lourdinha do <u>Jorge</u></i>	<b>Jorge José</b> Alves		
Maria do Socorro Oliveira	<i>Socorro do <u>Luís do</u> <u>Américo</u></i>	<b>Luís José</b> de Oliveira		
Maria Geralda dos Santos	<i>Dinha do <u>Jair Soldado</u></i>	<b>Jair</b> Pereira do Nasci- mento, ex-soldado da Polícia Militar		
Maria José de Almeida	<i>Zezé do <u>João</u></i>	<b>João</b> Gomes de Almeida		
Naquite Nunes	<i>Naquite do <u>Zé da</u> <u>Marcela</u></i>	<b>José</b> Nunes Neto		Marcela Alves Nunes
Neide Oliveira Coelho	<i>Neide do <u>Vivi</u></i>		<b>Juviniانو</b> Augusto	
Nilma Gonçalves Madeira Chaves	<i>Nilma do <u>Boré</u></i>	<b>Antônio</b> Chaves Oliveira		
Nilma Oliveira Nascimento	<i>Nilma do <u>Chiquinho</u></i>	<b>Francisco</b> Carlos Pereira		
Olga Alves Garcia	<i>Olga do <u>Anísio</u></i>	<b>Anísio</b> de Deus Garcia		
Rosângela G.Oliveira	<i>Rosângela do <u>Nilson</u></i>	<b>Nilson</b> Afonso Gonçalves		
Rosilei Milene Araújo	<i>Tica do <u>Zé Cueca</u></i>	<b>Zé Cueca = José Ata-</b> <b>násio</b> Araújo		
Sandra Mara Alves	<i>Sandra do <u>Liu</u></i>	<b>Hélio</b> Oliveira Alves		
Valdeci Gonçalves Vilarino	<i>Valdeci do <u>Antônio Júlio</u></i>		<b>Antônio Julio</b> Vilarino	

**Quadro 18: Apellidos femininos compostos por acréscimo de nome de familiar**

**Fonte: Dados da pesquisa**

Diversamente dos homens, as mulheres, conforme se pode constatar no Quadro acima, são identificadas pelo nome do cônjuge. Assim, das vinte e quatro aí registradas, apenas cinco portam o nome dos pais, sendo um deles de origem paterna e os outros quatro, de origem materna. Chama-se a atenção para o sobrenome “Nascimento” atribuído à Nilma como referência à sua data de aniversário ( 25 de dezembro), uma vez que este “sobrenome” não é atribuído a nenhum de seus familiares.

Sem querer tirar conclusões precipitadas, pensamos que uma análise à luz de áreas de conhecimento como a da antropologia, da psicanálise, nos indicaria um tipo de sociedade ainda caracterizado como machista, ou talvez, patriarcal.

A propósito desse tipo de recurso de formação de nomes pessoais, vale lembrar aqui do uso que dele faz o nosso poeta João Cabral de Melo Neto, com a sua **Morte e vida severina**”:

#### MORTE E VIDA SEVERINA

...O meu nome é **Severino**,  
 como não tenho outro de pia.  
 Como há muitos Severinos,  
 que é santo de romaria,  
 deram então de me chamar  
*Severino de Maria*  
 Como há muitos *Severinos*  
 com mães chamadas *Maria*,  
 fiquei sendo o **da Maria**  
**do finado Zacarias.**

Mais isso ainda diz pouco:  
 há muitos na freguesia,  
 por causa de um coronel  
 que se chamou Zacarias  
 e que foi o mais antigo  
 senhor desta sesmaria.

Como então dizer quem falo  
 ora a Vossas Senhorias?  
 Vejamos: é o **Severino**  
*da Maria do Zacarias.*  
**lá da Serra da Costela,**  
**limites da Paraíba.**

(MELO NETO, 1996, p.7-8; grifos nossos)

Isso posto, passemos ao exame de outras técnicas de apelidamento empregadas pelos jacurienses.

#### **B- Identificação por referência a vínculo profissional**

Embora menos freqüentes, encontramos jacurienses que são reconhecidos nominalmente pela profissão que exercem. Do mesmo modo que o modo de identificação

anterior, esse também é expresso através de acréscimo do nome da profissão ao nome ou apelido das pessoas. Assim, além do apelido mononuclear *Prumo*, conferido a um pedreiro de postura sobranceira (José Gonçalves Alves), temos outros de estrutura composta:

*Chiquinho do Lavador* (local de lavar carros); Jair *Soldado* (Jair Pereira do Nascimento, ex-soldado da Polícia Militar) Sônia *Costureira* (Sônia Dias Braga), *Zé Amendoim* (José Maria Augusto), *Zé da Venda* (José Antônio Gomes); *Zé do Frango* (José Aderson da Rocha), etc..

### C- Identificação por referência ao local de residência do apelidado

Outro tipo de reconhecimento do apelidado é o que se manifesta através de alusão ao lugar onde mora. É o caso de *Zé Peroba*, residente em local onde se encontra um grande perobal.

### D- Identificação por traço(s) pessoal(is) do apelidado

Dentre os diferentes recursos utilizados no apelidamento das pessoas, o que mais se coaduna com o espírito do povo brasileiro é o que lhe permite apontar traços do apelidado, sejam eles físicos, psicológicos ou comportamentais. Numa atitude jocosa, nossa gente se vale desse recurso tanto para elogiar quanto para criticar os circundantes. Esse jogo, contudo, pode se tornar perigoso se explorado em seu poder ofensivo, fato comum entre alunos de escolas infantis e juvenis. Daí o estabelecimento de leis destinadas a controlar os exageros — rotulados com o termo inglês *bullyings*.

De acordo com os dados levantados, em 2008, pelo Centro Multidisciplinar de Estudos e Orientação sobre o *Bullying* Escolar (CEMEOBES), a média de estudantes brasileiros que têm o hábito de provocar brigas com a atribuição de apelidos insultuosos foi de 49%, acima, portanto, da média mundial, que varia de 5 a 35%.

Todavia, não é essa a situação imperante em São José do Jacuri. Conforme dito anteriormente, o jacuriense adora o apelido que porta, assim como adora rebatizar amigos e conhecidos com apelidos carinhosos (hipocorísticos) ou reveladores de algum traço pessoal marcante do apelidado. No primeiro caso, o apelido é dado a partir do viés de seu atribuidor e, no segundo, a partir de traço inerente ao apelidado. Em ambos os casos, o ato de apelidamento envolve uma carga de subjetividade demonstrada através do sentimento ou da avaliação, positiva ou negativa, do apelidador em relação ao apelidado.

Nos Quadros a seguir, exibem-se os dois tipos de apelido integrantes do *corpus*, seguidos, na medida do possível, da indicação dos motivos que levaram à sua escolha:

NOME	APELIDO	MOTIVAÇÃO
Alexandre Felix	<i>Ravengar</i>	Analogia com o cabelo de Ravengar, personagem da novela “Que rei sou eu?”, da Rede Globo de Televisão.
Alzirinha Rosângela Neta	<i>Soca</i>	Menção do hábito da apelidada em socar os meninos, quando criança.
Anderson José Almeida	<i>Pão</i>	Analogia com o modo de correr de um pão anunciado em comercial da televisão brasileira.
Anísia Alves Gomes	<i>Nilza (do Zé da Venda)</i>	Corruptela/substituição do nome original “Anísia” por outro de pronúncia similar mais fácil.
Antônio Chaves Oliveira	<i>Boré</i>	Emprego homenageativo do nome do padrinho “Antônio Boré”.
Antônio Moreira Rocha	<i>Bituquinha</i>	Tratamento carinhoso expresso por meio de sufixação diminutiva de “bituca”, termo que lembra o hábito que o apelidado tinha, quando criança, de recolher “tocos” de cigarro na rua.
Antônio Ferreira Timóteo	<i>Antônio Magrinho</i>	Tratamento carinhoso expresso por meio de sufixação diminutiva, do adjetivo magro, como referência à fragilidade física do apelidado.
Armando Gomes Sardinha	<i>Neném (Castor)</i>	Tratamento carinhoso expresso por lexia hipocorística.
Carlos Gonçalves Caetano	<i>Zuim</i>	Tratamento carinhoso formado por redução de sons e pelo diminutivo – <i>im</i> , corruptela de – <i>inho</i> ( <i>Zoinho</i> , de “Os olhinhos”). No caso, serve como indicador, em acepção contrária à realidade, do tamanho enorme dos olhos do apelidado.
Carlos Lacerda Oliveira	<i>Branco</i>	Uso de termo referente a traço físico (cor da pele) característico do apelidado.
Carlos Roberto Santos	<i>Batatinha</i>	Referência, por analogia, à compleição física do apelidado.
Claudiana Monteiro	<i>Cuca</i>	Referência metafórica à inteligência da apelidada.
Claudimar Félix Silva	<i>Noia</i>	Manifestação de desdém por meio do emprego de termo desconhecido usado para qualificar a pessoa como “chata, enfadonha”
Dílso Marinho Lucena	<i>Uí</i>	Termo referente ao baixo peso (700 gramas) do apelidado, quando recém-nascido.
Edson Geraldo Barroso	<i>Catita</i>	Atribuição de nome de animal, por analogia entre o tamanho dos olhos do apelidado e os olhos enormes dos ratos-catitas ou camundongos.
Edson Alves de Moura	<i>Liso</i>	Emprego de um dos regionalismos brasileiros usados como alusão a pessoas sem dinheiro, “duras”.
Edson Oliveira Costa	<i>Fominha</i>	Uso da forma diminutiva do substantivo “fome”, com valor aumentativo, uma vez que sinalizador de pessoa comilona, arada, esganada.
Edward Luis Madeira	<i>Badé</i>	Extensão de uso da forma truncada do sobrenome “ <b>Madeira</b> ”, pronunciado pelos familiares do apelidado com [b] em lugar de [m]
Ernane Luiz Guimarães	<i>Gó</i>	Extensão de uso do substantivo comum “gol”, pronunciado “go” pelo próprio apelidado, quando ainda criança.
Ernane Vieira Nascente	<i>Durock</i>	Emprego de nome de animal como referência a ‘pessoa gorda’, especificada, no caso, como ‘porco da raça duroc’.
Ésio Alves	<i>Jurubeba</i>	Referência ao nome do remédio pedido costumeiramente pelo pai, quando em estado de ressaca etílica.
Fernando Gomes de Almeida	<i>Canarinho</i>	Menção à aptidão do apelidado em assobiar tão bem.
Flaviano Luís dos Santos	<i>Cancão</i>	Sinônimo de “gavião”, usado como referência a homens tidos como “mulherengos”.
Flávio Nascimento	<i>Pastel Velho</i>	Alusão ao hábito que o apelidado tinha de, quando menino, comer, no fim do dia, os pasteis restantes do bar de seu pai.
Francisco Carlos Pereira	<i>Chiquinho do Lavador (ou seja, lavadouro de carros)</i>	Emprego de hipocorístico formado por truncamento e sufixação diminutiva do nome “Franciso”, seguido de expressão indicadora de sua profissão: proprietário do único posto de lavagem de carros da cidade.

Geni Ribeiro	<i>Pelé</i>	Atribuição, por chacota antonímica, do apelido de um dos maiores jogadores do futebol brasileiro de todos os tempos a um jogador de várzea da cidade.
Geraldo José Silva	Geraldo <i>Froxa</i> (de Frou-xa) <i>Égua</i>	Emprego de uma expressão idiomática corrente entre nós, como forma de mostrar o hábito que o apelidado tinha de andar a cavalo até que o animal não agüentasse mais.
Geraldo Antônio da Rocha	Geraldo <i>Turinha</i>	Uso da forma hipocorística diminutiva do vocábulo “tora” (de madeira) com valor aumentativo, como referência à robustez de corpo do apelidado.
Geraldo Costa Siva	Geraldo <i>Fubá</i>	Emprego metonímico do termo “fubá”, como indicador da profissão de “dono de moinho” do apelidado.
Heuber Dias Torres	<i>Fáisca</i>	Emprego metafórico do termo “fáisca” como forma de sinalização da magreza do apelidado.
Joaquim Antônio	Joaquim <i>Regaço</i>	Referência à maneira inesperada com que o apelidado costuma sair dos locais onde comparece.
Joaquim José Silva	Joaquim <i>Minhoca</i>	Alusão à paixão excessiva do apelidado pela pesca.
José Aderson da Rocha	<i>Zé do Frango</i>	Emprego de hipocorístico formado por redução silábica inicial, seguido do nome do animal identificador da profissão e da qualidade do serviço prestado pelo dono da melhor “casa de frango caipira” da cidade.
José Amador dos Santos	<i>Zé Pega Pinto</i>	Emprego de estrutura oracional que tem como sujeito um hipocorístico com redução silábica inicial, e, como predicado, um SV que serve para caracterizar o sujeito como ladrão de galinha.
José Angelino	<i>Zé (Angelino)</i>	Hipocorístico formado por redução silábica.
José Antônio Gomes	<i>Zé da Venda</i>	Uso de hipocorístico formado por redução silábica inicial, seguido de informação relativa à profissão do apelidado: dono de uma mercearia que começou como uma venda.
José Aparecido Ferreira	<i>Zé Capeta</i>	Uso de hipocorístico formado por redução silábica, seguido de uma das denominações do “demônio”, em razão da feiúra física de ambos.
José Atanásio Araújo	<i>Zé Cueca</i>	Adição a uma forma hipocorística formada por redução silábica inicial, do termo “cueca”, como referência ao hábito do apelidado de deixar aparecer uma parte dessa peça do vestuário masculino.
José Gonçalves Alves	<i>Prumo</i>	Alusão, por meio de metáfora, ao porte elegante e rijo do apelidado.
José Maria Augusto	<i>Zé Amendoim</i>	Alusão à profissão do apelidado, conhecido como grande produtor de amendoim.
José Paulo Oliveira	<i>Zé Miúdo</i>	Uso de hipocorístico formado por redução silábica inicial, seguido de adjetivo indicador de sua compleição física diminuta.
José Rosalvo Pereira	<i>Soró</i>	Referência à semelhança física entre o apelidado e o ator, cantor e compositor pernambucano Arnoud Rodrigues, que fez o maior sucesso como intérprete Soró Sereno, na novela “Pão pão, beijo beijo”, escrita por Walter Negrão de Lima para a Rede Globo de Televisão.
Laureci Alves Dias	<i>Cenourão</i>	Emprego, por analogia, do nome do legume que serve para sinalizar a altura e a profissão do apelidado, identificada através do uniforme da COPASA, de cor alaranjada.
Leandro de Pinho	<i>Mangão</i>	Informação a respeito do hábito do apelidado em mangar, zombar das pessoas.
Luciano Siqueira Ramos	<i>Juquinha</i>	Homenagem prestada a um tio do apelidado, conhecido com o apelido hipocorístico <i>Juca</i> .
Luiz Antônio Oliveira	<i>Pedro Coberta</i>	Comparação do apelidado com uma mendigaque só andava pelas ruas arrastando uma coberta.
Magno Marcos Machado	<i>Meio Quilo</i>	Indicação da compleição física franzina do apelidado, que hoje não tem mais as mesmas características de franzino.
Maria de Fátima Oliveira	<i>Maria Cambeba</i>	Adjunção ao primeiro prenome de batismo da apelidada do nome de uma das tribos indígenas do grupo tupi-guarani.
Maria das Dores Lopes	<i>Fuapa</i>	Uso de termo de origem desconhecida tanto pela apelidada quanto pelos seus conhecidos.

Maria de Fátima Oliveira	Maria <i>Cambeba</i>	Alusão à semelhança física da apelidada com as mulheres índias.
Maria Hilda Félix	<i>Natinha</i>	Emprego metafórico do diminutivo de “nata”, como indicação da brancura da pele da apelidada.
Maria José dos Santos	<i>Juca</i>	Homenagem prestada a um primo conhecido com o apelido hipocorístico <i>Juca</i> .
Maria José Silva	<i>Tita</i>	Uso de hipocorístico já cristalizado como apelido
Mauro Antônio dos Santos	<i>Bandolim</i>	Indicação, em forma metonímica, de bandolinista.
Modesta Evaristo Ferreira	<i>Sá Deca</i>	Uso de forma de tratamento respeitosa seguida de hipocorístico cristalizado como apelido.
Moisés Felix	<i>Bodão</i>	Analogia com a barbicha do bode e alusão, através do aumentativo, ao machismo do apelidado.
Nelson Vieira	<i>Binguinha</i>	Alusão ao cacoete do apelidado em acender sem parar o isqueiro (binga) que traz consigo para acender o cigarro.
Rosimeire Gonçalves da Silva	<i>Tunga</i>	Atribuição do nome de um inseto (bicho-de-pé) como referência ao pequeno porte físico da apelidada.
Sérgio Oliveira Costa	<i>Robô</i>	Uso metafórico de termo que traduz o jeito de andar do apelidado.
Valter Antônio do Carmo	<i>Maninho</i>	Extensão de uso da forma hipocorística diminutiva atribuída pelo irmão do apelidado.
Vanderlisa Queirós	<i>Preta</i>	Nominalização de adjetivo de acepção contrária ao traço físico real da apelidada que, na verdade, tem a pele branca.
Walmir Luís dos Santos	<i>Grilo</i>	Atribuição metafórica do nome de um inseto tão magro quanto o apelidado.
Werley Peixoto	<i>Ruela</i>	Metaforização do substantivo comum “ruela” como indicação do tipo físico rotundo do apelidado.

**Quadro 19: Apelidos relacionados com traços pessoais dos jacurienses**

**Fonte: Dados da pesquisa**

O Quadro acima nos revela tendências mais ou menos gerais na construção dos apelidos em São José do Jacuri. De ordem mais geral são, por exemplo: a alusão a **traços físicos** do(a) apelidado(a) e o **caráter inofensivo** dessa alusão. Isso sem falar na comparação, positiva ou negativa, entre o apelidado e outra pessoa conhecida ou entre o apelidado e o animal portador do traço salientado no apelido.

Outra forma de apelidamento — comum no mundo inteiro — é a que traduz o sentimento de carinho que as crianças despertam em nós. Para melhor interagir com elas, costumamos infantilizar nossa linguagem chamando-as de “bebê”, “nenê”, “neném”, “docinho”, etc., ou inventando termos mais ou menos onomatopaicos que fazem eco a seus balbucios. O uso intensivo de um desses vocábulos pode resultar na sua extensão em forma de apelido. Entre os jacurienses são comuns os seguintes:

NOME	APELIDO	MODO DE FORMAÇÃO DO HIPOCORÍSTICO
Ana Luiza	<i>Lulu</i>	Reduplicação da primeira sílaba do nome “Luiza”.
Anderson Mota	<i>Lelé</i>	Reduplicação de sílaba de nome não identificado pelo próprio apelidado.
Antônio Alves de Meira	<i>Toninho</i> (da Stela)	Truncamento da sílaba inicial e sufixação diminutiva do nome “Antônio”

Antônio Pedro dos Santos	<i>Nico</i>	Truncamento e sufixação diminutiva (-ico) do nome “Antônio” (Antonico > Tonico > Nico)
Carlos Renato Silva	<i>Caim</i>	Corruptela (-im) do sufixo diminutivo – inho, agregado ao nome “Carlos”: Carlinho(s) > Caim.
Carlos Roberto Nogueira	<i>Zizi</i>	Extensão de uso de forma hipocorística cristalizada como apelido entre nós.
Conceição Emília dos Santos	<i>Tica</i> (do Zé Angelino)	Extensão de uso de forma hipocorística cristalizada como apelido entre nós.
Dirciléia Polidoro Monteiro	<i>Ném</i>	Extensão de uso de hipocorístico formado com truncamento silábico (Neném > Ném), cristalizado como apelido entre nós.
Ederval Luís Gomes	<i>Vazinho/Vazim</i>	Derivação diminutiva com truncamento silábico : “Ederval” > “Val” > “Vazinho” > “Vazim” (pronúncia popular)
Efigênia França Lima	<i>Tita</i> (do Zé Lima)	Extensão de uso de forma hipocorística resultante de redução silábica e de sufixação diminutiva, cristalizada como apelido entre nós.
Elisângela Maria de Carvalho	<i>Mininha</i>	Uso do hipocorístico de sentido geral “menina” reforçado como tal por meio de derivação sufixal diminutiva.
Fábio José Almeida	<i>Piquitito</i> (de Pequetito)	Extensão de uso de hipocorístico formado por sufixação diminutiva do adjetivo “pequeno”, cristalizado como apelido entre nós.
Hélio Oliveira Alves	<i>Liu</i>	Uso de hipocorístico formado por redução silábica inicial do nome do apelidado: <b>Hélio</b>
José Lopes do Carmo	<i>Zé Lupim</i>	Uso duplo de hipocorístico, sendo o primeiro formado por redução silábica inicial do nome “José”, e o segundo, por sufixação diminutiva popular do sobrenome do apelidado: “Lopes”.
José Maria de Oliveira	<i>Lô</i>	Emprego de hipocorístico formado por redução de nome desconhecido pelo próprio apelidado.
José Maria Monteiro	<i>Nenego</i>	Redobro da sílaba inicial de “nego”, item de aceção indeterminada.
Jovanete Maria Augusto	<i>Pitoca</i>	Forma hipocorística de origem desconhecida ou criada aleatoriamente.
Leidinalva Martins	<i>Xuquinha</i>	Derivação por sufixo diminutivo de forma hipocorística criada aleatoriamente.
Liziane de Carvalho	<i>Lili</i>	Repetição da primeira sílaba do nome da apelidada.
Luciano Siqueira Ramos	<i>Juquinha</i>	Derivação por sufixação diminutiva de nome também hipocorístico.
Marcelo Maia	<i>Binha</i>	Criação hipocorística por meio de derivação diminutiva criada aleatoriamente em nossa língua.
Maria da Conceição Rocha	<i>Lulusca</i>	Repetição de sílaba estranha ao nome da apelidada e uso de sufixo de origem eslava.
Maria das Dores Alves	<i>Doxinha</i>	Derivação sufixal diminutiva a partir da conjunção do nome da apelidada com o vocábulo “doce”, pronunciado
Maria das Dores Nascimento	<i>Dozinha</i>	Derivação sufixal diminutiva a partir da primeira sílaba do nome da apelidada.
Maria das Dores Oliveira	<i>Nenega</i>	Extensão do uso de hipocorístico formado com sílaba repetida, já cristalizado com o <i>status</i> de apelido entre nós.
Maria de Carvalho Nascimento	<i>Lizinha</i>	Extensão do uso de hipocorístico formado com sílaba repetida, já cristalizado com o <i>status</i> de apelido entre nós.
Maria Geralda Gomes	<i>Zu</i>	Extensão de uso de hipocorístico já cristalizado como apelido entre nós.
Maria Geralda dos Santos	<i>Dinha</i> (do Jair Soldado)	Extensão de uso de hipocorístico diminutivo cristalizado como apelido entre nós.
Rosilei Milene Araújo	<i>Tica</i> (do Zé Cueca)	Extensão de uso de hipocorístico já cristalizado como apelido entre nós.
Rosimeiry Vilarino Alves	<i>Mizuca</i>	Criação de forma de expressão carinhosa.
Sebastião Maia Nascimento	<i>Du</i>	Extensão de uso de forma hipocorística empregada habitualmente como apelido de pessoas de nome “Eduardo”, “Duarte”, “Durvalino”, etc.
Vagner Oliveira Gomes	<i>Lulu</i>	Extensão de uso de forma hipocorística empregada habitualmente como apelido de pessoas de nome “Lúcio”, “Luiz”, “Lucas”, etc.
Vanderléia Vilarino	<i>Tuca</i>	Extensão de uso de hipocorístico formado por redução silábica, já cristalizado como apelido entre nós.

**Quadro 20: Apelidos jacurienses de caráter hipocorístico**

**Fonte: Dados da pesquisa**

Nascidos, comumente, em contextos propícios à manifestação de afeto, de carinho, os apelidos hipocorísticos relacionados acima, incidem sobre jovens, adultos e idosos, o que significa que já foram desprovidos de seu efeito de sentido originário. No correr da pesquisa, tivemos a impressão de que existe uma distribuição entre eles no que diz respeito a guardarem, ou não, alguma reminiscência desse efeito. Assim, os hipocorísticos formados a partir do nome de batismo da criança retêm mais a ideia do sentimento desencadeador de sua criação; por sua vez, os que não apresentam essa relação com o nome de pia, pois que já se consolidaram na língua como nome da classe dos apelidos, deixaram no esquecimento essa motivação.

No que tange aos primeiros, retentores de alguma lembrança do passado, os que são formados por derivação sufixal diminutiva (*Doxinha, Dozinha, Juquinha, Lizinha, Toninho, Vazinho/Vazim, Xuquinha, etc.*) detêm com maior vigor a sua motivação pragmática, distinguindo-se, portanto, dos constituídos por repetição silábica (*Lelé, Lili, Lulu, Nenega, Nenego, Zezé, Zizi, etc.*).

Obviamente, essas observações não passam, aqui, de simples especulações a serem confirmadas, ou não, em trabalho de pesquisa destinado a resolver esse tipo de questão.

#### 4.6 Conclusão

Sob a voz de uma de suas **Mulheres cheias de graça**, Melo (2009) assim se manifesta a respeito da relação entre o **nome** e a pessoa que o detém:

**Maria Célia** é nome bonito demais para a menina mais nova do compadre Celso. Não combina com ela. As feições não dizem o mesmo que o nome. **Há uma discrepância entre a feiúra da moça e a beleza do nome.** Bem que poderia ser Jovina. O mesmo acontece comigo, só que ao contrário. Nunca me conformei com esse nome de pássaro que meu pai resolveu me dar. **Juriti é nome que me expõe ao pecado do ódio.** [...] Meu nome consta no inventário, e não tenho como retirar. Recebo, querendo ou não. (MELO, 2009, p. 89-90; grifos nossos)

Ainda que de natureza ficcional, esse tipo de observação é bem-vindo neste trabalho, no qual procuramos mostrar que os nomes próprios, por mais esvaziados que sejam de carga referencial externa, não deixam de nos dar uma ideia do contexto histórico, político, econômico e sociocultural em que se encontram inseridos e que ajudam a construir.

Em São José do Jacuri, por exemplo, os “**NOMES DE PIA**” nos revelam o seguinte estado de coisas:

- a) ainda se mantém uma certa tradição na escolha do nome de batismo das crianças por parte dos pais;
- b) essa tradição aparece expressa através do ato de homenagem prestado pelos pais aos santos de sua devoção, a seus familiares, ou a seus amigos;
- c) dentre os nomes de santo, o de Nossa Senhora, considerada em Seus diferentes atributos e locais de aparição, é o que mantém a preferência dos pais jacurienses;
- d) um movimento renovador vem tentando romper com essa tradição, através de outros tipos de opção correntes em todo o Brasil;
- e) dentre as mudanças observadas, chame-se a atenção aqui para aquela que vem revertendo o gosto das classes alta e média, de um lado, e da classe popular, de outro, no ato de nomeação de seus filhos: as duas primeiras vêm prestigiando os nomes de santo ou nomes considerados corriqueiros entre nós; a segunda, até há pouco afeiçoada àqueles, vem procurando “aparecer”, batizando os filhos com nomes esdrúxulos ou tomados de empréstimo (com alterações linguísticas e gráficas bizarras) a figuras em “alta” na mídia nacional e internacional.
- f) em termos configuracionais, predominam os nomes compostos de dois núcleos ligados um ao outro com ou sem preposição;
- g) independentemente de sua feição estética, os nomes de batismo são rejeitados por seus donos, em favor do apelido que portam.

No tocante aos **apelidos** pode-se dizer que:

- a) em geral, não são lesivos às pessoas a que são atribuídos;
- b) os mais frequentes são aqueles que fazem alusão a algum traço do apelidado, seja ele físico, psíquico, intelectual, ou moral, ou a algum hábito que lhe seja peculiar;
- c) essa espécie de alcunha é conferido preferentemente aos homens;
- d) a espécie mais aplicada às mulheres é a que contém “prenome + nome/apelido do marido”;

e) a forma de apelidamento feita através da menção da profissão do apelidado nos remete ao quadro econômico vigente em São José do Jacuri;

f) os tipos de apelido acima alistados têm como seu maior concorrente os que são de caráter hipocorístico;

g) o *status* configuracional de todos esses tipos é extremamente variado, pois que implica a utilização de diferentes processos de formação vocabular, além da experiência e criatividade próprias do povo jacuriense;

h) os apelidos são bem mais motivados que os nomes de batismo.



Foto 4: Lembrança da primeira igreja de São José do Jacuri

**5 CONSIDERAÇÕES FINAIS:  
“DIZE-ME O TEU NOME OU TEU APELIDO,  
QUE TE DIREI DE ONDE VENS...”**

Na hora de colar ao filho uma etiqueta para toda a vida, não só a imaginação [dos pais] se põe a trabalhar. Entram no jogo o espírito religioso, a definição política, a fascinação por supostos heróis do dia, o desejo de transferir ao recém-nascido virtudes e glórias de um modelo prestigioso, pela identidade onomástica. Há um fator de magia inconsciente na operação, muitas vezes com péssimo resultado, porque dando pasto ao ridículo, mas a intenção é pura. Não podemos simplesmente gozar os nomes pantafaçados de gente, pois eles convidam a meditar no mistério da criação. Faz-se um filho, mais ou menos conscientemente, mas uma vez nascido (ou mesmo antes) procede-se a um segundo e sutil ato criador, que é o de individualizá-lo por meio de um nome que o marque para sempre — nome que seja um sinal concreto, uma tatuagem indelével na pele de sua vida.

Carlos Drummond de Andrade (1974, p. 9-10)

A despeito de seu caráter ficcional, literário, as observações registradas na epígrafe acima, assim como tantas outras provenientes de autores de diferentes tempos e espaços, servem para confirmar a hipótese central do trabalho aqui desenvolvido: a de que “a língua não é um mapeamento arbitrário de ideias para enunciados: razões estritamente humanas de importância e complexidade refletem-se nos seus traços estruturais” (CUNHA; COSTA; CESÁRIO, 2003, p. 34). Confirme-se tal ideia nos termos do próprio Carlos Drummond, acima citado, para quem à imaginação dos pais, nomeadores por excelência, se ajuntam “o espírito religioso, a definição política, a fascinação por supostos heróis do dia, o desejo de transferir ao recém-nascido virtudes e glórias de um modelo prestigioso, pela identidade onomástica” (ANDRADE, 1974, p. 9).

Todavia, embora essas conclusões se estendam aos atos de nomeação oficial das crianças do Jacuri, não podemos nos esquecer de que, no mais das vezes, seu tempo de duração é curto e sua motivação insuficiente para manter a escolha primeira dos pais. Na verdade, essa escolha acaba motivando novo ato de nomeação então efetuado por apelidamento. Essa é, pois, uma das peculiaridades lexicais do linguajar do Jacuriense: o desdobramento, em duas camadas temporais distintas, de sua antroponímia, sendo a primeira comandada pelos pais e a segunda, pelos filhos.

Na pesquisa efetuada em São José do Jacuri, foram levadas em conta as duas possibilidades de nomeação de pessoas — “nome de pia” e apelido —, embora fosse clara a preferência de seu povo em ser chamado pelo apelido. Contudo, conforme pudemos constatar, essa opção não chega a comprometer os parâmetros que regem a formação vocabular do português, que, segundo demonstrado em capítulo especial, tem como estratégias básicas os processos de *composição* e *derivação*. A grande novidade tem a ver com os motivos da *escolha* dos nomes pelos pais, escolha essa que, nos termos de Drummond, citado na epígrafe acima, implica um jogo complexo formado de peças culturalmente díspares como: “o espírito religioso, a definição política, a fascinação por supostos heróis do dia, o desejo de transferir ao recém-nascido virtudes e glórias de um modelo prestigioso, pela identidade onomástica” (ANDRADE, 1974, p. 9).

Consciente das limitações do trabalho aqui apresentado, salientamos, num balanço geral final, os aspectos que nos despertaram maior atenção tanto no que diz respeito ao processo de formação lexical onomástico em si quanto nas causas motoras das escolhas feitas pelos pais.

No que tange às estratégias utilizadas pelos jacurienses na escolha ou criação própria dos nomes e apelidos de seus congêneres, ratificamos a conclusão acima referida de

observância dos recursos canônicos do português, dentre os quais, a preferência pelos processos de *composição* e *derivação*. Entre os homens, por exemplo, privilegia-se, na formação dos **nomes de pia** o recurso da justaposição contínua (sem preposição) de dois núcleos prenominais que, não raras vezes, resultam numa combinação esdrúxula: *Coely Regina, Clayner Pacelli, Creuzo Maria, Elza Maurício, Ricksonerlleer Afonso, Taffarel Júnior, Última Tatiana*, etc.

Contudo, essa preferência não é a mesma, em sua manifestação linguística, entre os homens e as mulheres.

Embora utilizado na constituição dos **apelidos** —*Geraldo Calcinha, Geraldo Fubá, Geraldo Piqueno, Zé Pega Pinto, Zé Ratinho*, etc.—, o processo de composição difere, semântica e pragmaticamente dos nomes de batismo. Quase sempre, o seu segundo elemento carrega um valor próprio, motivado por alguma característica do apelidado: ‘coleccionador de calcinhas de mulheres’, ‘trabalhador na moenda do milho’, ‘pessoa de estatura baixa’, ‘ladrão de galinhas’, ‘indivíduo de compleição física minguada’, nos nomes supracitados.

Forte concorrente do processo de composição é o engendramento de apelidos masculinos por **derivação** de cunho hipocorístico, expresso por sufixação diminutiva, por repetição silábica, por redução do prenome, etc.. Exemplos: *Marquinho, Caim* (Carlinhos), *Lulu, Lelé, Zé, Nico* (por Antonico), etc.

Um fato interessante (e importante) a registrar na atribuição de alcunhas é que ela não se manifesta igualmente entre homens e mulheres, em termos de preferência do recurso linguístico utilizado. Se, da parte dos homens, temos três tipos básicos de escolha — por adjunção ao prenome de batismo (alterado, ou não, em sua forma) de outro relacionado com seus atributos ou defeitos; por formação hipocorística, ou por substituição de todo o prenome por outro relacionado com algum traço físico, moral, ocupacional, etc. do apelidado —, da parte das mulheres o quadro é outro. O recurso-mor de apelidamento feminino é a adjunção de um Sintagma Preposicional ao seu prenome (alterado, ou não), que, de caráter possessivo, lembra o seu “patrão”: o marido. Essa é a situação de esposas como: *Ana do Márcio, Cleonice do Vander, Ione do Iécio, Maria do Adãozinho, Sandra do Liu* e outras mais aqui lembradas.

Tomados em seu conjunto, tanto os nomes de batismo quanto os apelidos se distribuem em duas grandes camadas cronológicas distintas, intermediadas por outra, que serve para marcar um *continuum* entre aquelas. Essa tripartição, vale dizer, não deve ser vista como o retrato de um movimento linear de superposição de itens lexicais originados de recortes temporais distintos um do outro. Se assim fosse, não teríamos, ainda hoje, crianças jacurienses batizadas com o prenome de *Adão, José, Maria, João, Isabel, Pedro, Paulo*, etc.,

que, vindos de priscas eras, convivem tranquilamente com nomes modernos como: *John Lennon*, *Filipe Maik*, *Maikel Jacson*, *Silvestre Stolone*, *Leididai*, *Leididaiana*, *Lady Laura* (mãe de Roberto Carlos), *Talya* (cantora e atriz mexicana), etc.

Prestado esse esclarecimento, vejamos a conformação das camadas vocabulares acima anunciadas.

## A - Nomes de Batismo

### a) Camada mais antiga

Compreende os nomes transferidos de pessoas célebres que viveram até o início da época contemporânea. Como era de prever, ela é constituída maciçamente de nomes de personagens religiosas transpostos da **Bíblia** — Antigo e Novo Testamento — ou do panteão dos santos canonizados, bem como de pessoas renomadas de determinados domínios. Exemplos: *Adão das Dores*, *Agostinha Ana*, *Ana Pedro*, *Esdras Lázaro*, *Eva do Carmo*, *Miqueias Ezequiel*, *Izabel de Paula*, *Maria José*, *Maria Mônica*, *Pedrelina Aparecida*, etc.

### b) Camada mais recente

Compõe-se de nomes de figuras de destaque no meio religioso (principalmente católico), artístico, intelectual, desportivo, político, etc., Exemplos: *Bento Evaristo*; *Maikel Jacson*, *Raul Seixas*; *Raí*, *Ronaldinho*, *Sócrates*; *Aércio*, *Carlos Lacerda*, *Eduardo Azeredo*, etc.

Interligando as duas camadas, temos uma terceira, intermediária, que congrega nomes cronologicamente híbridos: a **camada de interface**, que abarca, pelo menos, dois tipos de prenomes:

**i-** os formados por conjunção de dois ou mais núcleos cronologicamente distintos, ou seja, um(ns) advindo(s) de tempos mais remotos e outro(s), de tempos mais recentes. Exemplos: *Larissa Ambrosina de Lourdes*, *Heriky Raimundo*, *Jânio da Conceição*, *Kenedy Emanuel*, *Julenilson Jorge*, *Maria Nora Nei*, *Mayume Anastácia*, *Napoliane Aparecida*, *Lenon Luís*, *Núbia Cristina de Jesus*, *Ricksonerller Afonso*, *Rivelino Aparecido Jesus*, *Simone Paulo*, *Suely Victor*, etc.

**ii-** os resultantes do processo de reinterpretação de nomes diminutivos como nomes de grau normal, o que implica a perda do carácter hipocorístico do termo-fonte. Exemplos: *Alzirinha* (Rosângela), *Carleto*, *Carmita*, *Cleusinha*, *Geraldinho*, *Serginho*, *Tonica* (Geralda), *Toninho* (Cléber), etc. No caso, convém lembrar, nenhum deles está relacionado

com o nome de algum familiar ou amigo, o que afasta a hipótese de derivação diminutiva motivada por reverência.

## B- Apelidos

Apesar dos traços que lhes são peculiares, os apelidos, similarmente aos nomes de batismo, podem ser distribuídos em camadas que se distinguem umas das outras de acordo com o tipo de mesclagem cronológica de seus formantes, ora co-ocorrentes na sincronia atual. As explicações e os dados ilustrativos abaixo expostos elucidam melhor a divisão aqui preconizada.

### a) Camada mais antiga

De conformação binuclear, tem como padrão o seguinte perfil estrutural: um primeiro elemento equivalente a um nome de pia de camada mais antiga, que vem complementado por um SPrep constituído da preposição **de**, que rege um SN cujo núcleo nada mais é que uma repetição, *ipsis litteris*, do nome de batismo do cônjuge, de um dos progenitores ou familiares outros do apelidado. O esquema a seguir fornece uma visão mais precisa desse tipo de construção:

#### Nome de pia do apelidado + SPrep

SPrep = de + SN

$$\text{SN} = (\dots) \text{N} \left\{ \begin{array}{l} \text{nome de batismo do cônjuge} \\ \text{de um dos progenitores,} \\ \text{de outro membro familiar} \\ \text{de amigo(a)} \end{array} \right\} (\dots)$$

Sujeito à recursividade (*Naquite da Ana do Zé da Marcela, Vanderlei do João da Tuca*), pelo que se pode ver no esquema acima, o segundo componente do SPrep está sujeito a variações semântico-pragmáticas, dentre as quais, as que nos dão notícias acerca da linhagem do apelidado (sobretudo de seus progenitores), ou de seu estado civil — possibilidade mais comum entre as mulheres, conforme visto no Capítulo 4. Exemplos desses dois tipos de ocorrência:

- i- Relativos à filiação: *Antônio da Cassilda, Geraldo de Sá Joana, Nilson do Eli*, etc.
- ii- Relativos ao estado conjugal: *Cleonice do Vander, Ione do Iécio, Sebastião da Tuzinha, Maria do Adãozinho*, etc.

### b) Camada mais recente

Em coerência com o critério aqui adotado, distingue-se da primeira por ter, como formantes, nomes de batismo do apelidado que sofreram modificação semântica marcada por processos de mudança fonética e/ou morfológica. Dentre as alterações observadas no *corpus*, ressaltam-se:

**i-** as que resultam em efeito hipocorístico obtido por meio do recurso à derivação sufixal diminutiva, à repetição ou redução silábica e à repetição e redução silábica conjunta do nome oficial. Exemplos: *Caim* (por Carlinhos), *Lili* (Liziane), *Lulu* (Ana Luíza), *Neném* (Armando), *Nico* (Antônio > Antonico), *Vazinho* (Edervalzinho > Vazinho);

**ii-** as que decorrem da substituição do nome de batismo por nominalização de epíteto(s) relacionado(s) com algum traço físico, moral ou intelectual do apelidado, de seu jeito de ser e de agir, ou de sua ocupação. Exemplos: *Caçapa* (Vander Francisco), *Grilo* (Walmir Luís), *Liso* (Edson Alves), *Faisca* (Heuber), *Pastel Velho* (Flávio), etc.

**iii-** as que implicam a ação conjunta dos dois processos acima, de atribuição de nome distinto do oficial, dotado de forma e/ou de acepção hipocorística. Exemplos: *Fominha* (Edson), *Lelé* (Anderson), *Piquitito* (Fábio), *Zé Miúdo* (José Paulo), *Zé do Frango* (José Aderson), *Zé Ratinho* (José Antônio Barroso), *Zé da Venda* (José Antônio Gomes), etc.

**iv-** as que procedem da substituição do nome de batismo por outro completamente diferente. Exemplos: *Neide* por Cleimar; *Zélia* por Gisele; *Eunice* por Oniz; *Alex Júnior* por Vailton de Oliveira, etc.

Por sua vez, fazem parte do que vimos chamando de **camada de interface**, as alcunhas assim fixadas:

**i-** por agrupamento do nome de batismo —correspondente a uma cronologia mais antiga — acompanhado de termo-apelido — de cronologia mais recente. Exemplos: *Ângela da Fuapa* (Maria das Dores); *Aparecida do Toninho* (Antônio); *Bento de Sá Deca* (Modesta Evaristo); *Cláudio da Juca* (Maria José); *Conceição do Zé Lupim* (José Lopes);

**ii-** por anexação de um nome de batismo (forma aqui considerada como de camada antiga) a um nome apelido (forma aqui tomada como de camada recente). Exemplos: *Chico da Risoleta*; *Lourdinha do Jorge*; *Toninho da Geneci*; *Toninho do Jair*; *Toninho da Stela*; *Zé da Marcela*; *Zé do Américo*, etc.

Delineado esse quadro geral, cabe-nos responder à questão básica que suscitou o tipo de investigação e análise aqui efetuado, questão essa anunciada no subtítulo da dissertação e

retomada, no título deste capítulo final de uma forma ainda mais forte e, por conseguinte, mais desafiadora: “Dize-me o teu nome ou apelido, que te direi de onde vens”. Na verdade, subentende-se nesse enunciado o desejo de que ela seja interpretada como um convite a novas pesquisas que, efetuadas à luz de outras linhas teóricas, de procedimentos metodológicos mais sistemáticos e apurados, possam corrigir os enganos aqui cometidos e completar as lacunas aqui deixadas.

De nossa parte, cabe-nos cumprir, a seguir, uma última tarefa: a de revelar, com base nos negativos dos retratos dos nomes próprios e apelidos componentes do *corpus* aqui examinado, fatos da comunidade Jacuriense, com seus hábitos, crenças, costumes e linguajar próprios:

**a)** no que tange ao **processo de formação lexical**, repita-se uma vez mais que, apesar das improvisações antroponímicas por vezes bizarras, dos assentamentos escritos, em cartório, fora da norma gramatical culta, dos diversos tipos de interferência da língua oral nas designações por nome de batismo e por apelidos, os habitantes do Jacuri, seguem os cânones morfológicos próprios ao processo de formação vocabular vigente entre nós (apresentado e comentado no Capítulo 3);

**b)** no que toca à **tensão** existente entre o antigo e o novo, observam-se, nos dados aqui examinados, as seguintes tendências:

**i-** a opção dos moradores em geral pelo emprego/atribuição de apelidos (o novo), em detrimento dos nomes de batismo (o velho), que, a nosso ver, implica:

- a expressão de um movimento de caráter mais profundo por parte dos “insurgentes”, que, com a substituição do nome oficial, tentam romper com a imposição de outrem (no caso, os pais), buscando exercer a liberdade da escolha pessoal;

- uma mudança semântico-pragmática nos nomes de pia, que, muitas vezes, assumem o mesmo *status* de termos de xingamento;

**ii-** a manutenção, no plano religioso, do culto aos santos, por meio da atribuição do nome de vários deles às crianças jacurienses, a que se contrapõe o deslocamento (em franco progresso) desse tipo de homenagem para pessoas tornadas ídolos da modernidade;

**iii-** a atribuição de nomes estrambóticos *versus* a de nomes até então usuais, como forma de expressão de poder, de subrepujança, de auto-afirmação;

**c)** no que concerne aos **nomes/apelidos conferidos aos homens e às mulheres**, observam-se as seguintes discrepâncias:

**i-** o respeito maior à tradição, na escolha dos **nomes** das mulheres, batizadas, em maior proporção numérica que os homens, com o nome de figuras da religião católica, principalmente, o de Nossa Senhora.

**ii-** a preferência de concessão de apelidos formados com nomes de cônjuges às mulheres (*Maria Helena do Adélio*), o que as diferencia dos homens, que, em sua maioria, portam o nome de um de seus progenitores (de um modo geral, a mãe – Bento da Sá Deca) — fato que indicia a persistência do machismo e do preconceito contra as mulheres, uma vez que a expressão em pauta expressa a ideia de posse, ou talvez, por motivo patriarcal;

**d)** no que diz respeito às armas de **sedução política**, a oficialização de apelidos como forma de granjear para si eleitores, pertencentes, por sinal, em sua maior parte, às camadas populares. Nas últimas eleições, por exemplo, dos 34 candidatos jacurienses, apenas 5 mantiveram o seu “nome de pia”.

Num movimento circular, fechamos esta dissertação reforçando, com a repetição do último excerto da epígrafe de Drummond (1974), que serviu de abertura a este capítulo final, a grande lição que o tipo de pesquisa aqui desenvolvido nos proporcionou:

Não podemos simplesmente gozar os nomes pantafaçados de gente, pois eles convidam a meditar no **mistério da criação**. Faz-se um filho, mais ou menos conscientemente, **mas uma vez nascido (ou mesmo antes) procede-se a um segundo e sutil ato criador, que é o de individualizá-lo por meio de um nome que o marque para sempre — nome que seja um sinal concreto, uma tatuagem indelével na pele de sua vida.**

Carlos Drummond de Andrade (1974, p. 10; grifos nossos)

## REFERÊNCIAS

- A BÍBLIA: tradução ecumênica. São Paulo: Paulinas, 2002.
- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Dicionário escolar da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 2008.
- ALMEIDA BARBOSA, Waldemar de. **Dicionário da terra e da gente de Minas**. Belo Horizonte: Arquivo Público Mineiro/Imprensa Oficial, 1985.
- ALMEIDA BARBOSA, Waldemar de. **Dicionário histórico-geográfico de Minas Gerais**. Belo Horizonte: Promoção da Família Editora, 1971.
- ALVES, Iêda Maria. **Neologismo: criação lexical**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1990.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. Prefácio. In: SOUTO MAIOR, Mário. **Nomes próprios pouco comuns; contribuição ao estudo da antroponímia brasileira**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1974.
- ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DE MINAS GERAIS. **As denominações urbanas de Minas Gerais: cidades e vilas mineiras com estudo toponímico e da categoria administrativa**. Belo Horizonte: Assembléia Legislativa, 1997.
- ASSUMPÇÃO JR., Antônio Pio de. **Dinâmica léxica portuguesa**. Rio de Janeiro: Presença, 1986.
- ATHAYDE, Tristão de. Vida e morte das palavras. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 24 set. 1976. Cidade/Estado, p. 11.
- ATTWATER, Donald. **Dicionário de Santos**. 2. ed. São Paulo: Art Editora, 1991.
- AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da língua portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2008.
- AZEVEDO, Geraldo; ROCHA, Renato. Nomes de gente. In: MPB4. Rio de Janeiro: Ariola, 1981. CD.
- BANCO DE DADOS DO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE (DATASUS). Disponível em: [www.datasus.gov.br](http://www.datasus.gov.br). Acesso em 25 de agosto de 2008.
- BARBOSA, Maria Aparecida. **Léxico, produção e criatividade: processos do neologismo**. São Paulo: Global, 1990.
- BASÍLIO, Margarida. **Formação e classes de palavras no português do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. Ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- BECHARA, Evanildo. **O que muda com o Novo Acordo Ortográfico**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral II**. Tradução Eduardo Guimarães et al. Campinas: Pontes, 1989.
- BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. **Estudos de filologia e lingüística**, São Paulo: T. A. Queiroz Editor LTDA: USP, 1981.
- BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. **Teoria lingüística**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BITTENCOURT, Vanda de Oliveira. O “mineirês” do Vale do Rio Doce: da “arte” de nomeação e apelidamento na cidade de Piranga. Belo Horizonte: PUC Minas, 2007. Inédito.
- BRÉAL, Michel (194). **Ensaio de semântica**. Tradução Alda Ferrás et al. São Paulo: EDUC/Pontes, 2002.

BRITO, Adriano Naves de. **Nomes próprios: semântica e ontologia**. Brasília, Ed. Univ. Brasília, 2003.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Dicionário de filologia e gramática**; referente à língua portuguesa. 2. ed. ref. Rio de Janeiro/São Paulo: J. Ozon Editor, 1964.

CAMPOS, Helena Guimarães; FARIA, Ricardo de Moura. **História de Minas Gerais**. Belo Horizonte: Lê, 2005.

CARVALHINHOS, P. J. ; ANTUNES, A. M. Princípios teóricos de onomástica: toponímia e antroponímia -. o nome próprio. **Cadernos do CNLF** (CiFEFil), Rio de Janeiro, v. XI, p. 108-121, 2007.

CARVALHO, Nelly. **O que é neologismo**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CHAVES DE MELO, Gladstone Chaves. **Iniciação à filologia e à lingüística portuguesa**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1981.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**; mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Ed. rev. e aum. Tradução Vera da Costa e Silva et al. 21. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

CHOMSKY, Noam. **Aspectos de lingüística geral**. Lisboa: Almedina, 1978.

CITELLI, Adilson. **Palavras, meios de comunicação e educação**. São Paulo: Cortez, 2006.

COSERIU, Eugenio. **Princípios de semântica estrutural**. Madrid: Gredos, 1977.

COSERIU, Eugenio. **Lições de lingüística geral**. Tradução Evanildo Bechara. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

CUNHA, Celso. Para o estudo da poética dos nomes próprios. In: BARBADINHO NETO, Raimundo (Org.). **Estudos em homenagem a Cândido Jucá (filho)**. Rio de Janeiro: Organização Simões, [s.d]. p. 47-62.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindsley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3. ed. rev. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da; COSTA, Marcos Antônio; CEZARIO, Maria Maura. Pressupostos teóricos fundamentais. In: CUNHA, Maria Angélica Furtado da; OLIVEIRA, Mariângela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). **Lingüística funcional**; teoria e prática. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 22-55.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da; OLIVEIRA, Mariângela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). **Lingüística funcional**; teoria e prática. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

CUNHA, Newton. **Dicionário SESC**; a linguagem da cultura. São Paulo: Perspectiva/Sesc São Paulo, 2003.

DARMESTETER, A. **La vie des mots**. Paris: Librairie de La Grave, 1937.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **Toponímia e antroponímia no Brasil**; coletânea de estudos. São Paulo: Gráfica da FFLCH/USP, 1992.

DUBOIS, Jean et al. **Dicionário de lingüística**. Tradução Frederico Teixeira de Barros et al. São Paulo: Cultrix, 1993.

DUPIN, Sônia Maria de Carvalho. Hino da cidade de São José do Jacuri. São José do Jacuri, 2004.

ECO, Umberto. **Semiótica e filosofia da linguagem**. Tradução Mariarosaria Fabris e José Luiz Fiorin. São Paulo: Ática, 1991.

- FAULSTICH, Enilde L. de J. **Lexicologia**; a linguagem do noticiário policial. Brasília: Horizonte, 1980.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio** – dicionário de língua portuguesa séc. XXI. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FERREIRA, Jurandyr Pires (Org.). **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1959.
- FARACO, Carlos Alberto (Org.). **Estrangeirismos**; guerras em torno da língua. São Paulo: Parábola, 2001.
- FERRAREZI JUNIOR, Celso. **Da metáfora funcional e algumas implicações**. Porto Velho: Edufro, 2002.
- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**; uma arqueologia das ciências humanas. Tradução Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- FREITAS, Horácio Rolim de. **Princípios de morfologia**. Rio de Janeiro: Presença, 1979.
- GIVÓN, Talmy. **On understanding grammar**. New York: Academic Press, 1979.
- GIVÓN, Talmy. **Functionalism and grammar**. Amesterdam: John Benjamins, 1995.
- GUÉRIOS, R. F. Mansur. **Tabus lingüísticos**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.
- GUÉRIOS, Prof. Rosário Farâni Mansur. **Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes**. São Paulo: Ave Maria, 1981.
- GUÉRIOS, R. F. Mansur. Onionímia ou onomástica industrial. In: BARBADINHO NETO, Raimundo. **Estudos em homenagem a Cândido Jucá (filho)**. Rio de Janeiro: Organização Simões, [s.d.]. p. 177-207.
- GUIRAUD, Pierre. **A semântica**. Tradução e adaptação Maria Elisa Mascarenhas. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- ILARI, Rodolfo. **Introdução ao estudo do léxico**; brincando com as palavras. São Paulo: Contexto, 2002.
- ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **A língua da gente**; a língua que estudamos, a língua que falamos. São Paulo: Contexto, 2006.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Divisão territorial do Brasil e limites territoriais**. Brasília: IBGE, 2008.
- ISQUERDO, Aparecida Negri; OLIVEIRA, A. N. (Org.). **As ciências do léxico**; lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: Editora da UFMS, 1998. V. I.
- ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça (Org.). **As ciências do léxico**; lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: Editora da UFMS, 2004. V. II.
- ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça (Org.). **As ciências do léxico**; lexicologia, lexicografia, terminologia. São Paulo: Humanitas, 2007. V. III.
- JESPERSEN, Otto. Proper names. In: JESPERSEN, Otto. **The philosophy of grammar**. Chicago: Chicago University Press, 1992.
- LEFFA, Vilson J. **As palavras e sua companhia**. Porto Alegre: Educat, 2000.
- LEITE, Marli Quadros. Aspectos de uma língua na cidade: marcas da transformação social no léxico. In: PRETI, Dino (Org.). **Léxico na língua oral e na língua escrita**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2003.

- LEITE DE VASCONCELOS, J. **Antroponímia portuguesa**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1928.
- LEITE DE VASCONCELOS, J. Onomatologia\_ **Opúsculos**, Lisboa, v. III, p. 640-658, 1931.
- LIMA, Rocha. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 18. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.
- LOBATO, Monteiro. Emília no país da gramática. In: LOBATO, Monteiro. **Sítio do picapau amarelo**. São Paulo: Brasiliense, 1981. (Obra infantil completa).
- MANZOLILLO, Vito Cesar de Oliveira. 1995. **Dinamicidade lexical**: uma abordagem lingüístico-sociológica do empréstimo. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa.
- MAROUZEAU, J. **Précis de stylistique française**. Paris: Mason, 1946.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo; ARÊAS, Eduardo Kennedy. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: CUNHA, Maria Angélica Furtado; OLIVEIRA, Mariângela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). **Linguística funcional**; teoria e prática. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 17-28.
- MELO, Fábio de. **Mulheres cheias de graça**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2009.
- MELO NETO, João Cabral de. **Morte e vida severina**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.
- MEXIAS-SIMON, Maria Lúcia; OLIVEIRA, Aileda de Mattos. **O nome do homem**: reflexões em torno dos nomes próprios. Rio de Janeiro: H. P. Comunicação, 2004.
- MONTEIRO, José Lemos. Prefácio. In: MEXIAS-SIMON, Maria Lúcia; OLIVEIRA, Aileda de Mattos. **O nome do homem**: reflexões em torno dos nomes próprios. Rio de Janeiro: H. P. Comunicação, 2004.
- MORAES, Elias Soares de. **Dicionário de nomes bíblicos**. Londrina: Descoberta, 2006.
- ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira & identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- PAGLIARO, Antonino. **A vida do sinal**. Tradução e prefácio de Aníbal Pinto de Castro. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1952.
- PILLA, Éda Heloisa. **Os neologismos do português e a face social da língua**. Porto Alegre: AGE, 2002.
- PLATÃO. **Crátilo**: diálogo sobre a justeza dos nomes. 2. ed. Lisboa: Sá da Costa, 1994.
- PONTE PRETA, Stanislaw (Sérgio Porto). **A casa demolida**. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1963.
- PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS. Pró-Reitoria de Graduação. Sistema de Bibliotecas. **Padrão PUC Minas de normalização**: normas da ABNT para apresentação de trabalhos científicos, teses, dissertações e monografias. Belo Horizonte, 2008. Disponível em: <<http://www.pucminas.br/biblioteca>>. Acesso em 5 janeiro 2008.
- PRETI, Dino (Org.). **Léxico na língua oral e na escrita**. São Paulo: Humanitas, 2003.
- PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO (PNUD). **Atlas do desenvolvimento humano**. Brasília: PNUD, 2008.
- REVISTA de Lingüística **ALFA**. O estado da arte nas ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia. São Paulo: UNESP, 1998.
- RIO, João do. **A alma encantadora das ruas**. Organização Raúl Antelo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ROCHA, José Joaquim da. **Geografia histórica da capitania de Minas Gerais**; descrição geográfica, topográfica, histórica e política da capitania de Minas Gerais: memória histórica da capitania de Minas Gerais. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1995.

SANDMANN Antônio José. **Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo**. Curitiba: Scientia et Labor/Ícone, 1988.

SANDMANN Antônio José. **Morfologia geral**; novas palavras do português do Brasil, Nomenclatura Gramatical Brasileira, mecanismos de estruturação vocabular. São Paulo: Contexto, 1993.

SANTOS, Maria Leonor Ferraz de Oliveira Silva. A onomástica, o indivíduo e o grupo. **Arquipélago – História**, 2.<sup>a</sup> série, n. VII, p. 229-242, 2003..

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1970.

SEARLE, John R. **Os actos de fala**. Coimbra: Almedina, 1981.

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO DE MINAS GERAIS (SESC). **Afinal, o que é ser mineiro?** Belo Horizonte: SISTEMA FCEMG, [s.d.].

SGARBOSSA, Mario. **Os santos e os beatos da Igreja do Ocidente e do Oriente**. São Paulo: Paulinas, 2003.

SILVA NETO, Serafim da. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil**. 5. ed. Rio de Janeiro/Brasília: Presença/INL, 1986.

SOUTO MAIOR, Mário. **Nomes próprios pouco comuns**; contribuição ao estudo da antropônimo brasileira. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1974

SOUZA E SILVA, M. Cecília P. de; KOCH, Ingedore Villaça. **Lingüística aplicada ao português**: morfologia. São Paulo: Cortez, 1983.

SOUZA, Herbert de. Minas é Mãe. Bença, Mãe! In: SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO DE MINAS GERAIS (SESC). **Afinal, o que é ser mineiro?** Belo Horizonte: SISTEMA FCEMG, [s.d.]. p. 20-23.

STEFANI, Andressa Karina . A influência norte-americana na escolha dos nomes próprios. Disponível em <http://www.lfg.com.br>. Acesso em 26 de fevereiro de 2009.

TAVARES, Bráulio. Os personagens e seus nomes. **Revista Língua Portuguesa**, São Paulo, n. 41, mar. 2009.

TAVARES, Jorge Campos. **Dicionário de santos**. Porto: Lello Editores, 2001.

TORRES, João Camilo de Oliveira. **História de Minas Gerais**. Belo Horizonte: Difusão Pan-Americana do Livro, 1961. 5 v.

ULLMANN, Stephen. **Semântica**; uma introdução ao estudo do significado. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1973.

VALE, O. A. **Expressões cristalizadas do português do Brasil**: uma proposta de tipologia. São Paulo: UNESP, 2002.

VALENTE, André Crim. Produtividade lexical: criações neológicas. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino; GAVAZZI, Sigrid (Org.). **Da língua ao discurso**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

VAMPRÉ, Spencer. **Do nome civil**. Rio de Janeiro: F. Briguiet Editores, 1935.

VASCONCELOS, Diogo de. **História média de Minas Gerais**. 3.ed. Belo Horizonte/Brasília: Itatiaia/Instituto Nacional do Livro, 1974.

VASCONCELOS, Diogo de. **História Antiga de Minas Gerais**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974a. V. I.

VASCONCELOS, Diogo de. **História Antiga de Minas Gerais**. Belo Horizonte:Itatiaia, 1974b. V. II.

VERDELHO, Telmo. **História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro**. São Paulo: Humanitas/FFLCH, 2002.

VILELA, Mário. **Problemas da lexicologia e da lexicografia**. Porto: Civilização, 1989.

VITERBO, Fr. Joaquim de Santa Rosa de. **Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram**: obra indispensável para entender sem erro os documentos mais raros e preciosos que entre nós se conservam. Edição crítica de Mário Fiúza. Porto: Civilização, 1993.

**SITES DA INTERNET**

GT LEXICOLOGIA, LEXICOGRAFIA E TERMINOLOGIA da ANPOLL:

Disponível em: <http://www.mel.ileel.ufu.br>

WIKIPÉDIA – A ENCICLOPÉDIA LIVRE

Disponível em: [www.wikipedia.org](http://www.wikipedia.org)

WIKIPÉDIA: Minas Gerais

Disponível em: [www.portalminasgerais.com.br/mg-regioes.htm](http://www.portalminasgerais.com.br/mg-regioes.htm)

WIKIPÉDIA: Minas Gerais MesoMicroMunicípios.

Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:MinasGerais\\_MesoMicroMunicip.svg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:MinasGerais_MesoMicroMunicip.svg).